

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras

Hadassa Rodrigues Santos

**PROCESSOS DE EXPANSÃO LEXICAL DA LIBRAS NO AMBIENTE
ACADÊMICO**

Belo Horizonte

2017

Hadassa Rodrigues Santos

**PROCESSOS DE EXPANSÃO LEXICAL DA LIBRAS NO AMBIENTE
ACADÊMICO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Estrutura formal e conceitual da linguagem.

Orientador: Prof. Dr. João Henrique Rettore Totaro.

Belo Horizonte

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S237p Santos, Hadassa Rodrigues
Processos de expansão lexical da libras no ambiente acadêmico / Hadassa Rodrigues Santos. Belo Horizonte, 2017.
128 f.: il.

Orientador: João Henrique Rettore Totaro.
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Língua brasileira de sinais. 2. Lexicologia. 3. Neologismos. 4. Gramática comparada e geral - Morfologia. 5. Surdos - Meios de comunicação. I. Totaro, João Henrique Rettore. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 376.33

Hadassa Rodrigues Santos

**PROCESSOS DE EXPANSÃO LEXICAL DA LIBRAS NO AMBIENTE
ACADÊMICO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Prof. Dr. João Henrique Rettore Totaro (Orientador)
Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras – PUC/MG

Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira (Banca Examinadora)
Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras – PUC/MG

Prof.^a. Dr.^a. Janete Mandelblatt (Banca Examinadora)
Departamento de Ensino Superior – DESU/INES

Belo Horizonte, 10 de Fevereiro de 2017.

Ao meu esposo, Thalles Ricardo.

*Dedico esta dissertação, ainda, à comunidade surda, à qual me orgulho de pertencer e
partilhar seus ideais, lutas e conquistas.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é a fonte do conhecimento e Aquele que me permitiu chegar aqui.

Aos meus pais, por todo o cuidado, a fé e o amor transmitidos a mim. Seus ensinamentos são os mais valiosos em minha vida.

Ao meu esposo Thalles, por não me deixar desistir quando fui reprovada no primeiro exame de seleção universitária, e pelo incentivo nesta caminhada todos os dias. Obrigada por ver em mim uma capacidade que eu mesma desconhecia. Obrigada por inspirar e apoiar meus projetos de forma incondicional.

Aos meus irmãos, Talita, Késia e Isaque, pelas alegrias, companhia e carinho compartilhados sempre. Quem tem irmãos nunca está sozinho!

Aos meus amigos Felipe e Simone, por vivenciarem as expectativas, tensões e alegria de ser mestrandas.

À amiga Regiane Rezende, por todo o apoio dedicado.

A Cristina Menezes, por toda a ajuda dispensada.

À colega Flávia Lucimar, por inúmeras vezes dispor-se a responder minhas intermináveis perguntas.

Aos meus amigos Surdos que me ensinaram mais que uma língua, mas sua história, cultura e força.

Aos professores Me. Delmo Gonçalves e Ma. Dinéia Fontoura, por seus ensinamentos, orientações e amizade que me motivaram a dar continuidade à trajetória acadêmica.

Ao Professor Me. Marcos Paulo Nogueira, por ser o exemplo de mestre que desejo seguir.

Ao estimado Professor Dr. João Henrique Rettore Totaro, pela competência e dedicação com que orientou esta pesquisa. Minha admiração e gratidão por acreditar em mim e partilhar sabedoria e conselhos preciosos os quais levarei por toda a jornada acadêmica.

Ao Professor Dr. Marco Antônio Oliveira, pela presteza com que aceitou o convite para compor a banca examinadora, pela atenção e por suas relevantes contribuições à reflexão sobre meu objeto de estudo.

Aos Professores, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras da PUC/MG, pelo conhecimento, auxílio e incentivo recebidos.

A Professora Dra. Janete Mandelblatt do Departamento de Ensino Superior – DESU/INES, por compartilhar sua experiência de idealização, construção e coordenação do “Manuário Escolar e Acadêmico” em parceria com a Professora Dra. Wilma Favorito.

Ao NAI, Núcleo de Apoio à Inclusão da PUC-MG, pelos anos em que vivenciamos os desafios da inclusão no ambiente acadêmico, através da experiência propiciada pela atuação como TILS, e por ser parte fundamental desta pesquisa.

Aos alunos Surdos da PUC/MG que partilharam seu conhecimento e colaboraram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos profissionais TILS que contribuíram imensamente com este trabalho.

A Denise Werneck, por seu olhar atento e escolhas linguísticas que conferem clareza e coesão a este trabalho.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - **CNPq**, pelo incentivo à pesquisa e auxílio financeiro, possibilitando a realização deste trabalho.

A todos que, de alguma forma, estiveram presentes neste caminho.

A língua de sinais, nas mãos de seus mestres, é uma língua extraordinariamente bela e expressiva, para a qual, na comunicação uns com os outros e como um modo de atingir com facilidade e rapidez a mente dos Surdos, nem a natureza nem a arte lhes concedeu um substituto à altura. Para aqueles que não a entendem, é impossível perceber suas possibilidades para os Surdos, sua poderosa influência sobre o moral e a felicidade social dos que são privados da audição e seu admirável poder de levar o pensamento a intelectos que de outro modo estariam em perpétua escuridão. Tampouco são capazes de avaliar o poder que ela tem sobre os Surdos. Enquanto houver duas pessoas surdas sobre a face da Terra e elas se encontrarem, serão usados sinais.

J. Schuyler Long
Diretor da Iowa School for the Deaf
The sign language (1910).

RESUMO

O presente trabalho constitui uma pesquisa sobre a expansão lexical da Língua Brasileira de Sinais – Libras, a partir da análise de ocorrências neológicas emergentes no contexto acadêmico da PUC/MG, a fim de identificar processos que permitem a ampliação/renovação lexical na modalidade visuoespacial. Esta pesquisa fundamenta-se nos preceitos da Morfologia, sobretudo nos estudos que contemplam o fenômeno de expansão lexical, com ênfase nos processos neológicos verificáveis em Línguas de Sinais (LS). Uma das motivações para a pesquisa justifica-se no crescente ingresso de Surdos brasileiros em cursos de nível superior de ensino, o que lhes permite não apenas o acesso ao conhecimento científico, mas também a criação de novos sinais da Libras para referenciar verbetes existentes no Português Brasileiro (PB). Com o objetivo de compreender o fenômeno de expansão lexical, o acesso às novas ocorrências léxicas da Libras deu-se a partir da observação de contextos reais de sala de aula da graduação e por meio de entrevistas individuais que possibilitaram ao falante evidenciar os aspectos linguísticos e extralinguísticos envolvidos no processo criativo. Para tanto, ressaltou-se a relação entre os dados obtidos na pesquisa e a fundamentação teórica sobre a expansão lexical da Libras, apresentada por estudiosos do tema como Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006), Figueiredo Silva e Sell (2009), Faria-Nascimento (2009), Nascimento (2010), Pizzio (2011), Castro Júnior (2011; 2014), Oliveira (2015), entre outros autores consultados. Contemplando o objetivo desta pesquisa, os processos neológicos identificados no *corpus* foram classificados por ‘processos semânticos’, ‘processos composicionais’, ‘iconicidade’, ‘empréstimo estereotipado’ e ‘empréstimos por transliteração’. Propomos ainda novo processo morfológico em Libras, sugerindo uma classificação inédita: a ‘ancoragem lexical’. Pretendeu-se, com este trabalho, oferecer subsídios para a compreensão da estrutura e do funcionamento do léxico da Libras, de línguas de sinais e, sob perspectiva mais abrangente, de línguas naturais.

Palavras-chave: expansão lexical, língua de sinais, libras, léxico, neologismo, criação.

ABSTRACT

The present paper discusses the lexical expansion of Brazilian Sign Language – Libras. Through the analysis of emerging geological occurrences in the academic context of PUC/MG, we can identify processes that allow the expansion/lexical renewal in visual-spatial mode. This dissertation is based on the tenets of the Morphology of languages, studies that consider the lexical expansion phenomenon and it emphasizes the neological processes verifiable in Sign Language (SL). One of the motivations for this study is justified by the increasing entry of Brazilian deaf students in higher level courses of education, which allows them not only access to scientific knowledge, but also the creation of new signs of Libras to reference existing concepts in Brazilian Portuguese (BP). In order to understand the phenomenon of lexical expansion, the access to new lexical occurrences in Libras comes from the observation of real contexts of Graduation classroom and through individual interviews that allowed the speaker to highlight the linguistic aspects and extra linguistic involved in the creative process. Therefore, this dissertation highlighted the relationship between the data obtained through the research and the theoretical framework of lexical expansion of Libras, by scholars from this area, as Quadros and Karnopp (2004), Felipe (2006), Figueiredo Silva and Sell (2009), Faria-Nascimento (2009), Nascimento (2010), Pizzio (2011), Castro Júnior (2011; 2014), Oliveira (2015), among other authors consulted. Contemplating the objective of this study, the neological processes identified in the *corpus* were classified as 'semantic processes', 'compositional processes', 'iconicity', 'stereotypical loan' and 'transliteration loans'. We proposed also a new morphological process in Libras, suggesting a novel classification: 'lexical anchor'. It was intended, with this study, to offer subsidies for understanding the structure and functioning of Libras lexicon of sign languages and broader perspective of natural languages.

Keywords: lexical expansion, sign language, Libras, lexicon, neologism, creation.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Tabela da CM, da Libras.	20
FIGURA 2 – Sinal de Amanhã, em Libras.....	30
FIGURA 3 – Sinal de Demorar, em Libras.....	33
FIGURA 4 – Sinal de Rápido, em Libras.....	33
FIGURA 5 – Sinal de Proibir, em Libras	34
FIGURA 6 – Sinal de Avisar, em Libras.....	34
FIGURA 7 – Sinal de Eletricidade, em Libras	35
FIGURA 8 – Representação do Léxico da Libras.....	48
FIGURA 9 – Verbo Gostar/Gostar-não, em Libras.....	60
FIGURA 10 – Verbo Precisar/Verbo Precisar-não, em Libras.	61
FIGURA 11 – Sinal de Menina e Sinal de Menino, em Libras.....	64
FIGURA 12 – Sinal de Costureira e Sinal de Vigia, em Libras.....	64
FIGURA 13 – Sinal de Sábado e Sinal de Laranja, em Libras.....	68
FIGURA 14 – Sinal de Ensinar/Educação, em Libras.	69
FIGURA 15 – Sinal de Casa e Sinal de Árvore, em Libras.	74
FIGURA 16 – Sinal de Investimento (1), em Libras.....	89
FIGURA 17 – Sinal de Investimento (2), em Libras.....	90
FIGURA 18 – Sinal de Cliente e Sinal de Turista, em Libras.....	92
FIGURA 19 – Sinal de Despesa e Sinal de Estoque, em Libras.	93
FIGURA 20 – Sinal de Java e Sinal de Citação, em Libras	96
FIGURA 21 – Sinal de Forração e Sinal de Intimação, em Libras	97
FIGURA 22 – Sinal de Lei Complementar, em Libras.	98
FIGURA 23 – Sinal de Pena e Sinal de Lei Delegada, em Libras.	99
FIGURA 24 – Sinal de Sociedade Empresarial, em Libras.....	99
FIGURA 25 – Sinal de Emenda Constitucional, em Libras.....	100
FIGURA 26 – Sinal de Linux, em Libras.....	101
FIGURA 27 – Sinal de Pulmão e Sinal de Aorta, em Libras.	102
FIGURA 28 – Sinal de Vetor e Sinal de Razonete, em Libras.....	103
FIGURA 29 – Sinal de Infinito e Sinal de Taxa, em Libras.....	103
FIGURA 30 – Sinal de Tangente e Sinal de Marketing, em Libras.....	105
FIGURA 31 – Sinal de Ativo e Sinal de Passivo, em Libras	106
FIGURA 32 – Sinal de Crédito e Sinal de Débito, em Libras.....	106

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Distribuição percentual dos processos de expansão lexical identificados na amostra.	86
GRÁFICO 2 – Relação entre o perfil linguístico dos alunos Surdos e os mecanismos de expansão lexical.....	107
GRÁFICO 3 – Relação dos processos de expansão lexical com a área de conhecimento. .	110
GRÁFICO 4 – Relação da produtividade lexical com o período acadêmico.....	111

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – As locações em Libras.	21
QUADRO 2 – Categorias de Movimento, em Libras.	22
QUADRO 3 – Classificação dos informantes Surdos quanto ao perfil linguístico, a área do conhecimento e o período acadêmico.	84
QUADRO 4 – Distribuição dos processos de expansão lexical de acordo com a quantidade identificada na amostra.	85

LISTA DE SIGLAS

ASL – Língua de Sinais Americana

B – Dedos abertos

CEFET-MG – Centro Federal de Tecnologia de Minas Gerais

CENTRO LEXTERM – Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos

CM – Configuração(ões) de Mão(s)

DESU – Departamento de Ensino Superior

ENM – Expressões não manuais

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

FL – Faculdade da Linguagem

GU – Gramática Universal

IES – Instituições de Ensino Superior

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

ISL – Língua de Sinais Israelense

JD – Junta distal

JP – Junta proximal

L – Locação da Mão

LabLibras – Laboratório de Linguística de Língua de Sinais

Libras – Língua Brasileira de Sinais

LM – Léxico mental

LM-L – Língua-mãe: Libras

LM-P – Língua-mãe: Português

LO – Língua Oral

LOs – Línguas orais

LP – Língua Portuguesa

LS – Língua de Sinais

LSs – Línguas de Sinais

M – Movimento

MD – Morfologia Distribuída

NAI – Núcleo de Apoio à Inclusão do Aluno com Necessidades Educacionais Especiais

NZSL – Língua de Sinais da Nova Zelândia

Or – Orientação da Mão

PA – Ponto de Articulação

PB – Português Brasileiro

PUC/MG – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S – Dedos fechados

TE – Transferência Espacial

TI – Transferência de Incorporação

TILS – Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais

TL – Transferência de Localização

TM – Transferência de Movimento

TTF – Transferência de Tamanho e de Forma

UFMG – Universidade Federal do Estado de Minas Gerais

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 AS PRIMEIRAS ANÁLISES SUBLEXICAIS DA MODALIDADE VISUOESPACIAL	19
1.1 As contribuições de Liddell (1984) e Liddell e Johnson (1989)	23
1.1.1 <i>O feixe articulatório</i>	24
1.1.2 <i>O feixe segmental.....</i>	27
2 UM CONTINUUM ENTRE OS NÍVEIS QUIROLÓGICO E MORFOLÓGICO EM LÍNGUA DE SINAIS	36
2.1 Aspectos gerais da Morfologia de línguas sinalizadas.....	38
2.2 O advento da Morfologia Distribuída.....	40
3 O LÉXICO	45
3.1 O léxico da Libras.....	47
3.2 Discussões gramaticais da Libras.....	51
3.3 A Sintaxe da Libras	54
4 PRODUTIVIDADE LEXICAL.....	56
4.1 Processos morfológicos em modalidades distintas.....	57
4.1.1 <i>Processos derivacionais</i>	58
4.1.2 <i>Processos composicionais</i>	62
4.1.3 <i>Processos flexionais</i>	66
4.1.4 <i>Processos semânticos</i>	67
4.1.5 <i>Empréstimos linguísticos.....</i>	69
4.1.6 <i>Iconicidade e descrição imagética</i>	72
4.1.7 <i>Contribuições recentes no campo da morfologia de línguas de sinais</i>	75
4.2 Restrições de boa formação lexical	76
5 A EXPANSÃO LEXICAL DA LIBRAS NO AMBIENTE ACADÊMICO	79
5.1 Procedimentos metodológicos.....	82
5.2 Análise do corpus	84
5.2.1 <i>A relação entre os processos de expansão lexical e as variáveis extralinguísticas.....</i>	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS	116
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	124
ANEXO B – Itens lexicais da amostra	126
ANEXO C - CD-ROM – Corpus da Pesquisa.....	128

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa fundamenta-se no campo da Morfologia, sobretudo nos estudos que contemplam o fenômeno de expansão lexical, com ênfase nos processos criativos verificáveis em Línguas de Sinais (LSs) que atestam que a produtividade lexical, nessa modalidade linguística, ocorre de forma ordenada e a partir da combinação de unidades morfoquiroológicas que compõem seu léxico.

Sabe-se que por meio de combinações finitas de sons, o ser humano é capaz de produzir palavras, sentenças e discursos, expressando seu próprio pensamento ou compreendendo o das outras pessoas. O notável é que tais sons podem ser substituídos por sinais¹ entre os falantes das línguas de modalidade visuoespacial, sem que a capacidade da linguagem seja alterada, em consonância com a perspectiva de Hauser *et al.* (2002) sobre a linguagem humana como um fenômeno cognitivo, inato a qualquer indivíduo, configurando-se em um sistema organizado segundo princípios e regras que geram expressões linguísticas de maneira ordenada e previsível.

Kenedy (2013) salienta que a forma de expressão linguística é tipicamente uma cadeia sonora, mas também pode ser visual, como acontece com as LSs, meio expressivo para a interação verbal dos Surdos. A capacidade linguística de uma falante independe dos diferentes meios de expressão ou de sua performance linguística, que diz respeito ao uso concreto de uma língua em tempo real. Chomsky (1995, p. 434) admite esta capacidade:

A concepção de que a articulação e a percepção envolvem a mesma interface (representação fonética) é controversa, os problemas obscuros relacionados à interface [...] conceitual-intencional é ainda mais. O termo “articulatório” é tão restrito que sugere que a faculdade da linguagem apresenta uma modalidade específica, com uma relação especial aos órgãos vocais. O trabalho nos últimos anos em língua de sinais evidencia que essa concepção é muito restrita. Eu continuarei a usar o termo, mas sem quaisquer implicações sobre a especificidade do sistema de output, mantendo o caso das línguas faladas.

O desenvolvimento linguístico de um indivíduo Surdo transcorre naturalmente através da faculdade da linguagem, contudo, em modalidade distinta da oral. Em vez de usar o canal oral-auditivo, a língua de sinais se expressa através do canal gestual-visual. É preciso

¹Os sinais correspondem aos itens lexicais de línguas sinalizadas e são articulados pelas mãos do falante. Pesquisadores da área preferem o termo ‘sinal’ no lugar de ‘palavra’, embora, ambos essencialmente denotem o mesmo tipo de entidade. A validade cultural e psicolinguística dos sinais é equivalente a de palavras em línguas orais; assim também estruturalmente, um sinal consiste em diversas unidades formativas com dupla articulação (ZESHAN, 2001).

considerar que a comunicação não se desenvolve por mera pantomima ou gesticulação, mas por meio de uma língua sinalizada.

As LSs apresentam estrutura e regras gramaticais próprias. São consideradas naturais porque surgem “espontaneamente da interação entre pessoas e, devido a sua estrutura, permitem a expressão de qualquer conceito e de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do falante” (FERREIRA-BRITO *et al.*, 1998). Uma língua sinalizada é, portanto, um sistema linguístico legítimo que independe das línguas orais e atende de forma eficaz as necessidades de comunicação do ser humano, por ser dotada de complexidade e expressividade.

A Língua de Sinais não é universal, visto que toda língua resulta, também, de uma convenção social. Os indivíduos Surdos estão inseridos em culturas distintas das que representam os ouvintes, gerando suas próprias línguas sinalizadas: língua de sinais francesa, chilena, portuguesa, americana, italiana, chinesa, uruguaia, russa, urubu-kaapor e numerosas outras. Tais línguas diferem uma das outras e independem das línguas orais-auditivas utilizadas em seus respectivos locais de origem.

Perlin (2004) define a cultura surda como um conjunto de práticas capazes de serem significadas por um grupo de pessoas que vivem e sentem a experiência visual, no caso dos Surdos, de uma forma semelhante. Strobel (2008) salienta que a cultura surda é uma maneira de o sujeito Surdo entender o mundo e modificá-lo, a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o a suas percepções visuais. Há um compartilhamento de valores, normas e comportamentos que só são intercambiados por aqueles que acessam o mundo visualmente.

Compartilhada coletivamente, cada língua sinalizada organiza-se gramaticalmente com elementos constitutivos de itens lexicais² que se estruturam nos níveis quirológico, morfológico, sintático e semântico, e seguem princípios básicos gerais. As LSs também apresentam componentes pragmáticos convencionais, permitindo a seus falantes expressar sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais, integrando-os nas várias situações comunicativas cotidianas. Em Viader *et al.* (1999, p. 47), a língua de sinais, “usando sua estrutura, sintaxe e gramática, sem o uso simultâneo e alternativo da língua falada, se expressa com elementos prosódicos e reflexões próprias”.

Sendo assim, as línguas sinalizadas são plenas e vivas, que se ampliam naturalmente a fim de atender a novas necessidades comunicativas e expressivas de seus usuários, a exemplo de qualquer outra língua (HULST, 1995). Nesse sentido, considero que é razoável dar

² Nesse trabalho ‘itens lexicais’ ou ‘ocorrências lexicais’ se referirão tanto a itens do léxico das línguas de sinais quanto das línguas orais.

visibilidade às LSs, visando oferecer aportes às Teorias da Linguagem, ao investigar a aplicação de processos propostos para análise linguística.

Numerosos trabalhos corroboram a afirmação de que as línguas de modalidade gesto-visual (ou visuoespacial) contêm princípios subjacentes de construção semelhantes aos das línguas orais (LOs). Por tal razão, acredita-se ser possível identificar e descrever processos morfológicos que corroborem para a identificação de alguns padrões na formação de itens lexicais da Língua Brasileira de Sinais – Libras, através da análise dos dados.

Para alcançar esse objetivo, propusemo-nos a identificar, nesta pesquisa, os processos de expansão lexical atinentes à Língua Brasileira de Sinais, a partir da análise de um conjunto de novos sinais emergentes no ambiente acadêmico da PUC/MG, para referenciar tanto itens lexicais do vocabulário comum da Libras quanto criações de sinais-termo, que denotam conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber.

O tema adquire ainda mais relevância quando é levado em consideração nas análises linguísticas que a diferença entre as modalidades oral-auditiva e visuoespacial está diretamente ligada às produções de fenômenos que distinguem entre si nessas línguas. Tal entendimento leva-nos a uma problemática: os processos que permeiam a expansão lexical em línguas orais são os mesmos que ocorrem nas línguas de sinais? Consideramos a existência de processos semelhantes. No entanto, levantamos a hipótese de processos específicos para cada modalidade.

Portanto, viu-se a premência em constatar se havia paralelismo ou não entre os processos de criação de novos itens lexicais nas LSs e nas LOs. De modo geral, espera-se contribuir para a compreensão da estrutura e do funcionamento da Libras, de línguas de sinais e, em perspectiva mais abrangente, de línguas naturais, e especificamente: a) identificar os processos envolvidos na criação de novos sinais da Libras; b) investigar os aspectos linguísticos e extralinguísticos envolvidos na produtividade lexical no ambiente acadêmico; c) oferecer subsídios para outros estudos sobre a produtividade lexical em LS.

Na unidade 1, *As primeiras análises linguísticas da modalidade visuoespacial*, inicia-se a revisão da literatura sobre as perspectivas de análise das unidades formacionais de línguas sinalizadas, desde os elementares estudos de Stokoe (1960) às grandes contribuições dadas por Liddell (1984) e Liddell e Johnson (1989) para uma análise segmental do léxico de LS.

No capítulo 2, *Um continuum entre os níveis quirológico e morfológico em língua de sinais*, apresentam-se parâmetros para análise morfoquirológica, posicionando-se com

relação às definições e propriedades encontradas na revisão da literatura de modo a determinar quais seriam consideradas para análise dos dados. Posteriormente, para subsidiar o campo de estudo desta dissertação, faz-se uma breve exposição da vertente teórica da Morfologia Distribuída (MD), amparada nos estudos de Halle e Marantz (1993), Marantz (1997) e Harley e Noyer (1999), pela vantagem de se explorar segmentos menores no processo de formação de itens lexicais. Nesta seção, ao mencionar esta vertente teórica, coloca-se um contraponto a eficácia deste modelo para a análise dos processos morfológicos de línguas sinalizadas.

Levando em conta a discussão apresentada no tópico anterior, a unidade 3, ***O Léxico***, traz algumas reflexões sobre a constituição do léxico de línguas sinalizadas, amparadas nas premissas de Padden (1983), Quadros e Karnopp (2004) e as recentes contribuições das pesquisas nesse campo.

No Capítulo 4, ***Produtividade lexical*** pretendeu-se discorrer sobre os processos de construção morfológica, tendo em vista as modalidades distintas, com ênfase nos processos que permitem a ampliação lexical de línguas sinalizadas. Nessa seção, também apresentamos as restrições presentes na formação dos sinais postuladas por Battison (1974), evidenciando que há uma previsibilidade na construção morfológica de línguas sinalizadas e um sistema com complexidade controlada.

Na unidade 5, ***A expansão lexical no ambiente acadêmico*** apresenta-se os procedimentos e a análise dos dados. Foram descritos os processos de expansão lexical observados no *corpus*, no qual identificou-se um fenômeno não explicitado na literatura e para o qual se propõe uma definição. A notável contribuição deste trabalho é exposta nesta seção, ao categorizar um processo produtivo da Libras, nomeado de ‘ancoragem lexical’. Em síntese, esta classificação inédita contribui para os estudos da morfologia de língua de sinais ao realizar a discretização do núcleo morfoquiroológico derivacional da Libras. Finalmente, conclui-se o trabalho apresentando as considerações finais e as perspectivas de aprofundamento do tema vislumbradas.

Essa dissertação, portanto, propõe a dar continuidade aos estudos do campo da Morfologia sobre os aspectos formacionais do léxico das LSs, em foco, os mecanismos de expansão lexical da Libras.

1 AS PRIMEIRAS ANÁLISES SUBLEXICAIS DA MODALIDADE VISUOESPACIAL

Em consonância com as premissas que referendam a capacidade inata do ser humano de desenvolver uma língua de forma natural, possível de ser expressa através do canal visuoespacial, trataremos nesta seção dos aspectos formacionais do léxico das Línguas de Sinais.

Os articuladores primários das LSs são as mãos, movimentando-se no espaço em frente ao corpo e articulando os sinais em determinados pontos espaciais. Um sinal pode ser articulado com uma ou duas mãos e, um mesmo sinal pode ser articulado tanto com a mão direita quanto com a mão esquerda; a alteração, portanto, não é distintiva. Sinais articulados apenas com uma mão são produzidos pela mão dominante, e aqueles articulados com as duas mãos submetem-se a restrições em relação ao tipo de interação entre ambas as mãos.

Pesquisas referentes aos elementos formacionais de LS iniciaram-se com Stokoe (1960) e prosseguiram com Stokoe *et al.* (1965), Friedman (1976), Supalla e Newport (1978), Klima e Bellugi (1979) e Mandel (1981). As reflexões consideraram a existência de parâmetros constituídos de elementos que distinguem itens lexicais ou sinais através de traços com valor contrastivo. Com o avanço dos estudos linguísticos, Sandler (1995) observou que a mudança da abordagem estruturalista para a abordagem gerativista refletiu-se, igualmente, nas análises das LSs, possibilitando generalizações em relação aos universais da linguagem.

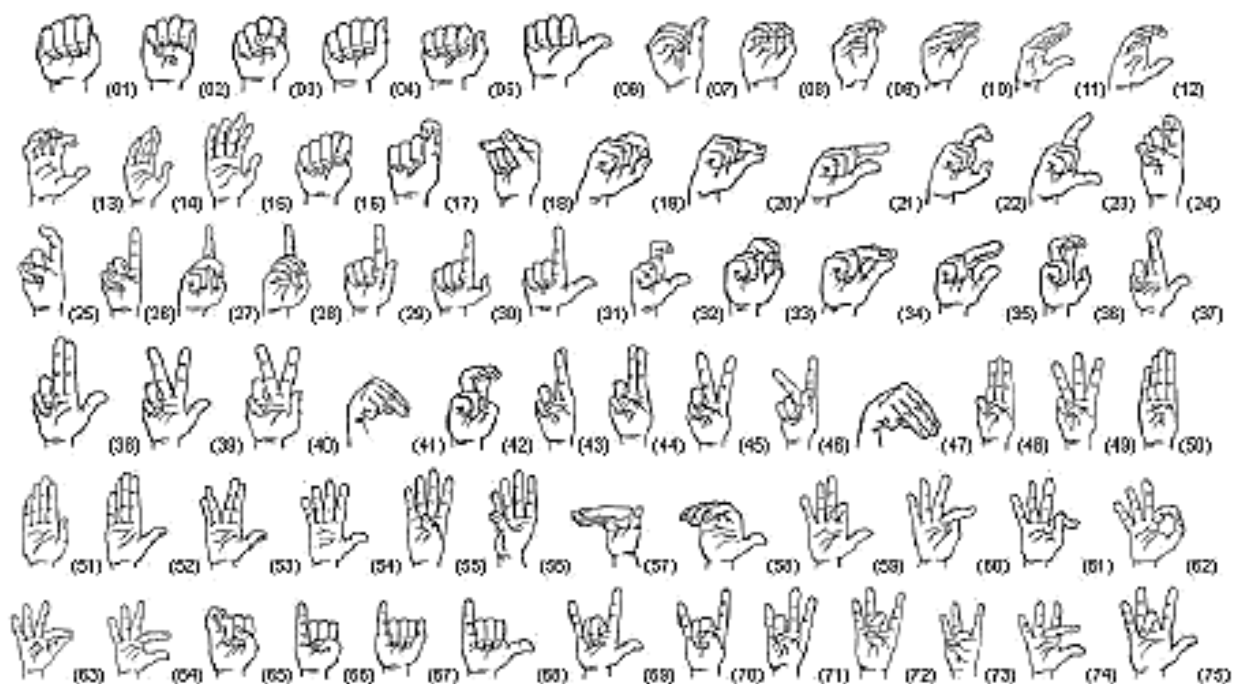
As investigações realizadas sobre LSs, primeiramente por Stokoe (1960) através de uma análise sublexical da Língua de Sinais Americana - ASL, demonstraram que os sinais poderiam ser vistos como partes de um todo, análogos aos fonemas que compõem morfemas e sintagmas. O teórico propôs a decomposição de sinais da ASL em três principais parâmetros que não carregam significados isoladamente, a saber: Configurações de Mão (CM), Locação da Mão (L) ou Ponto de Articulação (PA) e o Movimento (M), todas unidades mínimas, constituindo unidades maiores com significado nas LSs. Stokoe (1960) nomeou-as de ‘quiremas’ – do grego, mãos. O linguista americano observou ainda que cada parâmetro abrange um número limitado de possibilidades. Existe um conjunto finito de CM, L e M, e por isto, as diferentes línguas sinalizadas, não necessariamente elegem os mesmos quiremas para sua formação.

Posteriormente, novas análises das unidades formacionais dos sinais sugeriram a adição de unidades relativas à orientação da mão (Or) e às expressões não manuais (ENM):

expressões faciais e corporais (BATTISON, 1974) – completando, assim, os cinco parâmetros formacionais das LSs. Abaixo, descreveremos sob essa perspectiva de análise das unidades formacionais, os parâmetros da Libras.

1. Configurações de Mão (CM): englobam as inúmeras composições que a(s) mão(s) toma(m) para a realização do sinal. Segundo Ferreira-Brito (1995, p. 41), “são as diversas formas que a(s) mão(s) toma(m) na realização do sinal”. Nota-se que cada língua possui seu sistema de CM, não restrito aos referenciais do alfabeto manual; cada CM é um elemento distintivo. Segundo Castro Júnior (2011) geralmente, as CM apresentam-se associadas aos parâmetros movimento, ponto de articulação, orientação da mão e expressões não manuais. Para Quadros e Karnopp (2004, p. 53), “o conjunto de CM refere-se apenas às manifestações de superfície, isto é, de nível fonético”. Recentemente, Faria-Nascimento (2009) apresenta um quadro ampliado com setenta e cinco configurações de mãos sistematizadas da Libras, conforme mostra a figura abaixo:

Figura 1 – Tabela da CM, da Libras.



Fonte: FARIA-NASCIMENTO (2009)

Na articulação de um sinal pelo falante de língua de sinais, a CM pode permanecer a mesma ou passar de uma configuração para outra. Interessante notar que à medida que o léxico nas línguas de sinais amplia, a quantidade de CM também poderá ser alterada.

2. Ponto de Articulação (PA): é o espaço em frente ao corpo ou a determinada região do corpo onde os sinais são articulados. Friedman (1976) refere-se àquela área no corpo, ou no espaço de articulação definido pelo corpo, em que ou perto da qual o sinal é articulado. Quadros e Karnopp (2004) salientam que, na Libras, o espaço da enunciação é uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos onde os sinais são articulados. Dentro deste espaço de enunciação, pode-se determinar um número finito de pontos, alguns deles mais precisos, como a ponta do nariz, e outros, mais abrangentes, como a frente do tórax (FERREIRA-BRITO, 1995). As locações dividem-se em quatro regiões: cabeça, mão, tronco e espaço neutro. Friedman (1976) descreve especificamente tais locações em ASL. Em Libras, foram catalogadas por Ferreira-Brito (1995).

Quadro 1 – As locações em Libras.

CABEÇA	TRONCO	MÃO	ESPAÇO NEUTRO
Topo da cabeça	Pescoço	Palma	Em frente ao corpo do falante
Testa	Ombro	Costas das mãos	
Rosto	Busto	Lado do indicador	
Parte superior da cabeça	Estômago	Lado do dedo mínimo	
Parte inferior do rosto	Cintura	Dedos	
Orelha	Braços	Ponto dos dedos	
Olhos	Braço	Anular	
Nariz	Antebraço	Dedo médio	
Boca	Cotovelo	Indicador	

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Ferreira-Brito (1995).

3. Orientação da Mão (Or): direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal. Ferreira-Brito (1995) enumera seis tipos de orientação da palma da mão, em Libras: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a esquerda ou para a direita.
4. Movimento (M): parâmetro tido como complexo para Ferreira-Brito (1995), por envolver uma vasta rede de formas e direções, os movimentos internos da mão, movimentos do pulso e movimentos direcionais no espaço. Para Castro Júnior (2011) o movimento é uma importante unidade mínima. Além de participar ativamente na produção do sinal, ele dá dinamismo a essa língua. Ferreira-Brito (1995) descreve os movimentos em categorias de tipo, direcionalidade, maneira e frequência. Os movimentos podem ser unidirecionais, bidirecionais e/ou multidirecionais; a maneira

é a categoria que descreve a qualidade, a tensão e a velocidade do movimento, enquanto a frequência refere-se ao número de repetições de um movimento. Para que ocorra movimento, é preciso haver objeto e espaço. Nas LSs, a(s) mão(s) do enunciador representa(m) o objeto, enquanto o espaço, onde o movimento se realiza (PA), compreende a área em torno do corpo do enunciador (FERREIRA-BRITO, 1995).

Quadro 2 – Categorias de Movimento, em Libras.

CATEGORIAS DO PARÂMETRO MOVIMENTO
TIPO
<p>Contorno ou forma geométrica: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual.</p> <p>Interação: alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado.</p> <p>Contato: de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar.</p> <p>Torcedura do pulso: rotação, com refreamento.</p> <p>Dobramento do pulso: para cima, para baixo; interno das mãos – abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo).</p>
DIRECIONALIDADE
<p>Unidirecional: para cima, para baixo, para direita, para esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para lateral inferior esquerda, para lateral inferior direita, para lateral superior esquerda, para lateral superior direita, para específico ponto referencial.</p> <p>Bidirecional: para cima e baixo, para esquerda e direita, para dentro e fora, para laterais opostas (superior direita e inferior esquerda).</p> <p>Não direcional.</p>
MANEIRA
QUALIDADE, TENSÃO E VELOCIDADE
<p>Contínuo;</p> <p>De retenção;</p> <p>Refreado.</p>
FREQUÊNCIA
REPETIÇÃO
<p>Simples;</p> <p>Repetido.</p>

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Ferreira-Brito (1995).

5. Expressões não manuais (ENM): as expressões ou marcações não manuais – movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco – segundo Quadros e Karnopp (2004), podem ter funções gramaticais e prestam-se a dois papéis nas LSs: marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. É possível que ocorra mais de uma expressão não manual simultaneamente; por exemplo, as marcas de interrogação e negação. Assim, junto aos sinais, normalmente aparecem as expressões não manuais, “as quais podem estar associadas às marcações de concordância gramatical, através da direção do olhar, ou relacionadas ao foco, às marcações negativas, às de tópico e às interrogativas” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 132-133).

Por todos estes aspectos, os parâmetros preservam um caráter distintivo observado ao se compararem pares de sinais que se contrastam minimamente. Sobre a matéria, diversos linguistas interessaram-se pela existência de traços distintivos, pela observação das regras que manipulam tais traços, e pela estrutura do sistema de regras que compõe as LSs.

Na próxima seção, serão expostas as principais contribuições de caráter linguístico-descritivo que deram visibilidade à pesquisa sobre as unidades constituintes de LS, em um modelo notacional de análise proposto por Liddell (1984) e desenvolvido por Liddell e Johnson (1989). Os estudos de Liddell (1984) apontaram evidências que superam as análises estruturais das LSs nos trabalhos de Stokoe (1960) e demais pesquisadores, sobretudo ao propor um diagnóstico dos traços articulatórios e segmentais da modalidade visuoespacial.

1.1 As contribuições de Liddell (1984) e Liddell e Johnson (1989)

As primeiras análises sublexicais das LSs consideravam um conjunto de parâmetros, formado pela CM, L ou PA e M, como constituintes estruturais dos itens lexicais dessa modalidade linguística. Os quiremas articulavam-se simultaneamente e possibilitavam um caráter distintivo entre os sinais. Entretanto, apenas considerar a existência de tais parâmetros não foi suficiente para explicar os inúmeros detalhes presentes na articulação dos sinais.

Novas pesquisas produzidas mediante observação e análise da ASL viabilizaram avanços na descrição linguística referente aos aspectos formacionais dos sinais. As pesquisas iniciaram-se com Liddell (1984) e prosseguiram com Liddell e Johnson (1989). Os autores admitiram os três primeiros parâmetros descritos por Stokoe (1960) como constituintes do

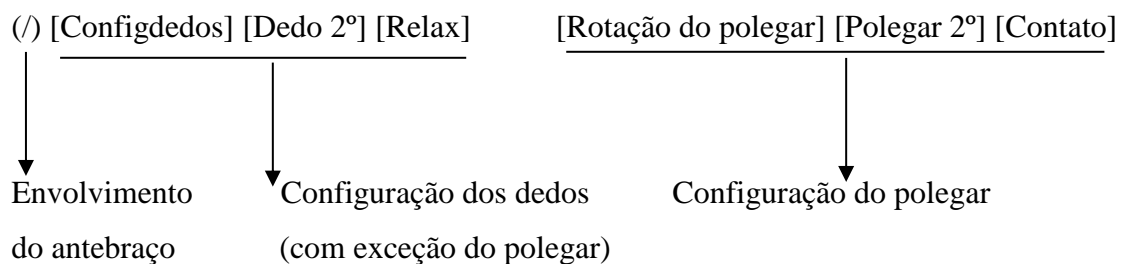
feixe articulatório das línguas sinalizadas, mas se distinguem por considerar M como constituinte do feixe segmental, composto por traços de movimentos e de suspensões.

A partir da nova perspectiva, os parâmetros descritos em Stokoe (1960) ganham fundamentação superlativa em Liddell e Johnson (1989) no que diz respeito ao feixe articulatório, passando a organizar-se em quatro classes ou subconjuntos de traços: (a) configuração de mão [CM], (b) ponto de contato [PC], (c) face [FA] e (d) orientação [OR]. Adiante, discorreremos sobre cada uma das classes, segundo o modelo notacional proposto pelos teóricos, para compreensão do avanço das análises lexicais em LS.

1.1.1 O feixe articulatório

O feixe articulatório dispõe de subfeixes que denotam os traços responsáveis pelo contraste entre os itens lexicais das LSs. Abaixo, apresenta-se conforme descrito por Xavier (2006).

a) Configuração de mão [CM]: o subfeixe articulatório refere-se aos traços que descrevem a forma da mão, e à disposição dos dedos na articulação do sinal. É constituído por três subconjuntos que oferecem valor contrastivo aos itens lexicais, apontados em Liddell e Johnson (1989), conforme a representação adaptada por Xavier (2006).



De acordo com a representação acima, o primeiro traço tem a função de determinar o envolvimento do antebraço na articulação do sinal, ou seja, se a mão e o antebraço atuam em conjunto na execução de dada configuração de mão. As configurações que apresentam o traço (/) são descritas positivamente para o envolvimento do antebraço e, negativamente, se articuladas apenas pela mão. Xavier (2006) exemplifica o par de sinais, em Libras, *DEPENDER*³ e *PÉ*: este traço é responsável pelo contraste lexical existente entre os sinais.

³ Os sinais são glosados em caixa alta com as traduções portuguesas mais aproximadas. Os sinais que exigem mais de uma palavra na tradução para o português são ligados por hífen (por exemplo: *BEBER-LEITE*).

No sinal *DEPENDER*, o cotovelo e a mão flexionam-se juntamente, o que não ocorre no sinal de *PÉ*, quando a flexão acontece apenas nos pulsos, configurando-se na única diferença entre os sinais.

Prosseguindo na interpretação do esquema, tem-se o subconjunto de traços que descrevem, concomitantemente, as diferentes formas com que os dedos indicador, médio, anelar e mínimo, com exceção do dedo polegar, podem articular-se: [Configdedos], [Dedo 2°], [Relax]. A especificação [Configdedos] refere-se ao fato de os dedos estarem abertos ou fechados. Albres e Xavier (2012, p. 33) descrevem a identificação da abertura e fechamento dos dedos:

Dedos abertos são aqueles que apresentam uma distensão tanto na junta proximal – JP – (junta que une o dedo à palma da mão), quanto na junta distal – JD – (junta localizada entre a falange medial e a distal). Já dedos fechados são aqueles que apresentam essas duas juntas flexionadas. Dedos abertos são indicados pelo uso de [B], e para dedos fechados, utiliza-se [S], quando posicionados de maneira que suas pontas tocam a palma da mão.

Liddell e Johnson (1989) coletaram 25 símbolos capazes de descrever os dedos abertos e fechados nas CM. O traço [Dedo 2°] especifica se os dedos abertos estão flexionados na junta proximal – quando achatados, vêm representados pelo símbolo [^] – ou se estão na forma de gancho – flexionados nas juntas distais, representam-se por [´]. Os dedos indicador, médio, anelar e mínimo podem flexionar-se de todos os modos elencados: aberto, fechado, achatado ou em gancho. A importância de analisar os detalhes na produção do sinal deve-se ao fato dos traços terem valor contrastivo. Em seguida, observa-se o subfeixe [Relax], aludindo ao efeito de relaxamento dos músculos que pode ocorrer nos dedos em questão. A presença deste traço é indicada por [~] e possui efeito contrastivo similar entre os sinais.

Nota-se que o dedo polegar também pode apresentar alternância nas especificações, diferentemente dos demais dedos. O primeiro traço referente especificamente a tal dedo é [Rotação do polegar], evidenciando se o polegar está em posição paralela ou adjacente ao plano adotado pela palma da mão. Assim, o polegar pode assumir-se como não oposto [u] – quando estiver posicionado ao lado dos demais dedos; e oposto [o] – quando a almofada do polegar posicionar-se paralelamente ao plano da palma, capaz de tocar os demais dedos. Destaca-se que o polegar pode flexionar-se da mesma forma que os outros dedos – aberto ou fechado, achatado ou em gancho; estes traços são especificados em [Polegar 2°].

Para o traço [Contato], deve-se averiguar se há toque entre o polegar e os outros dedos. Em caso positivo, o toque pode ocorrer sob quatro condições: 1) [c] contato feito pela ponta do polegar; 2) [p] contato feito pela almofada do polegar; 3) [f] contato feito pela almofada do polegar na unha de um dedo ou mais; 4) [t] contato feito pela unha do polegar na almofada de um dedo ou mais. Todos estes traços são responsáveis por capturar as diferenças entre CM e atribuem valor contrastivo entre os itens lexicais das línguas de sinais.

b) Ponto de Contato [PC]: o subfeixe de traços articulatorios é constituído pelas classes ‘localização’, ‘parte da mão’, ‘proximidade’ e ‘relação espacial’. Sobre a ‘localização’, Xavier (2006) salienta sua semelhança com o chamado ponto de articulação, na fonologia das línguas orais, devido à função de especificar um ponto no articulador passivo, tocado pelo articulador ativo, ou por servir de ponto de referência para ele. No entanto, segundo o autor, a gama de articuladores passivos em línguas sinalizadas é muito maior, pois os sinais podem reunir-se em três regiões diferentes: sobre o corpo, sobre alguma região da mão passiva e no espaço de sinalização. Liddell e Johnson (1989), em seu modelo notacional, caracterizam cada uma dessas regiões com riqueza de detalhes. Todavia, para esta dissertação, pretendemos apresentar os traços em seu âmbito geral.

Os sinais articulados sobre alguma região do corpo subdividem-se em quatro traços, assim representados: 1) [%] diz em qual lado do corpo está localizado o ponto de articulação de dado sinal, podendo ser contralateral ou ipisilateral; 2) [localização], destaca a área do corpo onde o sinal está sendo realizado, havendo a possibilidade de 20 áreas diferentes; 3) (i) ponto de contato, situado em uma região periférica, ou ao lado da marcação dada em [localização]; 4) [t] e [b], determinando pontos adjacentes à localização principal, podendo estar acima (*top*) ou abaixo (*bottom*), nesta ordem.

A articulação de um sinal sobre alguma região da mão passiva também é descrita pelos teóricos de maneira distinta, com duas especificações possíveis. A primeira aponta para uma localização principal na mão e a segunda, para uma região nessa localização principal; por exemplo, por dentro, no dorso, na extremidade etc. Há diversos símbolos determinados pelos autores para representar todas as regiões existentes.

A realização de um sinal pode ocorrer no espaço de sinalização detentor de traços que definem: I) a que distância perpendicular a mão está localizada tendo como referência o corpo; II) qual o grau de afastamento da mão em relação à linha medial do corpo; III) qual a altura da mão frente as localizações principais que se encontram ao longo da região central do corpo. Esses traços podem ser marcados por ‘proximidade’ – ‘deslocamento ipisilateral’ – ‘localização central’.

Finalmente, o feixe [PC] contém um subfeixe que delimita a ‘parte da mão’, especificando para quê parte está voltada ou toca o ponto de articulação. Há ainda o subfeixe ‘proximidade’, marcando, em seu traço [c], se existe o contato mencionado acima; em caso negativo, ele caracteriza a distância ente a ‘parte da mão’ e a ‘localização’, marcada como proximal [p], medial [m] e distal [d]. O último subfeixe do traço é ‘relação espacial’, distinguindo a direção para a qual a ‘parte da mão’ está deslocada de uma localização.

c) Face [FA] e d) Orientação [OR]: tais traços determinam, juntos, a orientação da mão. Sobre a questão, Albres e Xavier (2006, p. 50) descrevem:

Face [FA] é responsável por indicar a parte da mão que é alocada no ponto em que um determinado sinal é produzido e/ou a direção para a qual os dedos apontam. Já a outra, designada de orientação [OR], tem a função de determinar que parte da mão está situada paralelamente ao plano do chão [HP].

Em síntese, o modelo notacional proposto por Liddell e Johnson (1989), analisado nesta seção de maneira objetiva, dispõe de símbolos para cada um dos traços presentes nos subfeixes. Os teóricos atestam que as LSs fazem uso de especificações de caráter distintivo em seus itens lexicais. Seu modelo de análise lexical estrutura-se e se organiza com base na simultaneidade, e é considerado de alto valor descritivo, pois ressalta os aspectos formacionais dotados de subaspectos pelos quais os contrastes lexicais são estabelecidos.

1.1.2 O feixe segmental

Dissemos que os estudos de Liddell (1984) e Liddell e Johnson (1989) apontaram evidências que superam as análises estruturais das LSs nos trabalhos de Stokoe (1960) e demais pesquisadores, cuja inovação respalda-se na proposta de uma análise segmental dos sinais. Xavier (2006) demonstra que as análises de Liddell e Johnson (1989) apresentam segmentos, em LS, com uma organização interna que consiste em dois conjuntos ou feixe de traços. Há o feixe articulatorio, abordado anteriormente, responsável por descrever a postura da mão, ou seja, sua configuração, locação e orientação. E há o feixe segmental, cuja função é especificar a atividade da mão durante a produção de um segmento para determinar se a mão está estática ou em movimento. Se não estiver estática, este feixe determina o tipo de movimento.

Liddell e Johnson (1989) consideraram os parâmetros CM, PA e Or equivalentes ao feixe articulatorio das LSs, os quais, quando combinados, formam as unidades menores da

língua; o parâmetro movimento (M) é avaliado como um dos tipos de segmentos existentes nesta modalidade: ‘*suspensão*’ ou ‘*movimento*’.

Ao investigar os sinais da ASL, Liddell (1984) os distinguiu em sinais unitários e sequenciais. Por sinais unitários, compreendem-se aqueles que mantêm seus parâmetros formacionais estáveis durante toda articulação do sinal, ou seja, a CM, a L e a Or não se alteram. Os sinais unitários podem subdividir-se naqueles que são realizados com movimento e os que são articulados sem movimento. Os sinais sequenciais, representando a maioria dos investigados no léxico da ASL, são sinais onde há alteração de algum dos aspectos formacionais em sua articulação. Eles também apresentam sequencialidade na realização de alguns de seus parâmetros e requerem uma ordem fixa para sua execução.

As diversas evidências, em ASL, do importante papel que a sequencialidade desempenha na estrutura interna dos sinais, são descritas por Liddell e Johnson (1989) ao demonstrarem sinais realizados com duas CM, e/ou com duas locações, L, ou com mais de um M. Os sinais dispõem de sequência necessária à articulação de seus parâmetros. Contudo, tais evidências não foram objeto do estudo de Stokoe (1960).

A respeito da sequencialidade, os teóricos, ao analisarem gravações de sinais da ASL, verificaram dois tipos de atividade durante a articulação do sinal: há momentos em que a(s) mão(s) apresenta(m) movimento constante e, em outros, permanece(m) estática(s). Observaram ainda que a(s) mão(s) passa(m) mais tempo estática(s) do que em movimento. Deste modo, puderam constatar que em determinados sinais o movimento e a estaticidade alternam-se sequencialmente, e a alternância dá-se em uma ordem fixa. Esta reflexão permitiu perceberem que na execução do sinal em que a(s) mão(s) está(ão) estática(s) os parâmetros constitutivos dos sinais permanecem igualmente estáticos; conseqüentemente, quando há movimento da(s) mão(s), ocorre a mudança de pelo menos um dos parâmetros. Para Xavier (2006), em menção aos trabalhos de Liddell e Johnson (1989), a simultaneidade é o princípio organizador da estrutura de cada segmento, enquanto a sequencialidade, o princípio organizador da estrutura interna de cada sinal.

Portanto, com base nas atividades presentes na articulação dos sinais, Liddell (1984) e Liddell e Johnson (1989) lançam a hipótese de que os sinais podem ser constituídos de um único segmento: ‘*suspensão*’ (*hold*) – sinais com ausência de movimento e estabilidade em seus parâmetros formacionais; ou ‘*movimento*’ (*movement*), caracterizado pela presença de movimento, gerando a alteração de no mínimo um de seus parâmetros formacionais. Contudo, os sinais também podem ser compostos por uma sequência de segmentos dos dois tipos mencionados.

Os estudos de Liddell e Johnson (1989) destacaram sinais com contraste lexical baseado apenas na ordem que seus segmentos são produzidos. Portanto, é possível verificar sinais que se diferenciam um do outro pela ordem do ‘movimento’ e da ‘suspensão’ que os constituem.

As suspensões se caracterizam pela estaticidade da mão e pela estabilidade dos traços que descrevem a sua postura quando de sua articulação. Por isso, são representadas por meio de uma matriz simples de traços constituída de um único feixe segmental, que determina a ausência de movimento, e de um único feixe articulatorio, que determina como a mão está configurada, onde ela está localizada e para que lado está orientada. Diferentemente, segmentos do tipo movimento são caracterizados pela dinamicidade da mão e pela alteração de algum(s) dos traços que descrevem a sua postura. Por isso, embora segmentos de tal tipo só precisem de um único feixe segmental que os defina como movimentos e que descreva de que forma ocorrem, eles requerem dois feixes articulatorios (um inicial e outro final), nos quais são especificadas as mudanças articulatorias ocorridas durante a sua produção (XAVIER, 2006, p. 28).

Atesta-se, então, que os traços constitutivos do feixe segmental, ‘traços segmentais’, são responsáveis por descrever a atividade das mãos. Os traços segmentais especificam se a(s) mão(s) está(ão) ou não em dinamicidade e, em caso positivo, de que maneira. A principal função desses traços é “distinguir os dois tipos de segmentos existentes nas línguas sinalizadas, movimentos e suspensões e, conseqüentemente, segmentar o *continuum* sinalizado em termos dessas unidades” (XAVIER, 2006, p. 30).

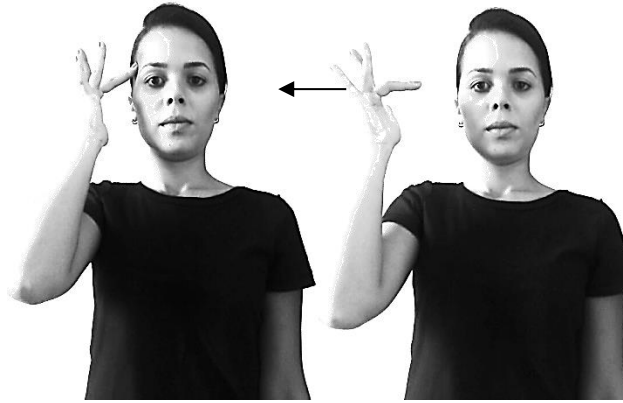
Segundo Liddell e Johnson (1989), os traços segmentais também descrevem os detalhes envolvidos na produção do sinal, seja do tipo ‘suspensão’ ou ‘movimento’. Para tanto, os autores nomeiam um conjunto de cinco informações, ou cinco subclasses de traços segmentais, descritas em cada segmento: a) traços de classe maior; b) traços de contorno de movimento; c) traços de plano de contorno; d) traços de qualidade; e) traços de movimentos locais.

a) Segmentos de classe maior: os traços de classe maior designam os segmentos das LSs como ‘movimentos’ ou ‘suspensões’. É possível a ocorrência de ambos os segmentos em um mesmo item lexical.

Segmentos definidos como *movimento* são caracterizados pela dinamicidade da mão e pela alteração de pelo menos um dos traços articulatorios que a caracteriza. Segmentos definidos como *suspensão*, por sua vez, são caracterizados pela estaticidade da mão e pela estabilidade de todos os traços que a definem articulatoriamente (XAVIER, 2006, p 32).

Um exemplo da ocorrência de segmentos dos dois tipos em um mesmo item lexical é o sinal de AMANHÃ, em Libras, ilustrado a seguir:

Figura 2 – Sinal de Amanhã, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A realização deste sinal depende da coordenação dos dois segmentos: primeiramente, a mão está parada em contato com a lateral da testa por um breve intervalo de tempo e, em seguida, move-se horizontalmente para frente. Durante o movimento, além da alteração de L (Locação ou PA), a CM também é diferente da inicial. Em concordância com os tipos de segmentos propostos por Liddell e Johnson (1989), entende-se que a primeira atividade da mão na produção do sinal AMANHÃ é correspondente à realização de segmento do tipo ‘*suspensão*’. A atividade final, por sua vez, é percebida como a realização do segmento do tipo ‘*movimento*’.

Para os segmentos do tipo ‘*movimento*’, a alteração mais recorrente é da *Linicial* das mãos, diferente da *Lfinal*. Contudo, os teóricos observaram a existência de movimentos caracterizados pelo dinamismo da mão e pela alteração de algum(s) de seus traços articulatórios, os quais não se realizam através de um deslocamento. Estes movimentos receberam a denominação ‘movimentos sem trajetória’ (*non-path movements*), em oposição aos ‘movimentos com trajetória’ (*path movement*).

Desta forma, movimentos do primeiro tipo caracterizam-se pela ocorrência de mudança de CM e/ou de OR, enquanto os movimentos do último tipo pressupõem a mudança na L da(s) mão(s). Sobre o assunto, Xavier (2006, p. 34) comenta:

A diferença entre movimentos com e sem trajetória é, na verdade, uma decorrência das especificações dos traços que caracterizam o lugar (ou os lugares, no caso dos movimentos) em que um determinado segmento é articulado, não havendo,

portanto, necessidade de qualquer tipo de traço exclusivamente concebido para distinguir esses dois tipos de movimento encontrados nos sinais.

b) Contornos de movimento: Liddell e Johnson (1989) acrescentam ao feixe segmental traços que descrevem o deslocamento da mão de um ponto inicial a outro final, no espaço de sinalização, justamente por assumirem a existência de ‘movimentos com trajetória’. Os traços de contorno de movimento são classificados em dois tipos – reto (*straight*) ou circular (*round*). Movimentos com traço de contorno reto referem-se a sinais em que a(s) mão(s) desloca(m)-se retilineamente de um ponto a outro, enquanto movimentos com traço de contorno circular realizam-se em duas circunstâncias: quando a mão delinea um círculo completo, ou arqueada, deslocando-se em forma de arco. Xavier (2006, p. 39) esclarece:

Movimentos cujos traços de localização inicial e final coincidem produzem contornos no formato de um círculo completo, ao passo que, movimentos cujos traços de localização inicial e final são diferentes realizam-se de uma forma arqueada.

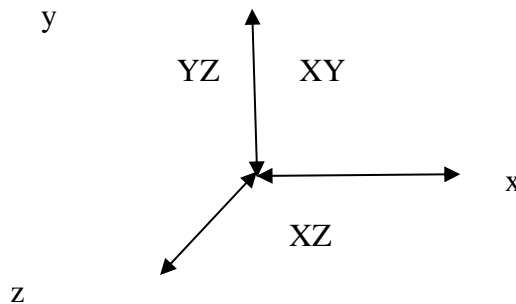
Convém frisar que, conforme Liddell e Johnson (1989), o traço L gera a realização de um determinado tipo de movimento, portanto, o que determina se a forma do movimento delinea um círculo completo é o fato de o movimento começar e terminar no mesmo ponto, isto é, de apresentar a mesma especificação para o traço de L tanto na fase inicial quanto na final.

c) Planos de contorno: os linguistas americanos salientam que sinais detentores do contorno do movimento reto, apresentados no tópico anterior, têm seu plano derivado de L *inicial* e *final*, podendo ser vertical e horizontal. No entanto, Liddell e Johnson (1989) entendem ser necessário especificar o plano onde a mão se desloca sempre que o movimento não for descrito pelo traço de contorno reto – no caso, movimentos com traços de contorno circular. Estes podem ser realizados em cinco planos: horizontal, vertical, plano de superfície, oblíquo, plano da linha medial.

Estudos mais recentes, desenvolvidos por Capovilla e Sutton (2013), oferecem outra proposta de descrição dos planos em que o movimento pode ser realizado. Os autores recorrem aos conceitos de eixos X, Y e Z e, a partir dos mesmos, definem planos em que as mãos podem deslocar-se.

Xavier (2006) descreve tais planos, baseado nos autores supracitados: o eixo X representa a lateralidade do espaço de sinalização e seus pontos permitem delimitar a

localização inicial e a final de sinais em que a(s) mão(s) move(m)-se da direita para esquerda ou vice-versa. O eixo Y, por sua vez, representa a altura do espaço de sinalização e, com base nele, podem-se precisar os pontos inicial e final de movimentos realizados de cima para baixo ou de baixo para cima. Finalmente, o eixo Z refere-se à profundidade do espaço de sinalização e seus pontos permitem sinalizar as localizações inicial e final de movimentos para frente ou para trás.



Sob tal perspectiva, “o plano em que movimentos podem ser produzidos é derivado da composição de dois eixos e, segundo os autores, podem ser XY (lateralidade – altura), XZ (lateralidade – profundidade) e YZ (altura – profundidade).” (XAVIER, 2006, p. 44).

Ainda há a possibilidade de as mãos deslocarem-se em um plano tridimensional, definido pela composição dos três eixos: XYZ. Esta proposta parece ser mais interessante, pela capacidade de representar todos os planos em que os sinais podem ser produzidos, e mais econômica, por descrever todos esses planos através de quatro combinações dos eixos X, Y e Z, a saber: XY, XZ, YZ e XYZ, prescindindo do plano de superfície.

d) Traços de qualidade: são aqueles concernentes à duração, à extensão dos movimentos, e à existência de contato com alguma parte do corpo durante sua produção. Liddell e Johnson (1989) dividem esses traços em três subclasses: traços de qualidade temporal, traços de qualidade não temporal e contato. Traços de qualidade temporal determinam o tempo de realização de um sinal, o qual pode ser descrito pelo traço prolongado [*long*] (*prolonged*), acelerado [*acc*] (*accelerating*) ou reduzido [*short*] (*short*). Os traços de qualidade não temporal referem-se à extensão (longa ou curta) do movimento e à tensão [*tns*] (*tense*) que a mão apresenta na articulação de um sinal.

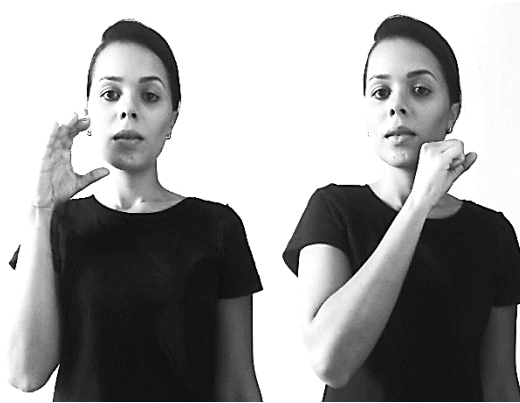
Exemplos da presença deste traço, em Libras, são os sinais DEMORAR e RÁPIDO. Na articulação de DEMORAR, o movimento é produzido de forma prolongada; já no sinal RÁPIDO, o movimento é executado de maneira acelerada.

Figura 3 – Sinal de Demorar, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 4 – Sinal de Rápido, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Por último, o traço contato indica se uma mão toca a outra ou alguma parte do corpo durante o movimento. Para caracterizar este traço, os autores recorrem aos chamados movimentos de roçar (*brushing movements*), quando a mão faz um contato com alguma região localizada entre os dois pontos onde ela se desloca. Albres e Xavier (2012, p. 27) exemplificam a ocorrência do traço no sinal de PROIBIR, em Libras: a mão ativa, posicionada acima da mão passiva, desenha um movimento reto para baixo, durante o qual ela toca rapidamente a ponta do indicador da mão passiva.

Figura 5 – Sinal de Proibir, em Libras.

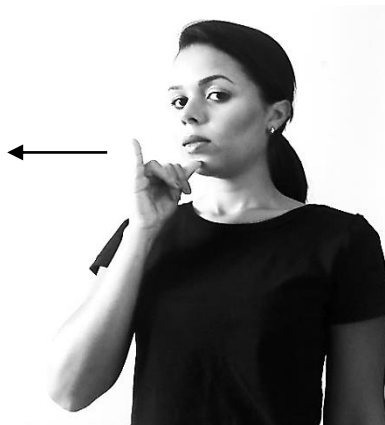


Fonte: Acervo pessoal da autora.

e) Movimentos locais: anteriormente, afirmou-se que a distinção entre ‘suspensões’ e ‘movimentos’ dá-se a partir da estaticidade e da dinamicidade da mão. Por este prisma, a mão é vista como um todo, mas ainda é possível encontrar itens lexicais que apresentam movimento apenas no dedo ou no pulso. A partir desta observação, Liddell e Johnson (1989) classificaram os sinais em uma classe separada, denominada de movimentos locais, comprovando que os mesmos ocorrem simultaneamente à atividade principal da mão e assumem um papel distintivo entre os itens lexicais.

Exemplos da ocorrência deste traço, em Libras, são os sinais AVISAR e ELETRICIDADE, ilustrados abaixo:

Figura 6 – Sinal de Avisar, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 7 – Sinal de Eletricidade, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Verifica-se que os movimentos locais são executados independentemente do movimento principal da mão, sendo possível a articulação do sinal com o movimento em ELETRICIDADE, e sem M, para AVISAR. Ambos os sinais diferem-se apenas pelo movimento local da mão.

O mesmo traço segmental pode ocorrer em ‘suspensões’. Um exemplo é o contraste entre o sinal correspondente às letras C e Ç, em Libras. Na articulação do Ç, percebe-se que a atividade principal da mão corresponde a uma ‘suspensão’, sobreposta por rotações rápidas, incontáveis e repetidas apenas do pulso. Assim, quando comparado ao sinal de C, tem-se um par mínimo, distinto somente pelo movimento local do pulso. Os teóricos discriminam quatro tipos de movimento locais: tamborilar dos dedos, circular, oscilação de configuração de mão e oscilação de orientação.

Nesta seção, objetivou-se discorrer sobre contribuições dadas por Liddell (1984) e Liddell e Johnson (1989), em continuidade aos estudos formacionais das LSs iniciados por Stokoe (1960). As reflexões dos teóricos favoreceram, consideravelmente, o avanço das pesquisas linguísticas produzidas sobre as línguas sinalizadas, viabilizando a análise articulatória e segmental dos sinais, capaz de capturar contrastes sequenciais existentes nessas línguas, ao assumir um feixe de traços que caracteriza cada segmento.

Para conduzir as discussões até então apresentadas para o tema específico desta pesquisa, passaremos, no capítulo seguinte, à exposição dos posicionamentos quanto aos níveis quirológico e morfológicos de línguas de sinais.

2 UM CONTINUUM ENTRE OS NÍVEIS QUIROLÓGICO E MORFOLÓGICO EM LÍNGUA DE SINAIS

Ao se propor um estudo científico sobre qualquer temática, é imperioso informar determinados conceitos diretamente relacionados à discussão. Considera-se importante, ainda que de forma introdutória e pouco aprofundada, apresentar conceitos adotados por pesquisadores que têm se dedicado aos estudos dos níveis quirológico e morfológico da Libras, de forma a evidenciar a maneira distinta as quais determinadas concepções são assimiladas em análises de línguas sinalizadas.

De modo geral, os linguistas têm se ocupado em identificar o que é comum entre as línguas de sinais e as línguas na oralidade. Parte-se dos referenciais já propostos para as línguas faladas e os universais linguísticos que também foram estabelecidos a partir de estudos com várias línguas orais e propõem-se análises das línguas de sinais. Contudo, atualmente torna-se mais relevante, estudos que apontem os efeitos de modalidade que se refletem na própria estrutura da língua.

Na unidade 1, viu-se que as investigações de línguas sinalizadas tiveram início com o trabalho de Stokoe (1960) sobre a validação linguística da ASL. Compilando dados lexicográficos, o linguista americano e sua equipe identificaram e documentaram aspectos de sinais individuais que eram estruturados de maneira similar às línguas faladas. Esse trabalho foi claramente definido dentro do escopo do primeiro nível estrutural da linguagem ao qual denominou ‘Quirologia’. Assim, o teórico postulou a noção de ‘quirema’ definindo como uma unidade abstrata sem significado que permite estabelecer o contraste em pares mínimos.

Investigações sistemáticas avançaram com os trabalhos de Liddell e Johnson (1989), no modelo de análise proposto por eles, os sinais são vistos como compostos de segmentos de *parada* e segmentos de *movimento*, sequencialmente produzidos, e que até certo ponto podem ser vistos como análogos às consoantes e às vogais das línguas faladas. Cada segmento é formado a partir de traços distintivos: CM, OR, LOC, OR.

No entanto, as definições dessas ‘partes dos sinais’ sofreram várias transformações e receberam diferentes nomes e ainda não estão claramente estabelecidas, sendo que são fundamentais para a construção do conhecimento linguístico das LSs. As investigações a esse respeito avançaram, no caso da presente pesquisa, intenta-se apresentar diferentes perspectivas de análise para fortalecer definições consistentes para os estudos morfoquirológicos das LSs, como as recentes contribuições trazidas por Oliveira (2015).

O trabalho de Oliveira (2015) considera ‘queremas’ como: “os articuladores de primeira ordem das LSs e equivalem ao parâmetro tradicional CM – sem a localização e o movimento” (OLIVEIRA, 2015, p. 243). Desta forma, as CM não ocorrem sozinhas e podem criar pares mínimos e alofones.

De acordo com esse entendimento, “os queremas não podem ser realizados de forma isolada, não tem como realizar uma configuração de mão sem a orientação” (OLIVEIRA, 2015, p.244). Interessante notar que o parâmetro Or, portanto, não adquiri status de um quirema, as Or são elementos da composição quirológica semelhantes às características acústicas: surdo e sonoro – que por sua vez não se realizam sem som – nas línguas orais. Esclarece Oliveira (2015, p.245).

“O querema sem outros elementos concomitantes não possui significado e, portanto, não alcança status de morfema, embora haja tentativas de interpretações de queremas mais abertos ou fechados num sentido mais genérico, atmosférico, parecida com a análise do som de vogais na poesia oral, mais alegre, mais triste, etc.”.

Essa unidade abstrata realiza-se nas LSs por um operador que combina os elementos pertencentes ao inventário de CM de determinada LS com as seis possibilidades articulatórias de orientação das mãos: para cima; para baixo; para o corpo; para frente; para esquerda e para direita (FERREIRA-BRITO, 1995).

Segundo esta proposta de análise, faz-se necessário evidenciar os formantes morfoqueremáticos como os articuladores de segunda e terceira ordem das línguas sinalizadas. Para Oliveira (2015) equivalem aos parâmetros tradicionais – L ou PA e M – enquanto articuladores de segunda ordem, e ENM – articuladores de terceira ordem, portanto, os formantes ou unidades formacionais mínimas com significado.

A autora esclarece que formantes queremáticos, enquanto articuladores de segunda ordem, também não podem ser realizados de forma isolada (localizações e movimentos), mas “ao contrário dos queremas, têm status morfemático, ou seja, transportam significado mesmo que seja relativamente abstrato, parecido com afixos ou morfemas de conjugação e declinação das línguas orais” (OLIVEIRA, 2015, p. 246). A autora ressalta que não devem ser confundidos com afixos, pois estes são uma classe fechada, enquanto os formantes morfoqueremáticos, não são.

Aproximando da noção de morfema, Oliveira (2015) traz a ideia dos formantes morfoqueremáticos, articuladores de terceira ordem, isto é, as ENM – expressões faciais,

orientação do corpo, da cabeça, etc. Essas têm caráter morfemático, mas ao contrário dos articuladores de segunda ordem, podem ocorrer sem os anteriores.

Finalmente, define-se morfemas como “unidades mínimas com significado que formam (ou coincidem) com os itens lexicais de uma língua, são identificados por meio do mapeamento de formas recorrentes com funções semelhantes na formação dos itens lexicais” (OLIVEIRA, 2015, p.246).

Nos estudos da Libras observam-se relações estreitas entre esses níveis de análise, seja na relação entre item lexical e sentença, como trata a pesquisa de Leite (2008), e mais usualmente, na relação entre item lexical e unidades constitutivas mínimas, tanto no nível do significado - morfemas, quanto no nível destituído de significado - quiremas. Para Oliveira (2015), isto se justifica pois nas línguas sinalizadas há diversos elementos combinatórios disponíveis, por isso, o primeiro nível, quirológico, não precisa ser tão distante do segundo, morfológico.

Essa proximidade é que dificulta a separação entre os níveis. Muitos pesquisadores que se propõem a estudar a morfologia destas línguas acabam retomando as definições e elementos do nível quirológico. De acordo com a perspectiva de análise de Oliveira (2015), aceita-se a existência de um *continuum* entre os dois níveis linguísticos – quirológico e morfológico – para análise das LSs, sendo necessária uma análise morfoquirológica dos itens lexicais.

Compreende-se que uma morfologia baseada na simultaneidade impõe desafios à discretização de unidades menores que compõem o sinal, inclusive na distinção entre o que tem significado e o que é destituído de significado, ratifica Oliveira (2015).

Ao esclarecer termos imprescindíveis para a realização deste trabalho, na próxima seção trataremos dos aspectos gerais da Morfologia de línguas sinalizadas que tem por base a união não concatenativa de seus parâmetros formacionais

2.1 Aspectos gerais da Morfologia de línguas sinalizadas

Por certo, as línguas sinalizadas mostram grande similaridade em suas estruturas morfológicas. Aronoff *et al.* (2004) afirma que todas as línguas de sinais já estudadas apresentam as mesmas particularidades em sua complexa morfologia. Contudo, essas línguas podem apresentar tipos distintos de morfologia.

Há um consenso de que a morfologia baseada na simultaneidade é universal entre as línguas sinalizadas, podendo ser aferido em todas as línguas já investigadas, como explicam Quadros *et al.* (2009), este tipo de morfologia relaciona-se com a cognição visual-espacial e pode ser considerado como uma representação direta de certas funções cognitivas espaciais.

Enquanto as unidades sublexicais organizam-se em uma sequência horizontal linear nas línguas da modalidade oral, as línguas sinalizadas articulam seus elementos linguísticos mínimos, simultaneamente. Desta maneira, as formas da união de morfemas são, frequentemente, resultantes de um processo não concatenativo, quando em determinado núcleo são adicionados vários movimentos no espaço de sinalização (KLIMA; BELLUGI, 1979 *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004).

É possível que as línguas sinalizadas apresentem outro tipo de construção, a afixação sequencial por meio da gramaticalização, mas este é um aspecto pouco explorado nos estudos linguísticos desta modalidade. Observou-se nas análises realizadas por Aronoff *et al.* (2004) na ASL e na Língua de Sinais Israelense (ISL) esse tipo de morfologia, porém, em ambas as línguas trata-se de um caso raro.

Esta escassez de afixação sequencial ocorre devido a dois fatores que estão interligados, argumentam Quadros *et al.* (2009), essas estruturas lineares diferem significativamente das estruturas simultâneas não apenas na forma como os morfemas são afixados uns aos outros, mas de outras formas: a) a ocorrência, a função gramatical e a forma das construções morfológicas sequenciais são específicas de cada língua; b) as construções morfológicas sequenciais são variáveis entre os falantes; c) as construções morfológicas sequenciais são frequentemente de produtividade limitada.

Em muitas das línguas orais, a morfologia é um fenômeno limítrofe, afirmam Lucas e Bayley (2006), isto é, segmentos com significado são adicionados ao início ou ao final de outras unidades da língua sob a forma de marcadores de plural, marcadores de pessoa e tempo, afixos derivacionais e assim por diante. Essencialmente, tais unidades são adicionadas a um ambiente fonológico já existente. Em geral, a morfologia das LSs não constitui um fenômeno limítrofe, pelo menos não em um nível comparável ao das línguas orais. Desta forma, concebemos que as LSs têm um caráter aglutinativo e incorporativo considerável.

Apesar de autores fazerem menção da construção morfológica de línguas sinalizadas baseadas em afixos, compreendemos aqui que o uso desta nomenclatura pode gerar controvérsias face ao tipo de morfologia comumente presente nesta modalidade, a simultânea. A noção de afixo, geralmente, implica uma relação com o radical que é hierárquica, a dificuldade em se utilizar deste termo para descrever a estrutura e o

funcionamento morfológico de línguas sinalizadas reside no fato de que estas noções advêm da forma de como organizam-se as línguas na oralidade, pois estas são sequenciais.

A seguir, se fará uma breve exposição da Morfologia Distribuída, vertente teórica que apresenta vantagens ao se explorar segmentos menores no processo de formação de itens lexicais, para então, propor um contraponto a eficácia deste modelo para análise de línguas sinalizadas.

2.2 O advento da Morfologia Distribuída

A Morfologia, como ramo da Linguística que investiga a estrutura, a formação e a categorização das palavras, registrou diferentes abordagens ao longo do tempo, principalmente em decorrência da mudança de perspectiva de investigação entre o Estruturalismo Americano⁴ e o surgimento da Gramática Gerativa⁵. O tônus dessa mudança recai, sobretudo, a seu objeto de análise. Schwindt *et al.* (2011) esclarecem: enquanto para o estruturalismo o objeto de análise era o morfema – menor unidade portadora de significado – para os primeiros gerativistas, o interesse de estudo estava na sintaxe – ou na relação entre as palavras para formar unidades maiores.

A partir da hipótese lexicalista apresentada por Chomsky (1970), as décadas de 1970 e 1980 foram marcadas pela morfologia de caráter lexicalista em diferentes configurações. O modelo de gramática proposto por Chomsky sofreu várias mudanças e reformulações no período, originando ramos distintos dentro da Teoria Gerativa. Posteriormente, novas teorias sobre a gramática ocuparam espaço: na Fonologia, avançava a Teoria da Otimalidade (MCCARTHY; PRINCE, 1993; PRINCE; SMOLENSKY, 1993); na sintaxe, o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995).

No contexto em questão, despontam os estudos da Morfologia Distribuída (MD), vertente da Gramática Gerativa que, a partir dos anos 1990 (HALLE; MARANTZ, 1993, MARANTZ, 1997; HARLEY; NOYER, 1999), surge como proposta contrária ao lexicalismo (CHOMSKY, 1970). A perspectiva lexicalista permanece em fases posteriores da Teoria

⁴ Vertente estruturalista que se ocupou da descrição linguística com base no pressuposto de que toda língua tem uma gramática própria. Centrava-se no estudo da morfologia e da sintaxe: ao partir da frase como unidade máxima analisável, empregava métodos de redução que permitiam decompô-la em seus elementos constituintes imediatos, até chegar ao morfema, unidade mínima indivisível (BLOOMFIELD, 1933).

⁵ Teoria que se propõe a estudar a linguagem, levando em conta as propriedades da mente humana e a relação desta com a organização biológica da espécie (CHOMSKY, 1957).

Gerativa, como descreve Chomsky (1995), embora se percebam vantagens que a abordagem da MD apresenta quando comparada ao lexicalismo.

Dentre as contribuições relevantes, a MD fortaleceu a concepção de que a morfologia não é independente, mas “está distribuída em diferentes lugares da gramática e deve, por princípio, espelhar as operações sintáticas” (SCHWINDT *et al.*, 2011, p. 2). Por outro lado, alguns preceitos opõem-se à hipótese lexicalista ao rejeitar a ideia do morfema-fonema como um primitivo linguístico e a existência de um sistema gerativo exclusivo para a Morfologia.

Ademais, segundo a Teoria Gerativa, a derivação das palavras era operada por meio de transformações. Daí, sua nomenclatura como Transformacionalista. Em sequência, desenvolveram-se estudos voltados para o léxico e a formação das palavras. Entretanto, a posição lexicalista acomodou-se na visão que considera a estruturação de palavras e a estruturação de sentenças como processos distintos.

Para o modelo da MD, o mecanismo gerador é o mesmo para palavras e sentenças. Não há um léxico separado da sintaxe. A partir da mudança de perspectiva, a formação das palavras ganhou um novo destaque na teoria. Dentro da MD, a computação sintática não opera somente com palavras extraídas do léxico, mas opera com traços abstratos, concatenados para formar palavras. Sendo assim, o *input* da sintaxe são estes traços e, não, as unidades lexicais. Esta visão advém do entendimento de que as palavras são formadas pela mesma computação sintática que gera sentenças. Para tanto, os traços abstratos sofrem operações sintáticas como ‘juntar’ e ‘mover’, gerando unidades lexicais que sofrem as mesmas operações, gerando sentenças.

A MD, portanto, postula a existência de três módulos, conhecidos por Listas, comportando as informações utilizadas para gerar um vocábulo. Silva, E. (2010) assim as descreve: Lista 1 – armazena traços abstratos sem substância fônica, tais como nominalizador, verbalizador, adjetivador, tempo, número, pessoa etc. Além destes traços, há também posições ocas, onde as raízes são inseridas; Lista 2 – armazena os chamados itens de vocabulário (prefixos, sufixos, marcas de concordância). Nesta lista está a informação fonológica ausente nos traços da Lista 1; Lista 3 – Enciclopédia – armazena o conhecimento não linguístico do falante, isto é, o significado que uma palavra recebe por convenção social.

Desta forma, na MD, o processo de formação de palavras compõe-se de fases consecutivas. Inicialmente, há a seleção de traços abstratos da Lista 1. Tais traços passam pela operação *merge*, única operação gerativa. Ao serem concatenados, os traços originam uma estrutura sintática. Como a computação dos traços abstratos transcorre por fases, cada uma delas se inicia com a concatenação de um novo traço à estrutura formada pela fase

anterior. Assim, uma fase termina com *spell-out*, ponto onde a estrutura sintática formada por *merge* recebe substância fônica e interpretação semântica.

É no ponto de *spell-out* que os itens de vocabulário são inseridos na estrutura de traços gerada pela computação sintática. Então, quando a estrutura de traços recebe substância fônica, o processo é chamado de Inserção Lexical. Aqui, há uma diferença nuclear entre o modelo em questão e o lexicalismo: na MD, a Inserção Lexical é tardia, ou seja, pós-sintática.

Portanto, as vantagens da MD em relação aos modelos anteriormente propostos caracterizam-se na medida em que se aproximam do conteúdo consolidado pelas ciências cognitivas em geral, quer seja: a visão de que os sistemas cognitivos são formados por submódulos que se inter-relacionam de modo que o *output* de um é o *input* de outro.

Uma proposta de análise das construções de itens lexicais da Libras sob os moldes da MD é vislumbrada por Minussi e Rodero-Takahira (2013) e se fortalece em Rodero-Takahira (2015). Para as autoras, os parâmetros formacionais, além de funcionarem como fonemas e morfemas, também podem ser considerados como traços abstratos de um núcleo abstrato e, conseqüentemente, servem para compor a semântica dos itens lexicais. Desta forma, os parâmetros que constituem o sinal em línguas sinalizadas exercem funções múltiplas. Essa hipótese assemelha-se ao que se verifica em LOs, segmentos fonológicos podem funcionar de maneira distinta em diferentes contextos, o que atesta que esta é uma característica da linguagem.

A esse respeito, Rodero-Takahira (2015) discorre que as raízes acategoriais que formam palavras ou sinais recebem uma categoria sintática quando concatenadas sintaticamente a um categorizador, nome, adjetivo ou verbo, como postula a MD. Nesse sentido, a autora demonstra que há pares verbo-nome na Libras que apresentam uma mesma forma superficial. Sendo assim, deve ser possível assumir que tais dados são categorizados e diferenciados sintaticamente por um V ou por um N categorizador com realização ‘fonológica’ \emptyset , ou com realização específica em alguns membros dos pares em que há uma diferenciação entre o sinal para o nome ou para o verbo. Daremos continuidade à discussão de classes gramaticas na Libras na seção 3.2.

Porém, ao se conceber uma morfologia que se estrutura simultaneamente, Rodero-Takahira (2015) ressalta que a tendência a formações não concatenativas por si só já é um desafio para modelos baseados em um sistema concatenativo para a morfologia e para a sintaxe, como a MD. Nesse sentido, a autora avança na discussão ao propor que a simultaneidade na formação de sinais é puramente superficial, esclarecendo que “o que

muitas vezes é chamado de não concatenativo é, na verdade, apenas reflexo da simultaneidade superficial possível para a línguas da modalidade visuoespacial, ou seja, quando se está diante de uma língua com a possibilidade de vários articuladores” (RODERO-TAKAHIRA, 2015, p.43).

A autora justifica que a simultaneidade presente nos dados de sua pesquisa é superficial, uma vez que a sequencialidade e a simultaneidade são tratadas pós-sintaticamente, ou seja, não interferem na formação sintática. Sobre isso, Minussi e Rodero-Takahira (2013) exemplificam que no primeiro momento de uma derivação sintática, os parâmetros comportam-se como traços abstratos que compõem os radicais – parâmetros abstratos; em outro momento da derivação, parâmetros específicos tomam o valor de morfemas – parâmetros morfológicos; por fim, quando a realização do sinal acontece, os parâmetros articulados são ‘fonemas’ – parâmetros ‘fonológicos’.

O contraponto que temos a apresentar sobre uma análise morfológica de línguas sinalizadas sob os moldes da MD, está na hipótese de que a segmentação nestas línguas requer estratégias diferentes das realizadas para as línguas orais. Compreendemos que a reflexão trazida por esta vertente teórica, de modo geral, contempla as línguas orais.

Reconhecemos ainda que o recente trabalho realizado por Rodero-Takahira (2015) é relevante para essa discussão e poderá oferecer melhores apontamentos para análise das construções morfológicas de línguas sinalizadas, pois corrobora com a ideia de haver um mesmo mecanismo subjacente para derivação. A partir da observação da formação de sinais sequenciais e simultâneos, a autora compreende que “a atuação desse mecanismo independente dos efeitos superficiais da modalidade, ou seja, explica tanto a formação de compostos sequenciais, em LOs e em LSs, bem como a formação de compostos simultâneos nas LSs” (RODERO-TAKAHIRA, 2015, p. 146).

Em virtude do que foi exposto, admitimos a ausência de um modelo de análise morfológica capaz de abranger todas as peculiaridades do funcionamento e organização de línguas gesto-visuais, restringindo as análises nesta modalidade aos modelos propostos para as línguas orais. Reiteramos que a morfologia da Libras é um campo pouco investigado e existem vários fatores que merecem maior atenção, como nos aponta Quadros (2006, p. 175):

“Por um lado, existe uma preocupação em relação aos efeitos das diferenças na modalidade fazendo com que os estudos das línguas de sinais sejam extremamente relevantes. Por outro lado, as similaridades encontradas entre as línguas faladas e as línguas sinalizadas parecem indicar a existência de propriedades do sistema linguístico que transcendem a modalidade das línguas. Nesse sentido, o estudo das

línguas de sinais tem apresentado elementos significativos para a confirmação dos princípios que regem as línguas humanas”.

Em síntese, este capítulo apresentou posicionamentos a respeito dos níveis quirológico e morfológico da Libras, considerando suas peculiaridades em relação aos estudos majoritários das línguas orais.

Adiante, traremos reflexões sobre o léxico das línguas de sinais a fim de oferecer subsídios à análise que se fará dos processos de expansão lexical da Libras no ambiente acadêmico.

3 O LÉXICO

Compreende-se que a linguagem é um conhecimento tácito, implícito e inconsciente no conjunto da cognição humana, nomeado como conhecimento linguístico ou competência linguística. A mente do ser humano está apta a estruturar pensamentos em sequências de sons ou sinais, cuja característica é inata à espécie. A disposição biológica presente em todos os indivíduos saudáveis capacita a aquisição de uma língua de forma natural e espontânea a fim de produzir e compreender discursos.

Esta abordagem desenvolve-se sob a teoria de Chomsky (1957), ao postular a existência de um módulo linguístico na mente humana, constituído de princípios responsáveis pela formação e compreensão das expressões linguísticas, e especificamente dedicado à língua: a Faculdade da Linguagem (FL). Parte da dotação genética da espécie humana, tal como está caracterizada por Hauser *et al.* (2002), a faculdade humana da linguagem parece organizar-se como um código genético – é hierarquizada, generativa, recursiva e, eventualmente, ilimitada com respeito ao seu potencial de expressão.

A Teoria Gerativa descreve a FL como “o resultado da interação complexa entre vários sistemas ou módulos autônomos de natureza diversa, caracterizados por regras e princípios específicos a cada um deles e, não, como uma massa homogênea” (RAPOSO, 1992, p. 15). Esta faculdade inata permite a qualquer indivíduo a aquisição de uma ou mais línguas naturais. No estado inicial, denominado pela Teoria Gerativa de Gramática Universal (GU), a FL é semelhante para todos os seres humanos: qualquer indivíduo possui a mesma capacidade de assimilar a linguagem.

A GU modifica-se de acordo com os estímulos externos e pelas experiências às quais o falante é submetido. Estímulos externos são as interações verbais entre o indivíduo e os demais membros da comunidade onde se encontra, desse modo, o indivíduo natural do Brasil, exposto ao Português Brasileiro, adquirirá a língua; uma vez exposto à Língua de Sinais, assimila-a de modo similar. Entretanto, ressalta-se que, se o indivíduo não se submeter a nenhum estímulo externo, não desenvolverá seu conhecimento linguístico, apesar do aparato inato a tal capacidade.

No estado inicial, a GU constitui-se de princípios e parâmetros. Os princípios, invariáveis e universais, têm validade em todas as línguas e qualquer gramática deverá apresentá-los. Os parâmetros podem variar e são fixados ao longo do período de aquisição de linguagem. Chomsky (1957) concebe o funcionamento da linguagem humana a partir de um sistema de interfaces. O sistema de pensamento é nomeado de ‘conceitual-intencional’,

configurando-se em uma das interfaces da linguagem. O sistema conceitual-intencional relaciona-se ao pensamento humano – abrangendo crenças, desejos, conceitos, intencionalidades, raciocínio e motivações comunicativas –, responsável por enviar as informações de linguagem ao sistema ‘articulatório-perceptual’. Esta segunda interface significa o “conjunto das funções cognitivas responsáveis pelo controle da produção e da recepção das unidades linguísticas, seja na articulação e percepção de sons, seja na produção e na recepção de sinais visuais” (KENEDY, 2013, p. 120).

Partindo destes preceitos, língua refere-se a uma habilidade presente na mente humana, mas também pode significar o código linguístico de dada comunidade, compreendendo algo que existe fora da mente das pessoas. A língua, como faculdade cognitiva e como um código linguístico, constitui realidades distintas. Visando esclarecer a questão, Chomsky (1986) propôs o termo Língua-I como referência à língua em sua acepção cognitiva e, para tratar da língua como fenômeno sociocultural, o termo Língua-E.

A existência de uma língua acarreta, essencialmente, a necessidade de um grupo compartilhar seu léxico e tudo o que nele está inserido – fonemas, morfemas, palavras, expressões, significados e convenções de usos. “É somente a partir de tais elementos compartilhados socialmente que a linguagem toma existência na mente de um indivíduo, esta é a dimensão da linguagem externa à mente humana” (KENEDY, 2013, p. 26).

O termo léxico, tal como aqui é empregado, segue da definição de Basílio (2009, p.9), “um sistema dinâmico, capaz de se expandir à medida que se manifesta à necessidade de novas unidades de designação e construção de enunciados”. Para a autora, o uso do léxico está diretamente ligado à língua. Isto ocorre porque o léxico está em constante expansão nas representações conceituais segundo as nossas necessidades.

Portanto, o léxico refere-se à base de constituintes e de estruturas linguísticas internamente organizadas e disponíveis para a construção lexical (NASCIMENTO, 2010). Esses constituintes combinam-se entre si em um processo dinâmico de atualização e enriquecimento das línguas, e se organizam de forma a aceitar ou a rejeitar a proposição de um vocábulo novo, um neologismo.

A partir do momento que se considera o léxico como um sistema que faz parte da organização linguística e com propriedades regulares é possível concluir que esse sistema não pode ser fechado, pois, a necessidade de classificar e comunicar precisa se adequar aos novos conhecimentos da humanidade. Para Oliveira (2015), a principal característica desse sistema, enquanto dinâmico, seria apresentar estruturas que permitissem tanto a formação de

novas unidades no léxico, quanto à aquisição de unidades novas por cada falante/sinalizante da língua.

Apesar de o léxico aparentar ser um conjunto finito, ele se enriquece e, conseqüentemente, enriquece as línguas de que dele se derivam, ao permitir a adoção de estruturas de outras línguas, como os empréstimos por meio da acomodação cultural, do contato direto com outras culturas e/ou da introdução de novas tecnologias. Diante do exposto, torna-se relevante pronunciar-se sobre a estruturação do léxico de línguas sinalizadas.

3.1 O léxico da Libras

Temos dito que a estrutura dos sinais da Libras apresenta uma complexidade através da combinação e organização paramétrica específica à modalidade. É natural que falantes da Libras saibam identificar quando uma cadeia de feixes articulatorios constitui um sinal desta língua ou quando não pertencente a ela. A estrutura dos sinais da Libras torna-se complexa porque apresenta algumas propriedades das línguas de sinais que não são encontradas nas línguas orais.

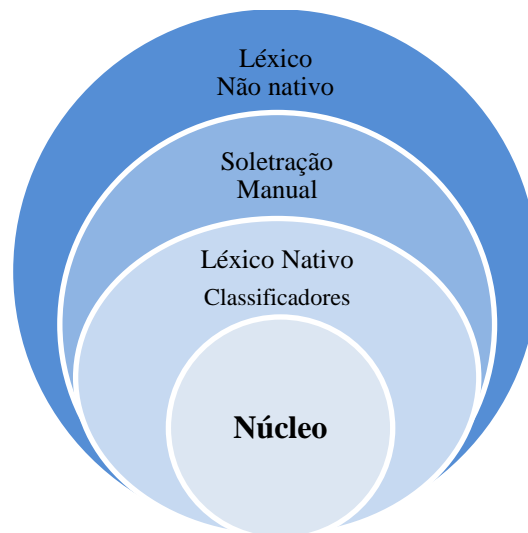
Padden (1983) ao analisar o léxico da ASL propõe uma estruturação de núcleo-periferia: no núcleo, estão os sinais nativos que obedecem a todas as restrições de boa formação dos sinais; em direção à periferia, encontram-se os sinais estrangeiros (léxico não nativo), composto por sinais que obedecem a certas restrições articulatorias; no extremo da periferia, situa-se o vocabulário estrangeiro que se conforma minimamente às restrições da língua.

A autora argumenta que existem graus de nativização e variação de acordo com a acomodação dos itens lexicais às restrições articulatorias, de modo que esta organização do léxico nativo e estrangeiro transcorre em um movimento contínuo na direção núcleo-periferia.

Quadros e Karnopp (2004) baseiam-se nos estudos feitos sobre a ASL e propõem um esquema para representar a composição do léxico na Libras, postulando a existência dos dois tipos de léxico, um nativo e outro não nativo. Fazem parte do léxico nativo: os classificadores, os signos propriamente ditos, representados a partir das restrições de boa formação dos sinais e os empréstimos linguísticos que são incorporados.

No léxico não nativo concentram-se importações das palavras em português ou estrangeiras, para as quais não há signos correspondentes em Libras e por isso, são soletradas manualmente no discurso. Tais formas, consideradas um empréstimo linguístico, são periféricas no léxico das LSs, pois “esta é uma representação manual da ortografia do Português, envolvendo uma sequência de configurações de mão que tem correspondência com a sequência de letras escritas do Português” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 88). A composição do léxico, conforme proposto pelas autoras, pode ser representado na ilustração abaixo.

Figura 8 – Representação do Léxico da Libras.



Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Quadros e Karnopp (2004).

Vale apresentar também a concepção trazida por Castro Júnior (2014) sobre a soletração manual ou datilologia⁶ como constituinte do léxico nativo da Libras. A datilologia, também conhecida como alfabeto manual, se diferencia do sinal soletrado ou da soletração rítmica, que corresponde ao uso das CM do alfabeto manual. Para o autor, a datilologia não é apenas um mecanismo alternativo utilizado quando não se tem sinal correspondente na tradução de uma linguagem oral para uma língua de sinais. A esse respeito, afirma Castro Júnior (2014, p. 39):

“o alfabeto manual não é apenas um “mecanismo” alternativo utilizado quando não se tem sinal correspondente na tradução de uma linguagem oral para uma língua de sinais. Tanto quanto as expressões faciais, esse alfabeto faz parte da língua de

⁶ Nos estudos de LS, datilologia é um termo empregado com sentido quase similar ao que seria soletração, nas línguas orais. O alfabeto manual ou datilológico é usado para expressar nomes de pessoas, nomes próprios, de localidades, empréstimos linguísticos e outros termos que não apresentam um sinal-termo correspondente na Libras (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 37)

sinais. Mesmo que no início esse alfabeto tenha tido a função de substituir a fala, aos poucos, foi-se tornando parte da língua de sinais”.

Segundo Castro Júnior (2014), a datilologia é realizada através da organização de regras metadescriptivas, isto é, o uso correto do espaço torna-se importante, pois a datilologia acontece de dentro para fora e nunca de fora para dentro; é desejável que, ao realizar a datilologia, haja uma sequencialidade, bem como uma movimentação. A partir da explicitação dessas regras, o autor propõe a datilologia como parte da gramática da Libras.

Na perspectiva de Quadros e Karnopp (2004), o léxico nativo apresenta sinais que se utilizam de classificadores, formando um componente do léxico das LSs. Cabe mencionar que, embora o termo classificador seja usado, tais construções diferem das encontradas em línguas orais, e aspectos de sua formação são extremamente influenciados pela modalidade visual-espacial.

Classificadores, conforme nos aponta Castro Júnior (2014), são geralmente usados para especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma desses objetos. Assim, para descrever uma pessoa caminhando em um labirinto, o sinalizador deve usar um classificador em que a configuração de mão, referindo à pessoa, move-se em ziguezague. Essas configurações de mão ocorrem em predicados que especificam a locação de um objeto, por exemplo, a posição de um relógio, uma folha de papel ou um copo, ou a forma de um objeto. (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Portanto, o conceito de classificador nestas línguas diz respeito aos diferentes modos como um sinal é produzido, dependendo das propriedades físicas específicas do referente que ele representa. Essas construções representam características físicas como tamanho e forma, ou comportamento e movimento, o que confere grande flexibilidade denotativa e conotativa aos sinais. Trata-se de um aspecto específico e bastante produtivo da modalidade do léxico das LSs.

Estudos mais recentes propõem ampliar a denominação ‘Classificador’ para ‘Descrição Imagética’, para denotar esse recurso em línguas de sinais. (CAMPELLO, 2008). A autora justifica essa nova proposta:

“Partimos do pressuposto que o uso da denominação classificador ou classificadores ou classificação manual (como um dos recursos gramaticais) poderá provocar o desaparecimento da visualidade e da imagem da Língua de Sinais, tornando a imagem em um “texto fixo”. Essa denominação estanque parece não dar conta de todos os recursos visuais da Língua de Sinais, pois parece estar atrelada a um estruturalismo restritivo e que coloca a iconicidade, a complexidade do signo imagético tudo dentro da estrutura linguística quando deveria considerar o seu uso, seu contexto de uso, e a possibilidade de representar um conhecimento de mundo

Surdo visual e parcialmente próximo aos referentes que descrevem”. (CAMPELLO, 2008, p. 156)

É neste ponto que Campello (2008) traz uma discussão relevante dentro dos estudos linguísticos das LSs. A autora cita Cuxac (2001) para fundamentar a discussão e afirma não ser mais possível aprofundar a questão da linguagem e das línguas segundo modelos linguísticos do sistema estruturalista que exclui a *parole* de sua descrição, como a comparação entre as modalidades: “estruturas formais das línguas de sinais = estruturas formais das línguas orais” no quadro dos modelos linguísticos estruturalistas dominantes (BLONDEL E TULLER, 2000 *apud* CUXAC, 2001), e sobretudo, a rejeição e estigmatização da língua de sinais pelo fato de possuir características icônicas (OLÉRON, 1983 *apud* CUXAC, 2001).

Para Cuxac (2001) a visualidade implícita na modalidade gesto-visual faz com que a sua estrutura gramatical seja distinta da língua oral pelo efeito visual que abrange a iconicidade, a corporeidade, as representações relevantes da descrição imagética, a analogia, a característica não discreta das unidades significativas, as manipulações espaciais e a pertinência do espaço de realização das mensagens gestuais. Isso está presente em todos os enunciados pragmático-conversacionais, narrativas, poética e até mesmo nas análises da área de sociolinguística. Portanto, o conceito tradicionalmente utilizado para classificador em LS, ganha melhor representação a partir do conceito de ‘descrição imagética’ e, portanto, constitui parte essencial do léxico desta modalidade linguística.

Em síntese, os parâmetros da Libras possibilitam a formação e a realização dos sinais e contribuem para desencadear os processos linguísticos nos diversos níveis quirológico e morfológico, sintático, semântico, na gramática da Libras. Assim, não se pode limitar a criação, a formação e a conceituação dos sinais apenas à forma ou a representação visual do sinal, é preciso analisar também a construção mental do signo para que a Libras seja caracterizada como uma língua de modalidade visuoespacial. Isto se dá porque essas línguas são independentes das línguas orais, pois foram produzidas dentro das comunidades surdas, com base na construção mental que os Surdos têm do mundo (CASTRO JÚNIOR, 2011).

Para efeito deste trabalho, os processos de expansão lexical identificados no *corpus* resultam na formação de sinais que compõem tanto o léxico nativo quanto o não nativo na medida com que se submetem às restrições de boa formação inerentes a esta modalidade. Trataremos destas restrições postuladas por Battison (1974) na seção 4.2.

Discorrido o modo de organização do léxico das Libras, considera-se imprescindível apresentar discussões em torno da gramática da Libras, em foco, o modo distinto com que se categorizam classes gramaticais nesta língua – as categorias nome e verbo, e por fim, uma breve explicação sobre a sintaxe da Libras.

3.2 Discussões gramaticais da Libras

Segundo Castro Júnior (2014), a gramática da Libras é um campo de conhecimento que tem sido explorado por pesquisadores das mais diversas áreas de formação no Brasil apenas nas últimas décadas. Portanto, as produções além de raras, são recentes. Grande parte dos estudos sobre a Libras baseia-se em outros realizados sobre a ASL.

“Essa produção ainda incipiente, no Brasil, é reflexo da própria história dos Surdos, de sua educação, comunidade, cultura e identidade. Os Surdos foram, historicamente, privados de utilizarem a língua de sinais e o uso foi proibido nos contextos escolares, o que acarretou profundas demandas em prol desse grupo” (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 36)

Uma das questões que tem recebido atenção dos estudiosos é a distribuição dos sinais em classes gramaticais. Em geral, os trabalhos têm se voltado à distinção do par substantivo-verbo devido ao modo como os falantes da Libras distinguem estas categorias no discurso.

Investigações feitas da ASL, como as realizadas por Supalla e Newport (1978), assumem a existência das categorias Nome (N) e Verbo (V) em línguas sinalizadas, postulando como critério para o contraste lexical entre essas classes, um único aspecto estrutural: a reduplicação no parâmetro M.

O trabalho de Padden (1988), com o intuito de identificar categorias gramaticas nesta modalidade, sugeriu os seguintes critérios: i) nomes podem ser modificados por quantificadores; ii) adjetivos podem flexionar para aspecto intensivo; iii) verbos não podem ser modificadores de outros sinais. Em fase desses critérios, Meir (2012) critica a falta de clareza, afirmando que esses critérios não se aplicam a todos, mas somente aos membros de uma determinada classe.

Quadros e Karnopp (2004) ancoradas na compreensão oferecida por Supalla e Newport (1978), também assumiram o parâmetro M como responsável pelo contraste entre N e V, em Libras. O pressuposto é que este critério aplica-se às LSs em geral; assim, as autoras sugerem que a formação de N dá-se a partir de certos sinais relacionados a conceitos verbais,

e V caracteriza-se por um movimento longo, enquanto em N, o movimento é breve e repetitivo.

No entanto, esse ponto de vista não é compartilhado por outros pesquisadores, cita-se Figueiredo Silva e Sell (2009, p. 16), “os sinais na Libras não apresentam evidência morfológica clara para a distinção entre as classes gramaticais, por exemplo, os sinais usados para CARRO e para a ação DIRIGIR-CARRO não apresentam qualquer diferença estrutural”.

Da mesma forma, Felipe (2006) argumenta que não há evidência de padronização na realização do movimento presente no sinal que seja suficiente para se distinguir N de V, em Libras. A autora defende que a distinção encontrada em Supalla e Newport (1978) na análise da ASL não se aplica à Libras. Isto se justifica pelo fato de os próprios falantes de Libras não terem identificado a diferença diante de diversos pares N e V, investigados pela autora e por levantarem controvérsias quanto à realização dos sinais.

Felipe (2006) conclui que vários pares, na Libras, possuem a mesma forma para designar entidades e eventos, transferindo a diferenciação da categoria lexical para o contexto pragmático em que se produz o enunciado. Este contexto é fundamental para dar significado ao item lexical, pois, de acordo com a circunstância, determinado sinal poderá ser entendido como N ou como V. Desta forma, a autora considera que na Libras também há um processo de formação de palavras denominado ‘derivação zero’, ou seja, há sinais que são invariáveis e somente no contexto pode-se perceber se estão sendo utilizados com a função de verbo ou de nome.

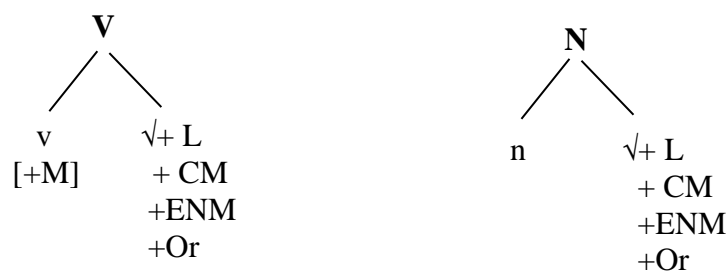
Coerente com as considerações de Felipe (2006), Pizzio (2011) selecionou 25 pares N-V, em Libras, objetivando averiguar quais seriam as diferenças formais entre uma noção e outra. Todavia, a autora não encontrou padronização nos pares elencados pelos dicionários, capaz de atestar a hipótese de ser M o elemento distintivo entre N e V, em Libras, fato que a levou à discordância sobre a possibilidade de se aplicar a M o caráter distintivo entre essas classes lexicais.

Os resultados obtidos mostram que há bastante variação na produção dos indivíduos. Nem sempre foi observado o padrão esperado para a produção dos nomes e verbos, principalmente para aqueles pares que apresentam ou um movimento circular do sinal ou um movimento alternado de mãos e braços para realizar o sinal. Muitas vezes, os indivíduos não diferenciavam na sua produção o nome e o verbo, produzindo o mesmo sinal para ambos os casos (PIZZIO, 2011, p. 227).

Outro contraponto é apresentado por Lima (2012), questionando esta análise que desconsidera critérios semânticos e pragmáticos ao delimitar as categorias gramaticais de línguas sinalizadas. Para tal, o autor baseia sua reflexão sobre N e V, em Libras, sugerindo que a ocorrência do parâmetro M é um traço necessário ao protótipo V, pela razão destes sinais codificarem a relação dinâmica entre os diferentes participantes de um evento. O autor também comenta que a interpretação das funções sintáticas desempenhadas pelos sinais, em Libras, depende, em grande parte, da construção na qual elas se inserem, de modo que um mesmo item lexical poderá codificar noções tanto nominais quanto verbais, dependendo do contexto discursivo pragmático onde ocorre.

Minussi e Rodero-Takahira (2013) contribuem com essa discussão ao inferir que nos moldes da MD, o radical não possui uma categoria gramatical, transformando-se em nome, verbo, ou adjetivo quando comandado por um núcleo categorizador. Tal compreensão pode ser aplicada às LSs quando o núcleo é considerado abstrato e deve conter traços semânticos, formando um conceito mais geral.

No intuito de promover um avanço na sugestão de diagnósticos para a identificação de classes gramaticais, bem como uma investigação empírico-teórica sobre a formação de sinais, as autoras citadas, utilizaram-se desse modelo e analisaram pares nome-verbo. As autoras identificaram diferenças de movimento, repetição ou aumento do movimento, na contraparte verbal dos pares. Isto se explica, pois, as raízes acategoriais vão se concatenar com um categorizador V marcado por um traço [+movimento], tornando-se um verbo, ou com um categorizador N vazio, portanto, sem o traço [+movimento], tornando-se um nome. Abaixo, a ilustração dessa proposta nos moldes da MD, adaptada de Rodero-Takahira (2015):



Dessa forma, o movimento observável na forma verbal é a realização do traço [+movimento] presente no categorizador ‘v’ quando ele não está contido na raiz, que associado a uma raiz acategorial, a transforma em verbo.

Essas premissas apontam que na Libras é possível encontrar elementos constitutivos das palavras que formam um léxico estruturado a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos, componentes pertinentes às línguas convencionais que preenchem requisitos específicos e princípios básicos gerais.

Nesta seção, não se propôs abordar todas as concepções envolvidas na identificação de classes gramaticais em Libras; coube-nos, todavia, apresentar a discussão sobre as categorias N e V, enfatizando que o critério maior que possibilita a distinção pelo falante é o contexto pragmático-discursivo onde o elemento lexical articula-se, além dos critérios semânticos dotados de características prototípicas mais gerais.

3.3 A Sintaxe da Libras

A Sintaxe também constitui uma importante área dos estudos linguísticos que analisa a combinação das palavras dentro da frase e como isto contribui para a formação da estrutura frasal. Estudos comprovam que existe nas línguas sinalizadas, uma organização complexa que possibilita o estabelecimento de relações gramaticais entre os sinais utilizados em um contexto. Mencionam-se os trabalhos de Neidle *et al.* (2000) ao se avaliarem a sintaxe da ASL: os autores assinalam as marcações manuais e não manuais como expressões de traços sintáticos abstratos, e analisam a estrutura de LS fundamentados na Teoria Gerativa. De forma semelhante à perspectiva dos autores, Lillo-Martin (1991) investiga a sintaxe da ASL com respaldo no processo de aquisição da linguagem por crianças surdas, filhas de pais surdos.

Pizzio (2006) informa que a sintaxe visuoespacial apresenta a possibilidade de estabelecer relações gramaticais no espaço através de diferentes formas. No espaço em que são realizados os sinais, o estabelecimento nominal e o uso do sistema pronominal são fundamentais para as relações sintáticas. Qualquer referência usada no discurso requer a especificação de um local no espaço de sinalização – espaço definido na frente do corpo do sinalizador.

Os pronomes são realizados mediante o apontamento para um local específico no espaço ou para o próprio interlocutor, se ele estiver presente. O sistema de verbos com concordância também ocorre espacialmente. Os sinais desses verbos movem-se no espaço, carregando marcas para pessoa e número, através de indicações no espaço. Além disso, especificam o sujeito e o objeto do verbo.

Outros aspectos dos estudos sintáticos das LSs são tratados por Felipe (1989), Ferreira-Brito (1995) e Quadros (1999) que concordam que a ordem básica da frase, em Libras, é sujeito/verbo/objeto (SVO). Contudo, as autoras apontam outras possibilidades de ordenação derivadas do movimento de determinados elementos licenciados em contextos linguísticos específicos. Com isto, é possível também, ordenações do tipo OSV, SOV e VOS. Dentre os mecanismos gramaticais que podem gerar essa variabilidade na ordem estão a topicalização e as construções com foco.

Em geral, as LSs tendem a certa flexibilidade na ordem das palavras: estudos realizados por Fisher (1973, p. 15), em ASL, constataram que “sua ordem básica é SVO, no entanto, quando o sujeito e o objeto são reversíveis – isto é, um ou outro for opção semanticamente plausíveis – a flexibilidade na ordenação é mais restrita”.

Castro Júnior (2011) concorda com esta flexibilidade na ordenação, em frases da Libras há prevalência da ordem SVO quando o sujeito e o objeto estão explícitos nas sentenças, cita-se: JOÃO AMAR ELA MARIA. Já as ordenações OSV e SOV são ordens derivadas mediante alguma marca especial - presença de traços. Tais marcações, como as não manuais, ocorrem em conjunto com as palavras: MARIA [TÓPICO] JOÃO GOSTAR.

As construções detentoras de alternância de ordenação são justificadas conforme o pensamento de Fischer (1973 *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004). O autor relata que sentenças cuja concordância é associada a uma marcação não manual, recurso possível pela modalidade das línguas sinalizadas, tendem a ter alterada a ordem básica das frases.

Quadros (1999), ao analisar tal ocorrência em Libras, examinou que a marca não manual torna a frase mais carregada, forçando mudanças em sua ordem, gerando estruturas diferentes. É possível que as sentenças estructurem-se, então, nas ordens OSV e SOV quando a concordância associa-se a marcas não manuais. No entanto, há uma restrição verificada por Quadros (1999), em Libras: a ordem SOV não pode ser derivada quando o objeto for uma oração subordinada, diferente de uma oração simples.

Aqui, finalizamos a apresentação de questões inerentes a gramática da Libras, considerando que o conhecimento delas é relevante para que se tenha compreensão acerca da peculiaridade de estruturação desta língua em todos os níveis linguísticos.

4 PRODUTIVIDADE LEXICAL

Um aspecto fundamental de qualquer língua é a possibilidade que tem, por diferentes recursos, de ampliar e renovar seu léxico. Bagno (1999) afirma que a língua é viva, dinâmica, em constante movimento. Para o autor, toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação. Assim, uma língua de sinais, como qualquer outra língua, encontra-se em plena renovação de seu acervo lexical. Cabe investigar os mecanismos utilizados na expansão lexical e, dentro desta perspectiva, o fenômeno neológico tem sido objeto de estudo de pesquisas que visam à descrição lexical.

Sabe-se que para satisfazerem as exigências discursivas, os falantes, muitas vezes, lançam mão de recursos que dão caráter inovador ao ato comunicativo, como, por exemplo, os neologismos. Devido à necessidade comunicativa e à escassez lexical, o falante é motivado a criar novos sinais/palavras, ampliando o vocabulário e atendendo as exigências impostas pelas situações comunicativas de seu cotidiano.

A criação de novos sinais, além da relação direta com a vivacidade linguística, vincula-se às variadas transformações que ocorrem todo momento no tecido social, sejam elas de natureza econômica, política, técnica, científica, literária etc. A esse respeito, Mandelblatt *et al.* (2012) fazem menção ao aumento de estudantes Surdos no Ensino Superior no Brasil, nas últimas décadas, quando os sujeitos envolvidos no processo veem-se desafiados a criar itens lexicais, em Libras, que deem conta do universo conceitual correspondente às diferentes áreas curriculares de seus respectivos cursos.

As autoras consideram tratar-se de um desafio vivido principalmente pelos estudantes Surdos, “tanto na tentativa de construir sentido das informações que lhes são passadas pelos tradutores/intérpretes de Libras que atuam nas salas de aula, quanto nas tentativas de compreender os textos acadêmicos que precisam ler em cada disciplina”. (MANDELBLATT *et al.*, 2012, p. 91).

Tal desafio é experimentado ainda pelos profissionais intérpretes de Libras, na busca de encontrar estratégias discursivas na modalidade linguística para transmitir conceitos atinentes aos vários campos de conhecimento, tanto no trabalho de interpretação simultânea em sala de aula quanto na tradução de textos acadêmicos para Libras.

Dessa forma, estudos sobre produtividade lexical, em Libras, vêm alcançando visibilidade no meio acadêmico devido ao recente reconhecimento de seu status linguístico no país. Consequentemente, nota-se a inserção dos seus falantes em novos espaços sociais; prova disto, o aumento da presença de estudantes Surdos no cenário universitário brasileiro.

Acredita-se que a proposta deste trabalho, além de se prestar à descrição das línguas de sinais, pode ser extremamente útil aos estudos de ampliação do léxico nas diversas áreas de especialidade. A relevância ainda se explica devido aos inúmeros estudos morfológicos de produtividade lexical das línguas na oralidade, sobre os quais, há anos, pesquisadores dedicam-se à investigação, contudo, em línguas sinalizadas, tem-se um quadro diferente: os aspectos morfossintáticos da língua são pouco investigados e os estudos, recentes e precursores.

Diante do exposto, trataremos dos processos sistematizados nos estudos que investigam a expansão de lexical, tendo em vista as diferenças de modalidades, para finalmente, apresentarmos as contribuições desta pesquisa através da análise do *corpus*.

4.1 Processos morfológicos em modalidades distintas

Como se pode notar, a língua está em constante evolução; enquanto algumas palavras tornam-se arcaicas, caindo em desuso, outras se incorporam à língua, seja mediante processos inovadores de criação dos quais todas as línguas dispõem, seja por meio de empréstimos lexicais, que representam os itens léxicos provenientes de outros sistemas linguísticos. Todos os termos novos, criados ou emprestados, constituem-se nos neologismos.

Guilbert (1975), investigando a criatividade lexical, classificou os neologismos em: a) fonológicos; b) sintagmáticos; c) semânticos; d) neologismos por empréstimo. O processo neológico classificado como fonológico baseia-se na formação da substância do significante e na sua transcrição: a palavra formada surge de uma combinação inédita de fonemas, não procedente de nenhuma palavra existente na língua. Em contrapartida, os neologismos sintáticos ou morfológicos são produtos da combinação de elementos recorrentes na língua analisada, reunindo todos os modos de formação os quais requerem a combinação de elementos diferentes; eles são morfossintáticos e abarcam todas as formas de derivação e composição.

Os neologismos semânticos resultam da atribuição de um novo significado a um item lexical. Tratam-se daqueles que têm existência léxica, porém, quando aplicados em determinadas circunstâncias, ganham significado novo. São do domínio do significado. Carvalho (1989, p. 23) acrescenta que “a maneira mais simples e econômica de surgimento de uma palavra não é através de construção e, sim, de mudança de sentido”, sendo a mudança semântica uma das grandes contribuições para a inovação linguística. Finalmente, o

neologismo por empréstimo pressupõe a importação de palavras provenientes de outra língua, com ou sem adaptação fonética/gráfica.

Após o processo de criação, o elemento neológico incorpora-se à dinâmica da língua. Assim, toda criação neológica contribui para alterar o funcionamento da língua e isto ocorre pelo surgimento ou desaparecimento de outros elementos. Ao serem incorporados pela comunidade linguística, os neologismos tendem a permanecer na língua; tal fato é ratificado pela aceitação da sociedade onde os mesmos se inserem e por seu uso efetivo.

Para discorrer sobre os processos de expansão lexical em modalidades distintas, aceita-se que as línguas seguem princípios gerais para a ampliação lexical. Deve-se, portanto, atentar-se às diferenças nas construções morfológicas de cada modalidade.

4.1.1 *Processos derivacionais*

Iniciamos a apresentação desses processos pela derivação, um mecanismo de formação de palavras produtivo em diversas línguas, consistindo na junção de um afixo, prefixo ou sufixo a um morfema lexical. Os tipos mais comuns de derivação são: prefixal e sufixal. Enquanto a primeira corresponde à formação de novas palavras a partir do uso de prefixos, a segunda utiliza sufixos para formar novos substantivos, adjetivos, verbos ou advérbios. Cunha e Cintra (2008, p. 98) comentam que “tanto os sufixos como os prefixos formam novas palavras que conservam, em regra, uma relação de sentido com o radical derivante”.

Nos moldes da MD, pode-se exemplificar o processo de derivação na formação da palavra do PB, ‘industrialização’ (ato de industrializar, ou tornar algo industrial): as fases da formação da palavra iniciam-se na Lista 1, ao prover uma posição oca e um traço abstrato. A posição oca receberá o radical, enquanto o traço abstrato é categorizador, neste caso, um nominalizador. Esses constituintes são concatenados e a estrutura [radical + nominalizador] receberá, após *spell-out*, os itens de vocabulário. Assim, a posição oca será preenchida pela radical industr- e, no nominalizador, será inserido o item de vocabulário -ia, formando-se a palavra indústria.

Após a inserção dos itens de vocabulário, a estrutura [radical + nominalizador] ganha uma interpretação idiossincrática na enciclopédia: indústria é o conjunto das atividades que visam à manipulação e transformação de matérias-primas para a produção de bens de consumo. Silva, E. (2010) distingue outra fase, com a concatenação de outro traço abstrato,

um adjetivador. Esse traço recebe o item de vocabulário -al, formando-se, desta vez, a palavra ‘industrial’ (aquilo que é relativo à indústria). De forma lógica, interpreta-se composicionalmente o significado deste vocábulo, somando-se a contribuição do novo categorizador ao sentido arbitrário dado pela enciclopédia ao composto [radical + categorizador].

Em outra etapa, cujo processo assemelha-se ao da fase anterior, é inserido o verbalizador -izar, gerando a palavra ‘industrializar’ (tornar industrial). Finalmente, insere-se o nominalizador -ção, formando a palavra ‘industrialização’. Verifica-se que o significado arbitrário situa-se na estrutura, como em [industr- + -ia], ou seja, na junção do radical com o primeiro traço categorizador. Os traços categorizados subsequentes não geram significados arbitrários, mas composicionais.

Paralelamente, cumpre-nos ressaltar que processos derivacionais também ocorrem em LSs, contribuindo para a valoração dos universais linguísticos, porém, é preciso notar como esses processos se manifestam nestas línguas. Pesquisas já observaram que processos morfológicos complexos, como derivação, por exemplo, não são comuns em ‘línguas jovens’ (ARONOFF *et al.*, 2004), portanto, esse possa ser um obstáculo para a apreensão deste processo em Libras, pelo fato de as LSs serem consideradas ‘línguas jovens’ e, como tais, não tiveram tempo de desenvolver processos morfológicos de afixação.

Outra questão sobre o estudo da morfologia derivacional em línguas de sinais reside no fato de o signo gestual ser apreendido como algo holístico, carecendo de maior atenção na segmentação dos componentes morfoquiroológicos, como nos dizem Schwager e Zeshan (2008), há uma dificuldade de identificar afixos em itens lexicais que tem seus formantes realizados de maneira simultânea.

A esse respeito, Oliveira (2015) informa que “na formação de itens lexicais, a maioria dos morfemas da Libras é ‘raiz’ – por não haver declinação e conjugação tão marcadas como nas línguas orais do grupo indo-europeu” (OLIVEIRA, 2015, p. 177). Assim, o nível do morfema parece desaparecer criando a sensação de um salto do nível de análise diretamente do fonema para o lexema. A autora explica que isso se deve, principalmente, à falta de pesquisas mais detalhadas sobre a formação de lexemas em Libras.

Ainda assim, processos derivacionais são concebidos em análises realizadas em ASL (SUPALLA E NEWPORT, 1978; KLIMA E BELLUGI, 1979). Esses estudos demonstram que sinais predicativos são modificados aspectualmente por meio da ‘reduplicação’. Especificamente, Klima e Bellugi (1979) observaram que as modificações ocorriam no movimento e em deslocamentos espaciais. Também identificaram diferenças no movimento,

ainda que mínimas, a saber: tenso, relaxado ou acelerado – nos casos de derivação por extensão de significados. Pesquisa semelhante foi realizada para averiguação deste processo em Libras e demonstrou que a alteração do parâmetro estrutural movimento, sua reduplicação ou a variação na amplitude, originam variações formais e semânticas no item lexical:

Seguindo a proposta de Supalla e Newport (1978) para a ASL, observa-se que a língua de sinais brasileira pode derivar nomes de verbos pela mudança no tipo de movimento. O movimento dos nomes repete e encurta o movimento dos verbos. [...] Tais conclusões, aplicáveis às regras morfológicas da língua de sinais brasileira, podem ser ilustradas com o par SENTAR e CADEIRA: a locação, a configuração e a orientação de mão dos dois sinais são as mesmas, mas o movimento é diferente. É o movimento que cria a diferença no significado entre os dois tipos de sinais (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 96-97; p. 100).

Outro processo derivacional é a ‘incorporação da negação’, em Libras. Segundo Ferreira-Brito (1995), neste caso, os sinais que incorporam a negação sofrem alterações em sua estrutura morfológica, acrescentando um item estrutural diferente daquele que é a sua base: a contraparte negativa. A autora cita exemplos de itens lexicais que apresentam tal incorporação, em Libras, como GOSTAR, NÃO-GOSTAR; QUERER, NÃO-QUERER. Trata-se de um processo de modificação por adição ao radical, mediante incorporação da negação.

Os sinais mencionados possuem uma base com um movimento inicial e se finalizam com um movimento oposto, caracterizando a negação incorporada. Para Felipe (2006), o movimento assemelharia, em PB, ao prefixo anti-, mas que, em Libras, vem posposto ao radical, suscitando a hipótese de um sufixo de negação.

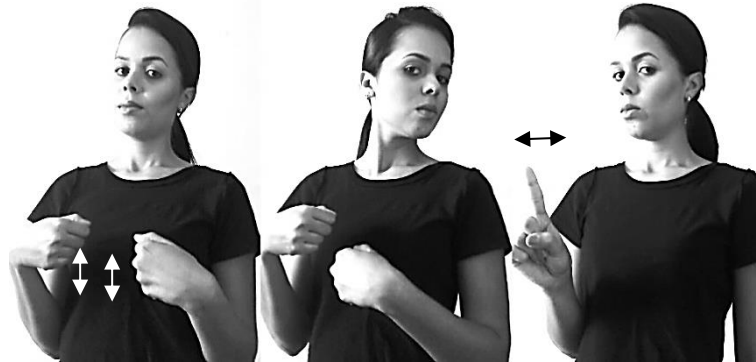
Figura 9 – Verbo Gostar/Gostar-Não, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A autora mencionada também concebe a incorporação da negação como infixo, simultaneamente ao radical verbal através de uma alternância no movimento ou através de expressão corporal (movimento da cabeça) concomitante ao sinal, como nos verbos: TER, TER-NÃO; ENTENDER, ENTENDER-NÃO; PRECISAR, PRECISAR-NÃO.

Figura 10 – Verbo Precisar/Verbo Precisar-não, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Outros exemplos de unidades lexicais formadas por processos de afixação foram identificados na pesquisa de Faria-Nascimento (2009). A autora admitiu a existência de morfemas-base e propôs a segmentação dos itens lexicais analisados em ‘base’ e ‘produto’. A ‘base’ equivaleria ao morfema-base, à base-presa ou a radicais, constituída por CM, Or e PA, enquanto o produto seria o “resultado das derivações sufixais, ou seja, à base associa-se a outra mão com CM, Or, PA e os demais parâmetros” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p.97).

A pesquisa citada de Faria-Nascimento (2009) traz uma enorme contribuição para os estudos sobre os processos derivacionais da Libras. A autora analisou itens terminológicos e aferiu grande produtividade na construção de itens lexicais pelo processo de derivação por meio de acréscimo de afixos, o que vai ao encontro do que foi observado por Aronoff *et al.* (2004) sobre o amadurecimento da língua e dos processos morfológicos.

Aqui concordamos com Oliveira (2015), os trabalhos citados representam um avanço na direção de uma análise mais detalhada – e necessária – dos processos de formação de itens lexicais na Libras, porém, ainda se faz necessário uma adequação das noções de derivação, raiz e afixo na LS, pois o ponto de partida é sempre a analogia às LOs.

Certamente, os elementos formantes das LSs são muito distintos das LOs, usar os mesmos conceitos das línguas orais se torna uma limitação, pois tal estratégia não leva em

consideração as características específicas das LSs e, portanto, não permite analisar com clareza os fenômenos em questão.

4.1.2 Processos composicionais

A expansão do léxico abrange dois processos gerais de formação de palavras: a derivação, já mencionada, e a composição. O estudo desses processos parte de uma perspectiva sincrônica, considerando a existência de palavras simples e compostas. As simples podem ser primitivas e derivadas, e as compostas, formadas a partir das simples.

Petter (2003, p. 72) explica que “a composição distingue-se da derivação por seu próprio mecanismo de estruturação, enquanto que pela derivação expressam-se noções comuns e gerais, o processo de composição permite categorizações mais particulares”. A associação de dois elementos independentes cria formas compostas, muitas vezes desvinculadas do significado particular de cada um de seus componentes, como se vê em ‘amor-perfeito’. Vale destacar que a composição é o processo de formação de palavras atestado em uma extensa variedade de línguas, e assumido como um processo universal (GREENBERG, 1963; FROMKIN *et al.*, 1996; LIBBEN, 2006; DRESSLER, 2006).

Nóbrega (2015) determina imprescindível que qualquer teoria sobre formação de palavras explique como os variados tipos de compostos encontrados nas línguas são gerados, assim como, o porquê, como e em que medida as formações diferem superficialmente. A autora sugere que, embora essas relações gramaticais sejam universais, o modo como as línguas naturais emolduram morfologicamente seus compostos varia de maneira considerável:

Assim sendo, as relações gramaticais caracterizam-se como a propriedade da composição que deve ser abarcada pelo componente gerativo, ao passo que as estruturas morfológicas da composição, bem como os processos fonológicos que definem os compostos dentro de uma língua particular, caracterizam os aspectos variáveis desse processo, translinguisticamente e, portanto, estão a cargo dos componentes morfológico e fonológico da gramática (NÓBREGA, 2015, p. 93).

Para Cunha (2008), o processo de composição consiste em formar novo item lexical a partir da junção de dois ou mais radicais. O produto, por sua vez, apresenta uma ideia única, que pode ser diferente dos sentidos expressos pelos seus componentes. O autor enumera dois tipos de composição: (a) por justaposição e (b) por aglutinação. Enquanto no primeiro tipo os

componentes da palavra são ligados geralmente por hífen, no segundo, eles se unem, tornando-se apenas um vocábulo.

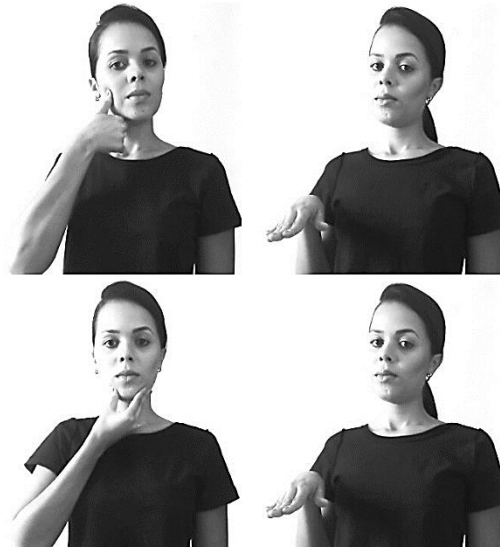
Quanto à forma, os elementos de uma palavra composta podem estar simplesmente justapostos, conservando cada qual a sua integridade, exemplifica Cunha (2008): beija-flor, pé-de-meia, segunda-feira. Do ponto de vista fonológico, na composição por justaposição tem-se a junção dos morfemas lexicais, mantendo-se sua autonomia fonológica. De maneira adversa, na composição por aglutinação, tem-se a junção de dois morfemas lexicais, resultado na perda da autonomia fonológica de um dos componentes. Citam-se, como modelos, as palavras embora (em + boa + hora), aguardente (água + ardente) e planalto (plano + alto).

Semelhantemente, Rodero-Takahira (2015) aponta a ocorrência, em Libras, de sinais formados pela junção de dois itens lexicais sinalizados em sequência com todos seus componentes morfológicos, caracterizando-os como compostos por justaposição. Em contrapartida, verifica-se a formação de sinais em que um ou mais de seus componentes morfológicos são alterados ou não realizados, caracterizando-os como compostos por aglutinação.

Esse tipo de formação foi observado também por Figueiredo Silva e Sell (2009) que consideraram a composição um processo produtivo em LS. Para as autoras, os compostos podem ser classificados conforme a modalidade visual. Os compostos denominados ‘aparentes’ apresentam “ordem variável entre os sinais que os compõem, e cada sinal pode ocorrer isoladamente” (FIGUEIREDO SILVA; SELL, 2009, p. 17).

Citam como exemplo desta classificação a combinação dos sinais independentes de HOMEM ou MULHER com um sinal base. É o que ocorre na formação dos sinais de MENINO e MENINA, formados pela junção dos sinais MULHER + PEQUENO e HOMEM + PEQUENO, respectivamente.

Figura 11 – Sinal de Menina e Sinal de Menino, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Por outro lado, as autoras esclarecem que esta combinação entre sinais não pode ser entendida como verdadeira composição – por isso a nomeação *aparente*, tendo em vista que a ordenação entre os sinais é variável, embora a ordem mais comum seja [HOMEM + N] ou [MULHER + N].

Já os compostos considerados verdadeiros, para as autoras, são caracterizados pela ordem fixa entre os itens lexicais, isto é, há uma sequência na articulação dos sinais que não pode ser alterada; por exemplo, em VIGIA ou COSTUREIRA seguem a ordem [SUJEITO + AÇÃO VERBAL], necessariamente [HOMEM + VIGIAR], [MULHER + COSTURAR].

Figura 12 – Sinal de Costureira e Sinal de Vigia, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A exigência de uma ordem fixa para compostos em Libras é uma propriedade também verificada em compostos de línguas orais, pois é capaz de distinguir os compostos não apenas

de sintagmas da língua, mas ao menos de certas expressões idiomáticas, afirma Katamba (1993). Segundo o autor, enquanto os elementos de um sintagma nominal podem ser separados por certos processos sintáticos, os elementos que integram um composto não podem sofrer tais processos.

Um tipo muito produtivo de formação de compostos em Libras refere-se a itens lexicais que se unem para formar novos vocábulos designando locais. Trata-se do terceiro tipo de composição apresentado por Figueiredo Silva e Sell (2009). Exemplo: compostos são gerados a partir da justaposição dos itens lexicais [CASA + N]. Observa-se que, além da sequência fixa dos itens lexicais, há a obrigatoriedade de dois sinais, existentes como formas independentes na língua, fato que ocorre em ESCOLA e IGREJA, formados pela junção de [CASA + ESTUDAR] e [CASA + CRUZ], respectivamente.

Nas línguas sinalizadas, para a formação de compostos, os itens lexicais incorporam-se à língua seguindo as limitações de seus articuladores. Sobre a questão, Aronoff *et al.* (2004) explicam que, em virtude da modalidade das línguas sinalizadas, há a possibilidade de ocorrência de um tipo de composição impossível de ser verificada em línguas orais: a composição simultânea. Isto se justifica porque tal modalidade utiliza dois articuladores – as duas mãos; assim, os compostos podem ser criados, em princípio, por articulação simultânea de dois sinais diferentes, um em cada mão.

Dentro desta ótica, Liddell (1984), ao investigar compostos em ASL, verificou que mudanças predicáveis ocorrem no composto pelo fato de estar sujeito à aplicação de regras que concordam com a especificidade das LSs. O autor observou que na formação de sinais compostos, partes de um ou de ambos os sinais eram apagadas em favor da preservação de determinadas organizações sequenciais. Sobre o assunto, Liddell (1984) especifica regras de formação dos sinais compostos, resultando na alteração dos sinais integrantes da composição em relação a cada um dos sinais individuais, a) regra do contato; b) regra da sequência única; c) regra da antecipação da mão dominante.

A *regra do contato* diz que, se a mão entra em contato com o corpo na articulação de sinal, quando o mesmo integrar uma composição, envolverá apenas o segmento de *suspensão*, excluindo os demais. Em consonância, Quadros e Karnopp (2004) argumentam que quando dois sinais ocorrem juntos para formar um composto, caso o primeiro sinal apresente contato, este tende a permanecer; se o primeiro sinal não apresentar, mas o segundo, sim, o contato permanece na composição.

A *regra da sequência única* demonstra que quando sinais compostos são formados, o movimento interno ou a repetição do movimento de um sinal é eliminado. Por sua vez, a

regra da antecipação da mão não dominante, aponta que, frequentemente, a mão passiva do sinalizador antecipa o segundo sinal no processo de composição.

Sob essa perspectiva, os compostos formados por três ou mais itens lexicais parecem ser mais complexos. Aronoff *et al.* (2004) assumem a possibilidade de os compostos derivarem de longas sequências de palavras não estruturadas e, com o uso frequente na língua, tendem a ser reduzidos, culminando em unidades de duas ou três palavras.

4.1.3 Processos flexionais

Quanto aos processos flexionais verificáveis em Libras, Quadros e Karnopp (2004) apresentam diversos exemplos de flexão em correspondência às categorias flexionais investigados na ASL, inicialmente por Klima e Bellugi (1979). Os estudos desses autores observaram que o processo flexional em ASL cria sinais com significados complexos, portanto, sugeriram a classificação desses sinais em seis categorias gramaticais: indexação referencial, reciprocidade, aspecto distribucional, aspecto temporal, foco, modo e grau.

Os estudos americanos primários deram base às investigações feitas em Libras (QUADROS E KARNOPP, 2004; QUADROS *et al.*, 2009). Estes trabalhos apresentam tipos de flexão em Libras, a saber: a) Pessoa – é a flexão utilizada para marcar as referências pessoais nos verbos com concordância. O referente é realizado por meio da apontação para diferentes locais no espaço, estabelecidos para identificá-los quando estes não estão presentes no discurso: ENTREGAR-PARA-MIM, ENTREGAR-PARA-ELE; b) Número – é a flexão que indica o singular, o dual, o plural e o múltiplo. Existem várias formas de substantivos e verbos apresentarem a flexão de número na língua de sinais brasileira: ENTREGAR-PARA-UM, ENTREGAR-PARA-VÁRIOS-INDIVIDUALMENTE; c) Aspecto distributivo – está intimamente relacionado com a flexão de número nos verbos com concordância e também nos verbos espaciais: ENTREGAR-PARA-ELES; d) Aspecto temporal - refere-se exclusivamente à distribuição temporal, não envolve a flexão de número: CUIDAR, GASTAR.

Processos flexionais também são averiguados por Felipe (2006), ao classificar mecanismos de modificação interna na Libras, dentre estes: flexão de pessoa, flexão de aspecto verbal e flexão para gênero. A autora conclui que “em relação às categorias gramaticais e aos seus processos de formação de palavra, a Libras é uma língua flexional,

embora tenha também características de língua aglutinante, que podem ser percebidas a partir da formação de sinais pelos processos de composição e incorporação (FELIPE, 2006, p.208).

4.1.4 Processos semânticos

É notável que a expansão lexical também ocorre mediante a reutilização de unidades léxicas existentes para novos significados. Para Freitas (2008), unidades lexicais originalmente monossêmicas tornaram-se polissêmicas ao longo dos anos, com a adição de novos sentidos a seu verbete. A polissemia é uma propriedade do signo linguístico, e devido a sua arbitrariedade, ou seja, o fato de um nome não se ligar à coisa, parece natural que um mesmo significante represente diversas coisas (BORBA, 2003).

Sabe-se que o conceito de ‘polissemia’ é de extrema abrangência, mas, tendo em vista a análise subsidiada neta pesquisa, considerar-se-á o sentido mais restrito, respectivo ao processo inerente às línguas, dado o caráter polissêmico do léxico pelo qual um item lexical pode receber expansões de significados.

Esse aspecto explica o fato de as alterações semânticas serem mais frequentemente causadas por novas necessidades comunicativas. A produtividade do processo de neologia semântica através da polissemia leva ao desenvolvimento semântico, paralelamente aos progressos da sociedade. Para Almeida (2009), as expressões polissêmicas são resultantes de processos de extensão de significados que só podem ser explicados dentro de um contexto. Assim, pela polissemia, a lei da economia linguística é estabelecida, pois o mesmo signo é reaproveitado várias vezes, fazendo variar o significado. Há uma tendência na língua para ampliação de sentido através da polissemia; a criação de signos linguísticos é mais rara e por isto, menos eficaz na produção de neologismos.

De acordo com Silva, A. (2006, p. 59), o significado é flexível e considera a polissemia “como uma coleção de vários sentidos inter-relacionados estáticos e de não difícil diferenciação”. Argumenta que através do processo polissêmico forma-se uma rede de sentidos flexíveis, adaptáveis ao contexto e abertos à mudança. O autor aprofunda o sentido do significado: não estático, mas dinâmico; não dado, mas construído através do conhecimento enciclopédico e configurado em feixes de conhecimento ou domínios; não platônico, mas corporizado, encarnado nas necessidades, nos interesses e nas experiências dos indivíduos e das culturas. Nas palavras de Silva, A. (2006, p. 64):

“A polissemia é um fenômeno graduável, ou seja, é um fenômeno prototípico, em que todas as palavras são altamente polissêmicas, com sentidos ligados entre si e a um centro prototípico por diferentes mecanismos cognitivos, incorporando sentidos e relações em quantidade maior ou menor de flexibilidade”.

Esse mecanismo de ampliação lexical é igualmente verificável nas línguas sinalizadas e vários fatores estruturais concorrem para que o sentido do sinal seja identificado, contudo, o contexto imediato delimita o sentido do signo, resolvendo uma possível ambiguidade.

Martins e Bidarra (2012) relatam a emergência do fenômeno da ambiguidade lexical em Libras, a partir de sinais morfológicamente idênticos, mas que apresentam significados ou sentidos distintos dependendo do contexto em que venham ocorrer.

A ambiguidade lexical estabelece-se por homonímia quando os sentidos da palavra ambígua não são relacionados semanticamente, e pela polissemia, quando os possíveis sentidos da palavra ambígua têm alguma relação semântica entre si.

A homonímia pode ser percebida em Libras, conforme a ilustração dos sinais SÁBADO e LARANJA.

Figura 13 – Sinal de Sábado e Sinal de Laranja, em Libras.



Fonte: Acervo pessoa da autora.

A articulação dos dois sinais é a mesma, CM, L e Or são idênticos, isto é, o significante é igual, mas o que diferenciará o significado de ambos os sinais será o contexto. Desta forma, os sinais podem ser considerados homônimos, já que não há relação semântica entre seus significados.

Em contrapartida, os sinais de ENSINAR e EDUCAÇÃO em Libras, apresentam uma polissemia, pois integram o mesmo campo semântico embora tenham significados distintos. Mantêm uma relação semântica entre si e somente podem ser identificadas pelo contexto em que se inserem, visto que são formados pelos mesmos parâmetros estruturais:

Figura 14 – Sinal de Ensinar/Educação, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

4.1.5 Empréstimos linguísticos

Em sequência, apresentamos as ocorrências neológicas advindas por empréstimo linguístico. De acordo com Guilbert (1975, p. 90), "o empréstimo consiste da introdução, no interior de um sistema, de segmentos linguísticos com uma estrutura fonológica, sintática e semântica conforme outro sistema". O autor adota uma classificação cujo termo estrangeiro configura-se em um estrangeirismo ou um empréstimo. Alves (1990) aceita a neologia por empréstimo quando um elemento estrangeiro (expressão, conteúdo ou ambos) é utilizado em uma determinada língua, passando a ser codificado por ela.

A Língua Portuguesa está aberta a múltiplas recepções de palavras que nela se acomodam, compondo parte do léxico. Estas acomodações linguísticas sobrevêm principalmente no meio cultural. Conforme Alves (1990), vocábulos franceses foram absorvidos pela Língua Portuguesa a partir do século XVIII, mas é no século XX, mais precisamente na primeira metade, que as ocorrências tiveram maior incidência. Segundo a autora, atualmente o sistema linguístico tem acolhido vocábulos provindos da língua inglesa, com maior frequência.

As LSs, devido às próprias particularidades, não possuem as mesmas possibilidades de empréstimo das línguas orais, não obstante compartilhem contato estreito com a língua oral dominante e possam sofrer sua influência direta. Rodrigues e Baalbaki (2014) salientam a provável influência de uma língua sobre a outra; contudo, a Libras e o Português são

línguas de diferentes modalidades, cujos respectivos sistemas linguísticos apresentam formas peculiares de apreensão da realidade.

O canal mais aberto para favorecer tal processo é a transliteração, compreendida como a representação de letras de uma língua oral por CM de uma língua de sinais. Para Nascimento (2010), trata-se da representação de palavras ou parte de palavras de línguas orais por meio do uso agrupado de CM, equivalente à representação de letras do alfabeto de dada língua oral em um PA específico. Portanto, uma datilologia comum de qualquer palavra transliterada da LP para a Libras tem um PA específico, normalmente o espaço neutro no qual todas as letras são articuladas.

A datilologia é muito usual para representar nomes próprios e de locais, quando não se tem certeza de que o interlocutor conhece determinado sinal, ou se o sinal ainda não está lexicalizado na língua. Os alfabetos gráficos constituem-se fonte primeira de empréstimo das línguas orais para as línguas de sinais, refletindo um tipo de empréstimo bastante recorrente na segunda modalidade.

As palavras emprestadas por datilologia tendem à lexicalização, e isto se deve ao fato de serem palavras estranhas à quirologia das LSs. Ocorrendo por meio da transliteração, esse tipo de empréstimo divide-se em dois grupos: o dos empréstimos por transliteração pragmática – aqueles empréstimos puramente datilológicos, e o dos empréstimos por transliteração lexicalizada.

O empréstimo por transliteração pragmática desenvolve-se nos mais variados contextos nos quais se faz necessário denominar referentes sem equivalentes lexicalizados na língua de sinais ou desconhecidos, ao menos de um dos interlocutores, em contextos onde se devem introduzir conceitos com termo já fixado na língua oral e, não, na língua sinalizada. Diversos autores afirmam que a proximidade entre as línguas orais e de sinais de um país possibilitam o empréstimo linguístico em questão, para o qual se utiliza o alfabeto como base para a formação de determinado vocábulo (QUADROS; KARNOPP, 2004; GESSER, 2009).

Já a transliteração lexicalizada normalmente tem um ritmo diferente daquele da datilologia pragmática, pois, em seu processo de lexicalização, a datilologia incorpora características linguísticas que acolhem o empréstimo, acomodando-o à estrutura das LSs, fato que altera a velocidade de articulação. Parte desses empréstimos ainda está ancorada na datilologia e se lexicaliza dentro da estrutura visuoespacial.

Este tipo de datilologia pode ser lexicalizada por palavras inteiras como A-L-H-O para alho, ou S-O-L para sol; porém, incorporam-se outros parâmetros dando mais estabilidade ao sinal, e também pela alteração rítmica na articulação das CM.

Outra parte deste empréstimo apresenta um formato de transição que não é datilologia pura, nem tampouco construção lexical típica de língua sinalizadas, a exemplo do que se observa nos estudos sobre a Língua de Sinais da Nova Zelândia (NZSL). Nascimento (2010) discorre que a NZSL tem recebido influência da língua inglesa em sua formação, modificação e criação de sinais.

Os indivíduos Surdos da Nova Zelândia são educados em inglês e permanecem em constante contato com o inglês escrito. Muitos dos sinais da NZSL são palavras soletradas que sofreram algum tipo de adaptação na língua-alvo. Alguns exemplos de sinais emprestados, mostrados por Fischer e Siple (1990), correspondem à sinalização das letras T-S para *toys*, C-B para *club*, J-N para *June*, J-L para *July*, J-B para *job*, T-T para *that* e A-L para *all*.

Há outro tipo de empréstimo identificado também na NZSL: o empréstimo por inicialização – *initialized signs*. Os sinais motivados por este processo, de modo geral, têm uma configuração de mão correspondente a uma letra ortográfica, geralmente a primeira letra de uma palavra do inglês. Sobre isso, McCleary (2009) diz que a ocorrência de neologismos motivados pela primeira letra da palavra na língua oral é uma amostra da colonização linguística sofrida pelas línguas visuais.

Para Nascimento (2010), as palavras longas tendem a se lexicalizar com uma transliteração mais abreviada, enquanto as palavras curtas conservam a transliteração da palavra inteira. Tal empréstimo é tido como de fronteira, pois parte do processo de construção de sinais é híbrido em sua natureza. Por exemplo: o sinal ÉTICA, em Libras, incorpora outros parâmetros em sua construção, formado pelas duas mãos (CM remete-se à letra ‘E’, espaço neutro, na altura do peito, com as palmas voltadas para frente, arrastando-se até a cintura).

Por fim, Nascimento (2010) apresenta um tipo de processo verificado em Libras, o empréstimo estereotipado que refere-se a criações neológicas de termos a partir da cópia do formato global de um objeto, de um símbolo gráfico convencional, aceito e socialmente utilizado pelos falantes das diversas culturas, tais como as formas geométricas, os símbolos matemáticos e os sinais de pontuação.

Sobre esse tipo de empréstimo, Faria-Nascimento (2009) explica que a representação destas convenções transcorre como desenhos feitos no ar, geralmente realizados pelo dedo indicador. Esse tipo de construção não está vinculado a um conceito, mas à representação gráfica convencional e difundida socialmente para o termo, motivadora da criação; seriam representações universais e não propriamente linguísticas. A representação imagética do

símbolo migra de um sistema simbólico para outro, linguístico. Portanto, identifica-se esse tipo de importação entre falantes de LSs, caracterizando-as como empréstimos.

4.1.6 Iconicidade e descrição imagética

Finalmente, devido à peculiaridade da modalidade visuoespacial, é possível observar outro processo morfológico, a iconicidade. Felipe (2006) afirma que devido à característica gestual-visual, pode-se introduzir a mímica em um contexto discursivo; um objeto, uma qualidade de um objeto, um estado, um processo ou uma ação pode mimeticamente ser representada em conjunto com a estrutura frasal.

Esse processo forma novos sinais e se mostra altamente produtivo porque tais expressões faciais e corporais podem enriquecer os itens lexicais, estabelecendo contextos discursivos. O processo mimético, segundo a autora, credencia a mímica como forma linguística que representa iconicamente o referente a partir dos parâmetros de configuração sígnica e da sintaxe da língua. Nota-se que não se faz mímica simplesmente, a mímica é incorporada pela língua e se estrutura a partir dos parâmetros das LSs, como acontece com as onomatopeias nas línguas oral-auditivas.

Klima e Bellugi (1979) se propuseram a analisar as diferenças entre a representação mimética espontânea de mera pantomima e os sinais regulares em ASL, concluíram que muitos dos sinais regulares exibem traços de propriedades miméticas, apesar de essas serem características da pantomima. Perceberam ainda que, nas línguas de sinais, há níveis de iconicidade, levando-os a associar essa noção a um referente. Na opinião dos autores, existe uma relação icônica na qual os elementos da forma de um sinal são relacionados a aspectos visuais daquilo que é denotado, apesar de a iconicidade não determinar os verdadeiros detalhes da forma propriamente dita.

Strobel e Fernandes (1998) enfatizam que a possibilidade de se incorporar à Libras signos representados por meio da iconicidade não se opõe ao caráter arbitrário das línguas sinalizadas.

A modalidade gestual-visual-espacial pela qual a LIBRAS é produzida e percebida pelos surdos leva, muitas vezes, as pessoas a pensarem que todos os sinais são o “desenho” no ar do referente que representam. É claro que, por decorrência de sua natureza linguística, a realização de um sinal pode ser motivada pelas características do dado da realidade a que se refere, mas isso não é uma regra. A grande maioria dos sinais da LIBRAS são arbitrários, não mantendo relação de semelhança alguma com seu referente (STROBEL; FERNANDES, 1998, p. 5).

Luchi (2013) apresenta a discussão em torno do caráter icônico nas LSs, sendo quase impossível dissociar o conceito de arbitrariedade. Isso se dá por várias implicações, sendo uma delas o status linguístico das línguas sinalizadas. Há a crença de que se um sistema de comunicação possuir mais signos icônicos e menos arbitrários descaracterizaria este como não sendo realmente linguístico, não sendo língua. Sobre essa questão, Luchi (2013) nos traz uma compreensão dos conceitos signo e significante, apresentados por Saussure (1916), aplicáveis às LSs:

“O significado não é o objeto concreto em si, mas sim a representação mental que constituímos do objeto. Assim também, o significante desse signo não é a articulação do sinal, mas a representação mental que os sinalizadores têm da imagem desse sinal, que os permite reconhecer o signo ‘mesa’ quando é sinalizado e reproduzi-lo, o que nos leva a concluir que ambas as partes do signo são abstratas por se encontrarem no plano da representação mental” (LUCHI, 2013, p. 32)

Ao apresentarem a diferença entre sinais icônicos e arbitrários, Strobel e Fernandes (1998, p. 7) pontuam que sinais icônicos na Libras são: “gestos que fazem alusão à imagem do seu significado. Isso não significa que os sinais icônicos são iguais em todas as línguas. Cada sociedade capta facetas diferentes do mesmo referente, representadas através de seus próprios”.

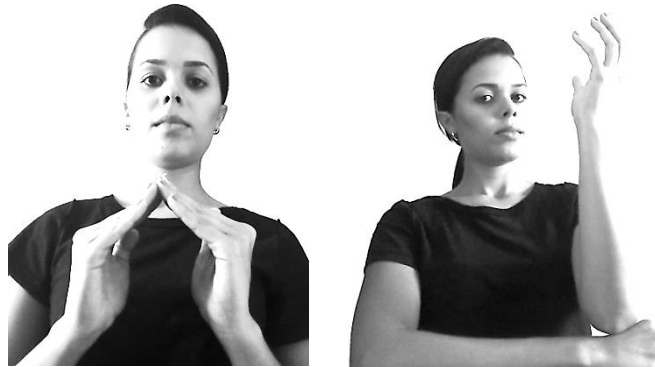
Cuxac (2001) salienta que a LS tem sua estrutura gramatical distinta da língua oral pelo efeito visual que abrange a iconicidade, a corporeidade, as representações relevantes da imagética, a analogia, a característica não discreta das unidades significativas, as manipulações espaciais e a pertinência do espaço de realização das mensagens gestuais, o caráter impreciso das distinções verbal/não-verbal e semântico-sintático. Assim, a percepção visual cria novo signo de acordo com o mundo que se vê.

Para Campello (2008) no que se refere à representação do ‘ver’ linguístico na Libras e da estratégia do uso da imagem para construir um conceito, vale observar que nem sempre o que se quer transmitir é feito a contento, podendo acontecer a perda de seu sentido. Explica a autora:

“É preciso considerar com Vygotsky, que os signos são produzidos pelos sujeitos ao mesmo tempo em que estes últimos são produzidos como sujeitos “pensantes” pelo próprio signo. Não se pode, portanto, considerar somente a relação de perceptivas e interpretação numa comunicação visual. Assim, o próprio percepto como signo está prenhe de sentidos e significados construídos pelo pensamento visual de quem se constitui pela visualidade, diferenciando-se, da forma marcada, do sujeito não-surdo que se constituiu pelas palavras/signos da oralidade”. (CAMPELLO, 2008, p. 157)

A natureza bidimensional, tridimensional e até quadridimensional e seu canal visuoespacial criam novos tipos de estruturas, chamados de classificadores, e estas estruturas estão sempre atreladas a novos conceitos e descrições imagéticas (CAMPELLO, 2008). A seguir, exemplos de dois sinais criados por motivação icônica em Libras.

Figura 15 – Sinal de Casa e Sinal de Árvore, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O sinal CASA é feito através da união das mãos, formando, de maneira icônica, o telhado de uma casa. O sinal ÁRVORE apresenta o braço como o tronco da árvore e os dedos como os galhos, enquanto a outra mão funciona como base.

Nesse sentido, Campello (2008) afirma que por meio da iconicidade do signo visual são construídas relações prováveis que permitem o surgimento de signos mais elaborados a partir das representações das informações registradas e visuais, e da construção mental da imagem. De forma que a descrição imagética constrói e é desenvolvida por uma espacialidade entre a elaboração perceptiva e reflexiva das marcas visuais que ultrapassam o recorte icônico para serem flagradas em sutis indícios (FERRARA *apud* NAKAGAWA, 2006).

A autora avança na discussão ao demonstrar que nas línguas de sinais é possível duas formas de produção de significado, uma pelo léxico padrão e apontamentos manuais e outra por descrições imagéticas que são compostas por tipos de transferências. Amparada nos estudos iniciais feitos por Cuxac (1996), propõe cinco tipos de transferências⁷, a saber: 1) Transferência de Tamanho e de Forma (TTF); 2) Transferência Espacial (TE); 3)

⁷ Para compreensão dos tipos de transferências que compõem ‘descrições imagéticas’ recomenda-se a leitura da tese de Campello (2008): “*Pedagogia Visual na Educação dos Surdos*”.

Transferência de Localização (TL); 4) Transferência de Movimento (TM) e 5) Transferência de Incorporação (TI).

Finalizamos esta seção com a reflexão trazida por Castro Júnior (2011), se a LS for considerada icônica só por causa da sua forma ou da representação visual do objeto, ela não é considerada língua. Faulstich (2006) acrescenta, para ser uma língua é preciso ter construção mental, porque nenhuma língua é só forma, é também conteúdo.

4.1.7 Contribuições recentes no campo da morfologia de línguas de sinais

Na última década notou-se um aumento de pesquisas acadêmicas com foco na descrição morfoquiroológica da Libras, que têm vislumbrado fenômenos emergentes específicos à modalidade gesto-visual e, por tal razão, caracterizam uma ruptura com os estudos precursores que se apoiaram, em sua maioria, nos métodos de análises de LOs.

Esses trabalhos têm avançado na descrição das unidades constituintes do léxico da Libras e na identificação de processos que permitem a ampliação lexical, tendo em vista a frequência de criação de novos sinais incorporados à língua nesse período.

Nesta seção faz-se menção a essas pesquisas considerando ser necessário dar visibilidade a elas, pois a análise que se fará dos processos de expansão lexical neste trabalho poderá ser aprofundada e ampliada a partir das categorias que têm sido propostas por estes autores que certamente contribuem para uma melhor compreensão da estrutura e formação do léxico de LS. Contudo, ciente de que são noções hodiernas na literatura acadêmica e em fase de ampliação, sistematização e difusão nos estudos de línguas sinalizadas, não utilizamos como categorias de análises para os processos morfológicos aferidos no *corpus* desta pesquisa.

Mencionamos aqui as notáveis contribuições presentes na tese de doutorado de Faria-Nascimento (2009) sobre as “*Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira - uma proposta lexicográfica*” que aborda, de forma sistemática, diversos processos de criação terminológica na Libras e a noção de ‘base-presas’ ou ‘morfemas-base’ em Libras.

Os trabalhos de Castro Júnior (2011; 2014), inicialmente com a excelente pesquisa sobre “*Variação Linguística em Língua de Sinais Brasileira – foco no léxico*”, em sequência, a tese cujo escopo é o inventário de criações lexicais em Libras que foram alocadas em um banco de dados do Núcleo de Pesquisa em Variação Regional dos Sinais da Libras - *Varlibras*, e a contribuição dada através da noção de ‘base paramétrica’, que possibilita por

meio de traços linguísticos ou condições paramétricas, a constituição das propriedades linguísticas conceituais de sinais-termo em Libras.

Também, cumpre nos apontar, a relevante contribuição de Oliveira (2015) em sua tese “*Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do Glossário Letras-Libras*”. A autora propõe a definição de um processo intermediário no *continuum* entre composição e derivação, o qual denominou de ‘aglomeração’. Em seu trabalho define ‘aglomeração’ como o processo de formação de itens lexicais na Libras que associa formantes querêmicos cujos critérios de classificação contemplam itens formados por partes constituintes de outros sinais e itens articulados com duas mãos, de modo que as CM de cada uma sejam diferentes e ambas sejam atuantes. Sobre tal processo, a autora afirmou ser necessário validá-lo através da ampliação dos dados para confirmar se essa proposta que se mostrou adequada para os itens lexicais do *Glossário Letras-Libras* procede em outras análises.

Dessa forma e sob tal complexidade, os processos morfológicos de expansão lexical são diversos e expressam a ampliação natural e constante presente nos sistemas linguísticos independentemente da modalidade de expressão.

Os processos verificáveis em LSs evidenciam sua organização em todos os níveis linguísticos e que partilham de mecanismos criativos atribuídos às línguas orais, contribuindo sobremaneira para a compreensão de que estas línguas são legítimas e se ampliam, visando atender novas demandas comunicativas e expressivas de seus falantes, a exemplo de qualquer língua.

Ciente de que os estudos no campo da Morfologia das LSs são recentes e estão em constante expansão, esta dissertação espera contribuir para o avanço das pesquisas em Libras, com ênfase nos processos criativos e assim, fortalecer os modelos de análises voltados à especificidade da modalidade visuoespacial.

4.2 Restrições de boa formação lexical

Finalmente, a respeito da formação de itens lexicais de línguas sinalizadas, Sandler e Lillo-Martin (2006) demonstram que a maior parte da formação não consiste na fixação linear de morfemas que levam à correspondência de um a um com um significado ou função gramatical. Ao contrário, o componente morfológico pode envolver formas e processos

muitas vezes abstratos e não necessariamente concatenativos. Salientam Sandler e Lillo-Martin (2006, p. 108):

Os processos produtivos para a formação de novos lexemas e para estabelecer as relações sintáticas entre palavras são robustos em línguas de sinais como são na maioria das línguas faladas – uma descoberta significativa para a definição da faculdade da linguagem humana.

É imperioso lembrar que, em LS, restrições físicas e linguísticas determinam as possíveis combinações entre as unidades articulatórias: CM, L e Or. Algumas restrições são impostas pelo sistema perceptual-visual, enquanto outras, pelo sistema articulatório – fisiologia das mãos.

Desde o estudo de Battison (1974) tem-se a compreensão que propriedades do sistema de percepção visual restringem a produção de sinais, exemplo disso, a acuidade visual é maior na área da face, pois em tal região o interlocutor fixa o olhar. Para Leite (2008), na área de alta acuidade há facilidade para detectar pequenas diferenças em CM, L, ou Or, fora da área de proeminência perceptual, discriminações visuais não são tão precisas, dependendo mais da visão periférica do que da visão central.

A esse respeito, as premissas de Battison (1974) contribuíram de forma significativa para os estudos linguísticos das línguas sinalizadas. Seus resultados são referenciados e utilizados até hoje na descrição dos fenômenos quirológicos das LSs. O teórico apresentou restrições inerentes a sinais produzidos pelas duas mãos.

A primeira restrição, denominada *Condição de Simetria*, estabelece que, caso as mãos se movam na produção de um sinal, determinadas restrições aparecerão: a CM deve ser a mesma para as duas mãos, a locação deve ser a mesma ou simétrica e o movimento, simultâneo ou alternado. Assim, a forma da mão e o movimento precisariam ser idênticos e a orientação precisaria ser idêntica ou em polos opostos, o 'local' (PA) também precisaria ser simétrico ou em polos contrários.

A segunda restrição, denominada *Condição de Dominância*, determina que se as mãos não dividem a mesma CM, uma mão deveria ser estática, enquanto a outra – dominante, executaria o movimento. Além disso, a mão considerada na pesquisa de Battison (1974) como estática teria como opções de forma da mão uma quantidade mais restrita do que a mão que executaria o movimento.

Portanto, as restrições derivadas do sistema de percepção visual e da capacidade de produção manual restringem a complexidade dos sinais, tornando-os mais facilmente

produzidos e percebidos. O resultado reverte-se na maior previsibilidade quanto à formação de sinais e em um sistema com complexidade controlada.

O próximo capítulo compreenderá a análise do *corpus*. Serão assinalados os processos de criação de novos sinais em Libras a partir da observação de um conjunto de ocorrências léxicas criado por alunos Surdos de diferentes cursos de graduação da PUC/MG.

5 A EXPANSÃO LEXICAL DA LIBRAS NO AMBIENTE ACADÊMICO

Nessa seção será apresentada a análise do *corpus*, buscando explicitar os processos de expansão lexical da Libras observados no ambiente acadêmico da PUC/MG. Sabe-se que a produtividade lexical em Libras, nesse contexto, torna-se relevante para os estudos linguísticos por ser recorrente e estar em expansão, amparada por um fenômeno sócio-histórico.

Sobre isso, Tuxi (2015) salienta que é significativo o aumento das representações Surdas e por consequência o uso da Língua Brasileira de Sinais no cenário político, educacional e social nas últimas décadas. Com a implementação da Lei 10.436 de 24 de abril de 2012, dispondo sobre o reconhecimento da Libras como segunda língua oficial do país, e o Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, regulamentando a lei citada, “o sujeito Surdo passou a ter acesso às diversas áreas sociais, sendo garantido por lei o direito à acessibilidade linguística” (TUXI, 2015, p. 558).

Diante do novo quadro social, os Surdos passaram a ocupar o ambiente acadêmico onde permeia o contato linguístico entre o Português e a Libras. Assim, estão expostos a vocábulos específicos e técnicos, restritos às diversas áreas de formação do Ensino Superior. Notam-se, nesse contexto, inúmeras produções neológicas expressando verbetes sem representação linguística na modalidade visual e, geralmente desconhecidos dos falantes da Libras, por historicamente não integrarem os espaços educacionais.

A esse respeito, Prometi (2013) aponta que a falta de vocabulário em Libras dificulta os Surdos a adquirirem conceitos científicos ou técnicos, assim como a compreensão do conteúdo abordado em sala de aula. Outra questão apresentada por Castro Júnior (2011) é a ocorrência da criação de diferentes tipos de sinais relacionados a um mesmo conceito e termo, nos espaços educacionais onde os Surdos estão inseridos. Inclusive, o autor observou a diversidade de criação de sinais para referenciar um único termo dentro de uma mesma escola. Os sinais eram na verdade pensados em uma sala de aula específica, mas não eram validados junto aos demais alunos Surdos ou grupos sociais ali presentes. Como consequência várias criações de um mesmo conceito em um único local de uso.

Desta forma, o caráter neológico das ocorrências lexicais coletadas para análise se sustenta por não haver registro dessas produções em dicionários da língua, até o momento, e por serem utilizadas estritamente no ambiente acadêmico da PUC-MG. Por certo, a falta de registro das ocorrências neológicas da Libras é recorrente nesses contextos. Castro Júnior (2011, p.43) ratifica esta questão:

“Muitos sinais são criados e produzidos em sala de aula, por exemplo, quando para uma palavra da Língua Portuguesa, não existe um sinal correspondente em LSB. Para isso um sinal é criado e não é disseminado, nem é reconhecido por uma instituição, com vistas a ser um sinal padrão”

O autor considera de suma importância o registro dessas criações, pois a partir do momento em que se tem acesso a essas ocorrências, outros processos linguísticos podem ser vislumbrados e, além de contribuir para a descrição e explicação dos fenômenos linguísticos, poderá favorecer a identificação das variantes da Libras, por exemplo, e o desenvolvimento de estratégias que contribuirão para a valorização da língua de sinais, com enfoque nos sistemas morfológico e lexical, da língua.

Tal cenário tem incentivado a expansão e a difusão da Libras no contexto universitário, através da criação de glossários terminológicos bilíngues, com o intuito de coletar e registrar as ocorrências neológicas nesses espaços e também consolidar materiais de consulta e referência para os profissionais Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS), atuantes em áreas distintas.

Vale mencionar trabalhos recentes publicados com este fim: *Glossário Letras-Libras*, desenvolvido por uma equipe de tradutores-pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, em meados de 2006, altamente relevante para instrumentalização dos profissionais intérpretes, acentuando a qualidade das aulas de graduação e pós-graduação, e favorecendo pesquisas na área de língua de sinais e o uso da comunidade surda; o *Glossário de termos acadêmicos em Libras*, elaborado por tradutores de Libras/Português e por docentes dedicados ao ensino da Libras, pertencentes à área da educação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS, em 2010.

A relevante produção do *Manuário Acadêmico*, iniciada em 2012 no Departamento de Ensino Superior (DESU) do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, coordenado por Janete Mandelblatt e Wilma Favorito, e executado por professores, alunos, ex-alunos e intérpretes de Libras, visando contribuir para a expansão lexical da Libras, registrando sinais existentes e propiciando a criação de novos sinais relativos às diferentes áreas curriculares do Curso Bilíngue de Pedagogia do INES.

Também, faz-se menção as excelentes produções resultantes do trabalho desenvolvido no Laboratório de Linguística de Língua de Sinais – LabLibras do CentroLexTerm da Universidade de Brasília – UnB, citamos o trabalho de mestrado de Costa (2012) que apresenta uma proposta de modelo de Enciclopédia Visual Bilíngue Juvenil denominado

Enciclolibras do corpo humano. O inovador *Glossário Bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: Criação de sinais dos termos da música*, trabalho realizado por Prometi (2013). Recentemente, na área da educação, o trabalho de Castro Júnior (2014) que criou um banco de dados voltados para os termos de especialidade do ensino médio nas áreas de Geografia, Biologia, Matemática, Física, Química entre outras disciplinas que compõem o currículo do segundo grau, nomeado de *Projeto Varlibras*.

Finalmente, dentre tantas outras produções que têm sido realizadas com esse fim, a elaboração do *Dicionário Terminográfico Bilíngue Bimodal do Ensino do Desenho Arquitetônico – Português/Libras*, consolidado por alunos do projeto BIC JÚNIOR de criação do Manual Técnico, oriundos do Centro Federal de Tecnologia de Minas Gerais – CEFET-MG, em parceria com a Universidade Federal do Estado de Minas Gerais – UFMG, em 2014, para subsidiar o ensino da disciplina Desenho Arquitetônico para deficientes auditivos e habilitar o público-alvo para a leitura e representação de projetos arquitetônicos.

Em face do exposto, justifica-se a observação do fenômeno de expansão lexical da Libras no contexto universitário da PUC/MG, contemplado seu objetivo primeiro de identificar quais processos morfológicos os falantes da Libras acessam para a criação lexical. Tornar-se-á possível, então, apontar um paralelismo entre os processos de criação de novos itens lexicais nas LSs e nas línguas orais. Uma hipótese que se levanta é a possibilidade de se identificarem processos derivacionais e/ou flexionais análogos aos que caracterizam línguas orais-auditivas, o que viabilizará a compreensão da estrutura e do funcionamento da Libras, de línguas de sinais e, sob perspectiva mais abrangente, de línguas naturais.

O contexto extralinguístico que permeia a análise dessas ocorrências lexicais traz à luz aspectos capazes de suscitar a continuidade desta pesquisa em momento posterior. São eles: a) o perfil linguístico do sujeito Surdo relaciona-se com o processo morfológico que ele aciona para a criação lexical? b) há áreas de conhecimento acadêmico que apresentam maior produtividade lexical que outras, ou maior demanda de novos sinais; c) os processos neológicos utilizados pelos falantes de Libras têm alguma relação com a área de formação acadêmica em que estão inseridos? E ainda, d) é possível mensurar em qual o período acadêmico ocorre maior produtividade lexical?

Contudo, tais hipóteses são consideradas secundárias nesta pesquisa, pretendendo-se, com isso, gerar apontamentos para estudos futuros, uma vez que permitirão comparar processos e produtos com aqueles associados a outros cursos, instituições de ensino superior e outras línguas de sinais.

5.1 Procedimentos metodológicos

Para alcançarmos os objetivos propostos, e em função da especificidade do objeto, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa, embora haja necessidade de recorrer à quantificação para uma melhor apresentação dos dados. A pesquisa qualitativa é uma análise interpretativa que permite a descrição dos dados pesquisados com maior riqueza de detalhes. O trabalho em questão, norteado pelo método supracitado, contou com a coleta de dados, ocorrências de novos sinais da Libras criados no ambiente acadêmico da PUC/MG, derivadas de alunos Surdos e dos profissionais TILS presentes na instituição.

O acesso a esses sujeitos foi viabilizado pela parceria com o Núcleo de Apoio à Inclusão do Aluno com Necessidades Educacionais Especiais (NAI), setor representativo do trabalho de vanguarda no espaço universitário brasileiro, oferecendo suporte necessário ao aluno com deficiência de qualquer natureza, implementando procedimentos e atitudes facilitadores da inclusão na PUC/MG. O NAI foi um colaborador importante durante o percurso, motivando a participação voluntária dos alunos Surdos que apoia dentro da instituição, além de disponibilizar seus profissionais TILS para participarem das entrevistas.

Através da parceria, realizaram-se entrevistas com 8 alunos Surdos e 10 TILS. A coleta dos dados deu-se por meio de entrevistas com gravação audiovisual, feitas individualmente e, sempre que possível, com o par aluno-intérprete no mesmo momento. Quando o entrevistado era Surdo, as conversas realizavam-se em Libras para favorecer a expressividade linguística do indivíduo, visando evidenciar os aspectos linguísticos e extralinguísticos envolvidos na produtividade lexical. Após a realização das entrevistas, empenhamo-nos no trabalho de transcrição dos vídeos para a construção da base de dados.

A escolha dos informantes respalda-se no fato de os mesmos serem os falantes da Libras com maior expressividade no ambiente acadêmico. Além disso, em sala de aula, transitam entre o uso do PB escrito e da Libras. Durante o processo de tradução em sala de aula, alunos Surdos e TILS relataram dificuldades quanto à compreensão do conteúdo, devido à especificidade técnica dos conceitos que integram as disciplinas acadêmicas e à grande variedade de verbetes ainda não detentores de um item léxico em Libras.

No momento da entrevista, alunos Surdos e TILS foram incitados a relatar suas experiências com o uso da Libras no ambiente acadêmico, as dificuldades de aprender um conteúdo ministrado em sala de aula na língua majoritária, e as estratégias de tradução e criação de sinais para referenciar os verbetes que circundam as temáticas do curso e situações inerentes ao contexto acadêmico para a língua de sinais.

A partir das gravações, foi possível ter acesso a uma quantidade expressiva de novos sinais incorporados à Libras; entretanto, fez-se necessária uma seleção dos mesmos para a constituição da amostra, considerando o formato da pesquisa, coesão e maior clareza para vislumbrar algumas categorias de análise na construção dos sinais. Das diversas ocorrências léxicas dispostas pela interação com os informantes, o *corpus* desta pesquisa contempla o conjunto de 60 novos sinais da Libras.

Todos os itens lexicais que compõem o *corpus* desta pesquisa estão sinalizados em Libras, na gravação em CD (ANEXO C). Compreende-se prioritária a visualização das ocorrências lexicais em Libras, a fim de redimensionar a compreensão dos processos neológicos, discorridos adiante, com alguns exemplos retirados da amostra.

Os novos sinais estão agrupados conforme a área do conhecimento e dispostos segundo a ordem alfabética dos itens lexicais que os representam em Português. Ainda que esta disposição não contemple uma organização paramétrica, optou-se por esta maneira, devido à carência de estudos que vislumbrem esse tipo relação entre os parâmetros formacionais desta modalidade.

Em sequência, propusemos classificações que facilitam a observação de variáveis extralinguísticas envolvidas no processo criativo. A primeira classificação diz respeito à área de formação onde os alunos Surdos e TILS estão alocados dentro da IES, agrupando-os em três campos do conhecimento: Exatas, Humanas e Biomédicas. A classificação ocorreu porque compõe as hipóteses secundárias à pesquisa: verificar se determinado(s) campo(s) do conhecimento apresenta maior produtividade lexical que outro(s), ou maior demanda de novos sinais. E ainda, se os processos linguísticos utilizados pelos sujeitos têm alguma relação com a área de formação acadêmica na qual se inserem.

Os informantes Surdos também foram classificados conforme o período acadêmico que cursavam no momento da entrevista. Esperava-se, com isto, observar se havia maior concentração de novos itens lexicais em algum período do curso. Esta classificação serve, igualmente, como base para futuras pesquisas acadêmicas voltadas à verificação do grau da produtividade linguística em outros IES, comparável aos períodos informados no presente trabalho.

A classificação abrangeu do 1º ao 10º período, sendo: Início (1º-3º); Meio (4º-6º); Final (7º-10º) e (Concluso); entretanto, não se aplicou à identificação dos TILS, posto que, em diversas situações, os profissionais transitavam em períodos diferentes da formação do aluno Surdo.

Outra classificação proposta relacionava-se com o perfil linguístico do informante

Surdo. Entende-se necessário apontar a língua materna dos sujeitos, visto não se tratar de uma característica uniforme entre os falantes da Libras. Assim, distinguiram-se os sujeitos Surdos para os quais a Libras era a primeira língua ou língua-mãe (LM-L) e o Português, a segunda língua, dos indivíduos Surdos que tinham o PB como língua materna (LM-P) e a Libras, como segunda língua.

Sabe-se que essa classificação suscita discussões sobre a aquisição da linguagem pela criança surda. Mas por passar ao largo do foco da pesquisa, a questão não será tratada aqui. Cabe ressaltar, contudo, que as diferenças entre as línguas orais auditivas e as línguas visuoespaciais não comprometem o processo de aquisição de uma língua.

Ao classificarmos a língua materna de um sujeito Surdo como o PB, não significa que ele domine a oralidade desta língua ou que tenha passado pelo processo de alfabetização, mas determina seu primeiro contato com a língua oral no ambiente familiar, recebendo *inputs* de falantes do Português. O contrário refere-se àqueles que tiveram o primeiro contato linguístico através da modalidade visual. Esta distinção levou-nos à análise da hipótese que sugere ser o perfil linguístico do falante da Libras relevante para a compreensão dos mecanismos produtivos que ele aciona no momento da criação lexical. As classificações propostas estão discriminadas no quadro a seguir.

Quadro 3 – Classificação dos informantes Surdos quanto ao perfil linguístico, a área do conhecimento e o período acadêmico.

INFORMANTE	PERFIL	LÍNGUA MATERNA	PERÍODO
1	EXATAS	LM-L	CONCLUSO
2	EXATAS	LM-P	CONCLUSO
3	BIOMÉDICAS	LM-L	CONCLUSO
4	EXATAS	LM-P	MEIO
5	EXATAS	LM-L	MEIO
6	EXATAS	LM-L	INÍCIO
7	HUMANAS	LM-L	MEIO
8	HUMANAS	LM-L	FINAL

Fonte: Dados coletados pela autora.

5.2 Análise do corpus

Compiladas as ocorrências léxicas que compõem o *corpus* desta pesquisa, empenhamo-nos na análise dos itens lexicais objetivando agrupá-los de acordo com seus processos formadores. Observou-se que o falante utiliza de processos diversos para referenciar um novo item lexical em sua língua. A esse respeito, Campos (2012, p. 2) comenta:

Os procedimentos usados para a criação dos novos itens lexicais resultam de uma mistura saudável de recursos, que transformam a língua em um grande móbile. Longe de empobrecê-la ou descaracterizá-la, essa manipulação linguística exercida com genialidade e conhecimento lhe confere feição nova, ressaltando seu potencial expressivo alcançado pela novidade e, ao mesmo tempo, pelo estranhamento de algumas construções.

Os processos identificados estão subsidiados nas concepções teóricas, contemplando os mecanismos neológicos de ordem fonológica, sintática ou morfológica, semântica e empréstimos, dispostos no Capítulo 4. Sabe-se que outros estudos acadêmicos oferecem diferentes classificações para esses mecanismos e apresentam processos que também favorecem a produtividade linguística da Libras. Portanto, os processos aqui expostos não esgotam as categorias de análise para os estudos sobre a expansão lexical de línguas de sinais.

A classificação dos novos itens lexicais pressupõe os processos abordados, os quais evidenciam a expansão linguística por ‘processos semânticos’, ‘processos composicionais’, ‘iconicidade’, ‘empréstimo estereotipado’ e ‘empréstimos por transliteração’. Discorreremos sobre o processo criativo, em Libras, constatado nas ocorrências léxicas coletadas, sugerindo uma classificação nova: a ‘ancoragem lexical’. O próximo quadro informa a quantidade de ocorrências léxicas aferidas na amostra, de acordo com os processos de expansão lexical:

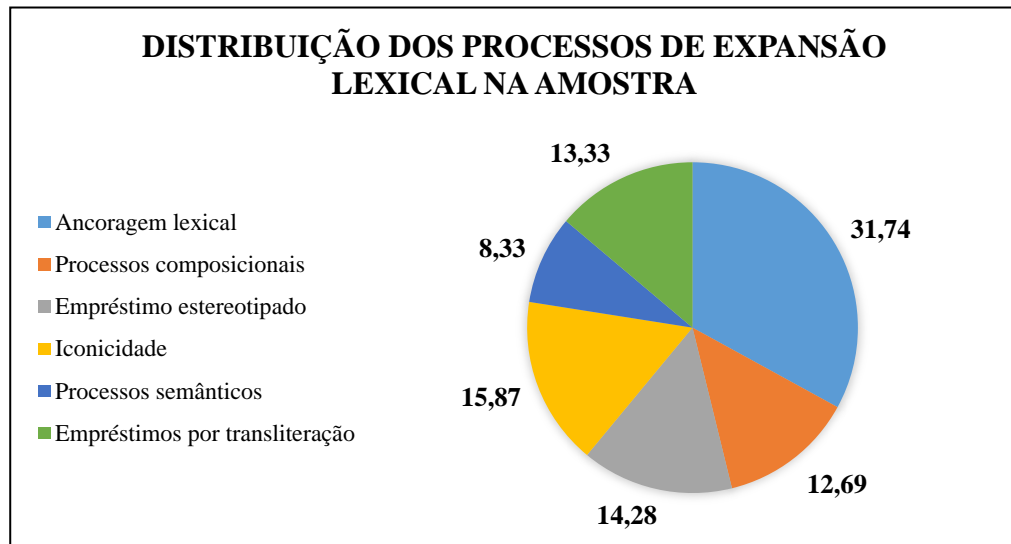
Quadro 4 – Distribuição dos processos de expansão lexical de acordo com a quantidade identificada na amostra.

Processos de expansão lexical	Quantidade
Ancoragem lexical	20
Processos semânticos	5
Processos composicionais	8
Iconicidade	10
Empréstimo estereotipado	9
Empréstimos por transliteração	8

Fonte: Dados coletados pela autora.

O gráfico seguinte informa o percentual da distribuição dos processos de expansão lexical presentes na amostra.

Gráfico 1 – Distribuição percentual dos processos de expansão lexical identificados na amostra.



Fonte: Dados compilados pela autora.

Em seguida, discorreremos sobre esses processos de expansão lexical aferidos no *corpus*.

a) Proposta de um processo de ancoragem lexical

A análise dos dados atesta a produtividade lexical emergente do processo linguístico atinente ao falante da Libras, nomeado de ‘ancoragem lexical’. Optou-se por organizar os dados nesta nova categoria com o único intuito de evidenciar alguns aspectos relevantes sobre a formação morfoquirológica dos sinais, resultantes da observação e da análise linguística realizada neste trabalho. Esta proposta vem ao encontro da premissa de que o léxico das línguas é particularmente rico em significado múltiplo, o que possibilita que novas unidades léxicas sejam formadas derivadas de uma combinação paramétrica.

Por ‘ancoragem lexical’, compreende-se o processo linguístico no qual o falante apoia-se em uma base lexical existente para assimilar o neologismo – isto é, um núcleo morfoquirológico do sinal. O resultado será um novo significante linguístico. As ocorrências léxicas resultantes deste processo se relacionam por campo lexical a partir de uma combinação paramétrica que possibilita derivar novos sinais.

Pesquisas realizadas sobre a Libras, como a de Facundo (2012), já observaram certa regularidade na formação dos sinais em Libras quando derivados de um mesmo campo

lexical, por exemplo, a formação dos sinais referentes a CURSO, PEDAGOGIA e MAGISTÉRIO. Esses sinais são articulados com a CM relacionada à letra inicial de cada item lexical em Português, e identifica-se uma base comum compartilhada por todos. Apresentam um mesmo tipo de movimento retilíneo, que se inicia no braço, com término no antebraço, articulados em uma mesma locação. Assim, os sinais exemplificados apresentam contraste a partir da alteração no parâmetro CM.

A autora assemelha tal comportamento a processos verificáveis no PB. Facundo (2012) assinala, como exemplo, termos do campo educacional na Língua Portuguesa (LP): o vocábulo ‘educação’ é o termo primitivo que motivou palavras como ‘educador’, ‘educando’ e ‘educandário’.

Para as línguas de sinais, Quadros e Karnopp (2004) comentam um experimento que comprovou que as decisões lexicais (e outras respostas lexicais) são mais rápidas quando uma palavra é previamente vista, quer dizer, quando duas palavras são variantes morfológicas uma da outra (caminhando, caminho), em que as bases encontradas na identificação dos sinais são as mesmas. Assim, a decisão lexical é mais rápida, indicando que um simples morfema-base é ativado. (EMMOREY, 2003, p. 131 *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 96).

Tal possibilidade é também aferida nos estudos de Faria-Nascimento (2009). A autora propõe que o radical em Libras seja equivalente ao que denominou ‘base-presa’ ou ainda ‘morfema-base’, sendo “a estrutura BASE que equivale ao morfema-base, à base-presa ou a radicais é constituída, normalmente, por CM, Or e PA.” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 97).

A noção de ‘morfema-base’ é retomada na pesquisa de Castro Júnior (2014) com a definição de ‘mão pensante’ ou ‘base paramétrica’. A conceituação de ‘mão-pensante’, é apresentada como o “modo como os indivíduos Surdos que dominam a Libras organizam as condições paramétricas e produzem os sinais-termo e efetivamente concebem ações cognitivas” (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 87).

“Inicia-se por meio de uma base paramétrica de um determinado referente, como um esboço, em sua grande maioria representado por meio de uma configuração de mão, limitada e distintiva que busca e possibilita a criação e a identificação de sinais-termo, reinterpretando-os à medida que o léxico é ampliado, numa espécie de processamento visual e consciente do conceito do significado e do significante do sinal-termo” (CASTRO JÚNIOR, 2014, p.87).

Para apresentar a relação entre as noções apresentadas por Faria- Nascimento (2009) e Castro Júnior (2014) é necessário apresentar os conceitos de base lexical e base conceitual. A base lexical é concebida como “uma base de dados de natureza léxico-gramatical, contendo um conjunto de unidades lexicais que, de acordo com as especificidades de organização de um sistema, poderá conter informações morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmático-discursivas” (DIAS-DA-SILVA; OLIVEIRA, 2002 *apud* CASTRO JÚNIOR, 2014). Já a base conceitual contém uma informação de mundo, tanto físico quanto conceitual, procurando descrever objetos, eventos, forças, propriedades, relações e atributos em termos de representações hierarquicamente estruturadas.

Em Castro Júnior (2014), a base conceitual é importante porque representa o conjunto de categorias semânticas básicas, isto é, primitivos semânticos que simulam a “visão de mundo” do sistema, restringindo o universo discursivo a um determinado domínio. Portanto, a base paramétrica proposta pelo autor comporta a base lexical e a base conceitual, isto é, “ao definir um conjunto de léxico da Libras, é preciso, portanto, constituir uma base de dados lexicais específica, que seja sistematizada e estruturada em função de suas relações constitutivas de estruturas que sejam paramétricas” (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 29 e 30).

A observação dos dados indica que comportamento semelhante ocorre na construção morfológica de itens lexicais no *corpus*, apontando a criação de sinais que se relacionam pelo pertencimento a um mesmo campo lexical, o que nos possibilitou inferir, por esse processo, a delimitação de um núcleo paramétrico derivacional em Libras.

Esta noção do núcleo morfoquirológico derivacional ratifica a concepção do ‘morfema-base’ de Faria-Nascimento (2009), porém, a delimitação dos parâmetros que compõem a base lexical como é apontado pela autora, a saber: CM, Or e L, é ampliada na proposta que apresentamos, tendo em vista o comportamento da amostra coletada. Também, a proposta de um núcleo derivacional vai ao encontro do que Castro Júnior (2014) assume como ‘base paramétrica’.

Concordamos com Castro Júnior (2014) ao afirmar que as palavras nas quais há uma arbitrariedade relativa são caracterizadas como casos de motivação, sendo a motivação como a relação de necessidade estabelecida entre uma palavra e seu sentido ou, aproveitando a própria estrutura do termo, como um fenômeno característico de determinadas palavras que refletem um motivo para assumirem uma forma em vez de outra.

É notável na Libras que a motivação em grande parte é morfológica e está relacionada aos processos de formação e, por isso, assimilamos uma base paramétrica ou núcleo morfoquirológico que funciona similar ao radical em LOs e os seus respectivos componentes

que variam e formam significados distintos. Contudo, Castro Júnior (2014) avança nessa discussão ao apresentar condições paramétricas ou traços linguísticos que são associadas a uma base paramétrica, sobre isso, esclarece:

“As condições paramétricas e sua ordem de sinalização refletem na base paramétrica escolhida, seguido de um processamento cognitivo e mental da informação que refletem no termo escolhido. Tem-se assim, por fim, os meios de representação do que é aquilo na Libras, por meio de diferentes processos linguísticos complementando o conhecimento e contribuindo para a língua, por meio da expansão lexical. No âmbito de estudo de léxico e terminologia, a compreensão das condições paramétricas traz no seu cerne a complexidade de sua análise, por isso é importante o estudo de sua ocorrência em cada parâmetro da Libras. A sinalização de um sinal-termo compõe uma cadeia paramétrica que se estende por todo o processo e define as condições paramétricas que depende das relações paramétricas existentes entre os componentes. Cada componente possui suas próprias características e atributos, que podem ser, de um modo geral, a forma, relações linguísticas, variações, restrições linguísticas, dentre outros, ou seja, devem se conhecer as condições que existem por trás da forma, para que na constituição dessa cadeia paramétrica não ocorram interpretações equivocadas, que certamente não possibilitarão a compreensão de todo o conjunto e não permitirão uma sistematização e registro do sinal-termo”(CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 87).

Tome-se como exemplo extraído da amostra, a criação do sinal de INVESTIMENTO, realizado por dois informantes de forma distinta: o primeiro sujeito baseou-se no sinal existente para VERBA e acrescenta à base lexical do sinal a CM 66, equivalente à letra ‘I’, cuja motivação advém da ortografia da palavra em Português. Contudo, o sinalizante manteve os demais parâmetros de articulação do sinal originário.

Figura 16 – Sinal de Investimento (1), em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O segundo sujeito demonstrou que a formação do referido sinal dava-se pela alteração também referente à CM do sinal inicial VERBA. Assim, fez um leve levantamento do quinto

dedo da mão dominante, indicando uma forma da letra ‘I’ e, conforme o primeiro sujeito, manteve a articulação dos demais parâmetros. Nota-se que ambos os falantes adotaram a mesma base lexical para expressar a noção de INVESTIMENTO, alterando apenas uma condição paramétrica, a CM.

Figura 17 – Sinal de Investimento (2), em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Esse modo de construção morfológica nos leva a inferir que existem parâmetros articulatórios que apresentam maior estabilidade em detrimento de parâmetros mais flexíveis. De sorte, que a observação dos dados resultou em uma proposta de delimitação desta porção mais estável e invariável dos sinais da Libras, em outras palavras, na identificação de um núcleo morfoquirológico derivacional.

Conforme as premissas apresentadas por Liddell (1984) e Liddell e Johnson (1989), compreende-se que, os sinais são formados por segmentos (S), do tipo ‘movimento’ (m) e/ou do tipo ‘suspensão’(s), e a cada segmento tem-se a junção de traços distintivos. Dessa forma, a construção sublexical se dá a partir de um segmento (S) ou da combinação deles, acompanhado dos traços:

$$S \text{ (suspensão/movimento)} \rightarrow [L + CM + Or] + ENM$$

Aqui, particularmente, propomos através da assimilação de um processo de ‘ancoragem lexical’, a discretização do núcleo morfoquirológico, que constitui o elemento mais estável e com conteúdo semântico dos sinais, concebemos, portanto, um núcleo paramétrico derivacional, conforme disposto abaixo:

$$S + [L + CM + Or]$$

A observação dos dados demonstra uma frequência com que se mantém na criação de novos sinais, a combinação paramétrica $S + [L + CM + Or]$. E de modo específico, a maior frequência de alteração para uma expansão de significado se deu no traço configuração de mão (CM).

A frequência de alteração da CM, combinado ao núcleo paramétrico para a expansão lexical, é notável na amostra. Sobre isso, Luchi (2013) salienta que as configurações de mãos podem conter também “pistas de sentido e significado para as derivações e flexões que possam ocorrer com elas a depender dos outros parâmetros que lhes serão afixados (agregados), como o movimento, a locação e a orientação de mão” (LUCHI, 2013, p.27)

Cumpre-nos, então, apontar que os sinais da Libras são formados a partir deste núcleo morfoquirológico, apresentando maior frequência de estabilidade na combinação paramétrica $S + [L + CM + Or]$, ampliando a proposta inicial de Faria-Nascimento (2009) da existência da ‘base-presa’ na Libras, contendo a informação semântica, o conteúdo.

A proposta do processo de ‘ancoragem lexical’ também sugere relações interessantes nesta combinação paramétrica. Liddell e Johnson (1989) já observaram que, em ASL, o traço L gera a realização de um determinado tipo de movimento, por exemplo, o que determina se a forma do movimento delinea um círculo completo é o fato de o movimento começar e terminar no mesmo ponto, neste caso, de apresentar a mesma especificação para L tanto na fase inicial quanto na final. Assim, se o segmento do sinal é do tipo ‘movimento’, isto poderá implicar na alteração no parâmetro L (locação), de modo que a *Linicial* será diferente da *Lfinal* em sinais com movimentos arqueados. Em contraparte, segmentos de ‘parada’ resultam na igualdade entre a *Linicial* e a *Lfinal*.

Outra relação é observada entre CM e a Or. Viu-se no corpus que o traço CM condiciona alterações na direcionalidade da palma da mão na articulação do sinal, isto se dá, até mesmo por uma limitação anatômica de seus articuladores. De maneira que Or parece compor o parâmetro CM. Em Oliveira (2015) assume-se que as orientações são elementos da composição quirológica, desta forma, as configurações de mãos como articuladores de primeira ordem, não podem ocorrer sozinhas. Assim, CM realizam-se na Libras compostas por seis possibilidades de orientação da palma da mão.

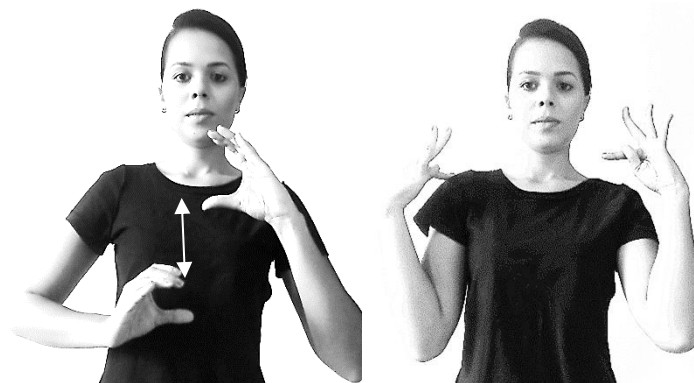
As expressões não manuais - ENM, enquanto articuladores de terceira ordem, não compreendemos com componente do núcleo derivacional, essas podem ocorrer isoladamente

e formam unidades mínimas com significado. Em Costa (2012), as ENM são complementares na formação de sinais derivados de uma base pois a expressão facial é um componente do significado que, agregado a base, forma o sinal derivado. Entendemos também, que as ENM exercem outras funções gramaticais na estrutura da Libras.

Passemos a analisar o sinal criado para se referir a CLIENTE a partir do processo de ‘ancoragem lexical’. O informante apoia-se no sinal de EMPRESA, existente na Libras, alterando a CM 3 originária para uma CM 12 referente à letra inicial da palavra CLIENTE. A articulação núcleo morfoquiroológico transcorre de modo idêntico ao sinal originador. Com caráter similar, o sinal formado para se referir à TURISTA utiliza como base o sinal do verbo PASSEAR, alterando-se a CM 57 originária para outra, CM 61, condizente com a letra ‘T’.

Nota-se que nessas criações a presença de um núcleo paramétrico constituído de S + [L + CM + Or] se mantém, visto que a informação contida neste núcleo favorece a derivação de itens lexicais dentro de um mesmo campo lexical. Segundo Faria-Nascimento (2009, p. 112), a “expansão lexical pode partir do princípio de que os termos pertencentes ao mesmo campo semântico têm a possibilidade de se expandir a partir de uma mesma base”. Portanto, o conteúdo semântico fica claro nessa progressão de sinais, onde o campo semântico é base para a criação.

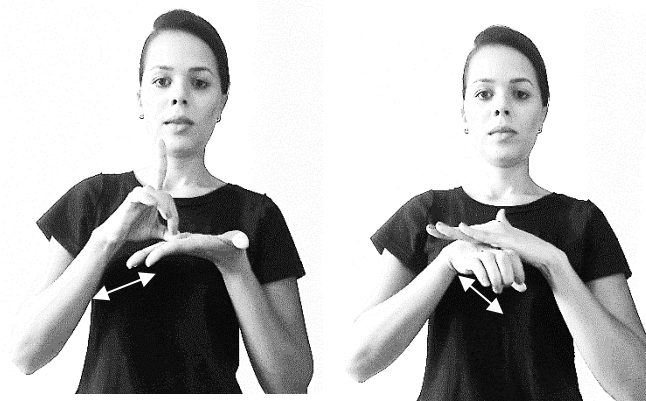
Figura 18 – Sinal de Cliente e Sinal de Turista, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

De modo similar, a criação do sinal para DESPESA é ancorada no sinal de GASTAR, o informante 2 altera apenas a CM 52 para a forma manual da letra ‘D’, CM 28, correspondente à ortografia do item lexical em PB. Processo semelhante ocorre na formação do sinal de ESTOQUE. O informante 5 utiliza-se do sinal do verbo GUARDAR e, pela alteração no parâmetro CM 51, articula nova CM correspondente à letra ‘E’ - CM 2, para estabelecer o contraste lexical.

Figura 19 – Sinal de Despesa e Sinal de Estoque, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Sabe-se que essas ocorrências levantam um questionamento interessante, a saber: qual informação está contida no traço CM ao se juntar ao núcleo paramétrico dos sinais? Muito frequentemente, relações sistemáticas de significado entre palavras são codificadas morfológicamente. Nas línguas orais, por exemplo, há marcadores morfológicos que carregam noções de aspecto ou para operações de mudança de valência.

Os exemplos anteriores remetem à hipótese de CM ocasionar uma mudança de classe lexical. Com essa hipótese, não se quer afirmar que há um morfema específico na língua codificando classe, ao invés disso, pode-se inferir que diferentes campos lexicais possuem diferentes propriedades morfológicas, que são refletidas em suas propriedades morfoquirológicas.

Outro comportamento que também foi observado para uma expansão lexical foi a alteração no tipo de segmento, verificado na criação do sinal referente à PRODUÇÃO, por meio do processo de ‘ancoragem’. O informante 2, a partir do sinal da noção verbal FAZER, em Libras, altera o tipo do segmento da base, de *suspensão* para *movimento*. Esta alteração implica na mudança da *L_{final}* diferente da *Linicial*; contudo, o núcleo paramétrico transcorre para o novo sinal [L + CM + Or]. O contraste lexical entre esses sinais está apenas no tipo de segmento.

Em suma, a proposta de uma nova classificação para os processos de expansão de línguas sinalizadas, a ‘ancoragem lexical’, vem oferecer apontamentos para continuidade de estudos que contemplem os níveis quirológico e morfológico destas línguas, viabilizando a delimitação de um núcleo derivacional e também contribuindo para a noção de campos lexicais nesta modalidade linguística. Espera-se que esta proposta seja levada em conta

como evidência para a existência de categorias semânticas específicas expressa por tal núcleo.

Certamente, as relações observadas entre as unidades formacionais suscitam novas análises subsidiadas por outras amostras que atestem os resultados por nós aferidos. Considera-se, imprescindível, ampliar os dados para confirmar se essa proposta que se mostrou adequada para os itens lexicais criados no ambiente acadêmico da PUC-MG sustenta-se com outros dados, de outras áreas, em outras LSs. Ciente que este o modelo deve ser testado exaustivamente para que se fortaleça ou se identifiquem possíveis falhas de modo a reformulá-lo para que se torne mais eficiente.

b) Processos semânticos

Nossas análises levaram à identificação das ocorrências de uma neologia semântica. Conforme abordamos, o neologismo semântico é criado sem que se opere nenhuma mudança estrutural em unidades léxicas preexistentes. Qualquer transformação semântica manifestada em um item lexical ocasiona a criação de novo elemento (ALVES, 1990). Os mecanismos de neologia semântica favorecem ainda a economia da língua.

Esses processos criativos devem ser analisados sempre dentro de um contexto, por ocasionar uma ambiguidade lexical. A literatura define ambiguidade lexical como sendo a capacidade que certas palavras têm de suportar mais de um significado ou sentido, isolada ou em contexto. Há elementos nas línguas que servem para auxiliar na orientação e interpretação a partir de pistas, como o assunto e o contexto, desse modo, o próprio sistema linguístico contribui para clarificar as possíveis ambiguidades.

Desta forma, os estudiosos das línguas de sinais embora reconheçam o fenômeno nessa modalidade, muitos acreditam que o uso de movimentos dos lábios indicando um fonema inicial da palavra em português simultâneo à articulação do sinal, também poderiam resolver a questão da ambiguidade.

Segundo Silva (2006), o processo ambíguo designa a presença de significados alternativos, resultante de um caso de polissemia ou de homonímia. Tal fenômeno, assim como em outras línguas, está muito presente em Libras. Considerando que nas línguas sinalizadas, a forma de representação das palavras segue um padrão gestual, o modo como a ambiguidade lexical se manifesta nessa língua pode apresentar diferenças do padrão das línguas orais.

Identificamos no *corpus* sinais que nos impediram de classificá-los como homônimos ou polissêmicos. Tendo em vista suas particularidades, estes nos instigam a uma verificação

mais aprofundada. Para fins de análises desses sinais, tomou-se como base as recentes contribuições dadas por Martins (2013) sobre sinais da Libras que se relacionam de algum modo entre si, por conhecimento de mundo e determinantes evocativos, os quais podem ser determinados por relações religiosas, culturais, sociais, dentre outras. Desse modo, não nos limitamos a classificá-los apenas como casos de homônimos e polissemia.

Ullmann (1964) nos diz sobre uma aquisição da motivação de ordem morfológica e semântica. A motivação semântica, em particular, nos interessa. A esse respeito, o teórico propõe que a etimologia popular pode fornecer motivação semântica a um termo opaco, nas suas palavras: “no desenvolvimento da língua operam continuamente duas tendências opostas: muitas palavras perdem a sua motivação, enquanto outras que eram, ou se tinham tornado opacas, se fazem transparentes no decurso da história” (ULLMANN, 1964, p. 196).

Em Martins (2013) já se reconhece que a questão etimológica em Libras pode evocar obstáculos de análise, apesar da Libras ser usada pela comunidade surda brasileira há um tempo, ainda há poucos registros sobre a evolução desta língua capaz de subsidiar uma análise diacrônica. Por este viés, optou-se por analisar algumas ocorrências no *corpus* que evocam algum tipo de relação, seja de senso comum, cultural, social, dentre outras. Isto justifica-se, pois, ao recorrer aos significados de cada um desses sinais, viu-se que não há relação semântica entre um e outro, portanto, seria do tipo homônimo, porém, entre esses sinais há outros tipos de relações que não devem ser desconsideradas, mas que também não são, essencialmente, polissêmicas.

Exemplos interessantes a esse respeito, são apresentados por Martins (2013), cita-se o par de sinais de SEXTA-FEIRA e PEIXE em Libras. O autor diz que não há como afirmar se são homônimos ou polissêmicos, isso devido à relação evocativa que há na constituição de um ou de outro, uma vez que a relação se dá por senso comum religioso, explica: na consagrada “Sexta-feira Santa” come-se peixe, logo os sinais PEIXE e SEXTA-FEIRA, em Libras, são os mesmos, apresentando a combinação paramétrica necessária para sua formação, idêntica.

Portanto, apresentam-se as seguintes ocorrências léxicas, elencadas como exemplo de um processo semântico no *corpus*: inicialmente, o sinal criado para referenciar JAVA (indicador de uma linguagem de programação computacional) é realizado pelo informante 1, de maneira idêntica ao sinal de CAFÉ, em Libras.

O falante evoca como referência o símbolo do programa computacional – uma xícara de café – reaproveitando o significante existente em Libras, o sinal de CAFÉ, para atribuir a

ele novo significado, em um contexto específico. De modo que a formação paramétrica do sinal CAFÉ permanece inalterada no novo sinal atribuído para JAVA.

Processo equivalente incide sobre o sinal atribuído à CITAÇÃO (ato processual): o informante 8 articula o sinal de CARTA, em Libras, motivado pela relação que há entre o ato jurídico e o meio pelo qual esta ação é veiculada judicialmente, ou seja, o chamamento a juízo do réu ou do interessado é notificado via uma carta destinada à parte em questão, a fim de que defenda seus direitos e interesses.

Figura 20 – Sinal de Java e Sinal de Citação, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A ambiguidade lexical em Libras também se verifica na amostra pela criação do sinal-termo para referenciar FORRAÇÃO, para referenciá-lo, o informante 1 utiliza o sinal de JARDIM, em Libras. Sabe-se que esta terminologia arquitetônica designa uma cobertura vegetal sobre um solo desnudo, de sorte que o falante se apropria desta relação para denotar um novo significante em Libras.

De maneira similar, a formação do sinal INTIMAÇÃO (ato de convocação judicial), o informante 8 faz uso do sinal existente para o verbo CHAMAR; porém, no contexto jurídico, amplia-se o significado, e o sinal é articulado para designar o ato processual. Neste exemplo, a relação semântica é notável e, portanto, poderíamos atribuir a um caso específico de polissemia em Libras.

Figura 21– Sinal de Forração e Sinal de Intimação, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Essa ocorrência corrobora igualmente à noção atribuída da distinção entre o par nome-verbo, em Libras. É justamente o contexto pragmático que atribuirá o valor de N ou V ao novo sinal, permitindo ao falante maior liberdade no momento de criação, podendo utilizar um sinal de seu domínio linguístico que tipicamente denota V para, em um novo contexto discursivo, ter valor de N, e vice-versa.

A investigação sobre processos semânticos na Libras, ainda carece de muitos aprofundamentos e reflexão. Apesar de o fenômeno não ser novo, são poucos os trabalhos desenvolvidos que têm se debruçado acerca do assunto. A análise feita permite evidenciar um conjunto de sinais que estabelecem relações evocativas de ordem diversas. Desse modo, não limitamos a classificá-los como casos de homonímia e tampouco, polissemia.

c) Processos composicionais

A análise dos dados levou-nos à identificação de novos sinais, formados por ‘composição’. Em explanação anterior, viu-se que, para a criação de um sinal inédito pode haver a junção de dois sinais preexistentes no léxico, sem a supressão de algum parâmetro estrutural para originar o terceiro, realizando-se, sequencialmente, os dois sinais. Caracteriza-se esse processo de composição por justaposição.

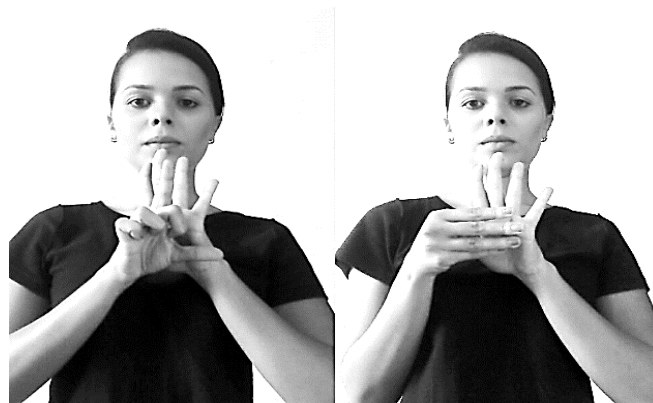
Quando se suprime uma unidade paramétrica na realização do composto, há o processo de formação de compostos por aglutinação, “algum ou alguns dos parâmetros de um ou ambos os sinais seriam modificados ou não seria realizado” (FELIPE, 2006, p. 264).

Passamos a elencar alguns exemplos do processo de composição no *corpus*: o sinal criado para LEI COMPLEMENTAR (tipo de lei com propósito de complementar, explicar e adicionar algo à Constituição) é composto por aglutinação, ou seja, o informante 8 usa o sinal

existente para LEI, o qual se aglutina ao sinal referente à ação de INSERIR, em Libras, formando um sinal unitário inédito.

Estruturalmente, os parâmetros que formam o sinal de LEI são mantidos e articulados em sua totalidade no composto. O segundo sinal agregado remete a noção de INSERIR –, modifica-se quando o indivíduo dispensa a mão que originalmente estabelecia contato com a mão dominante, mantendo tão somente a articulação dos parâmetros da mão dominante, apoiada na estrutura articulatória do sinal LEI.

Figura 22 – Sinal de Lei Complementar, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

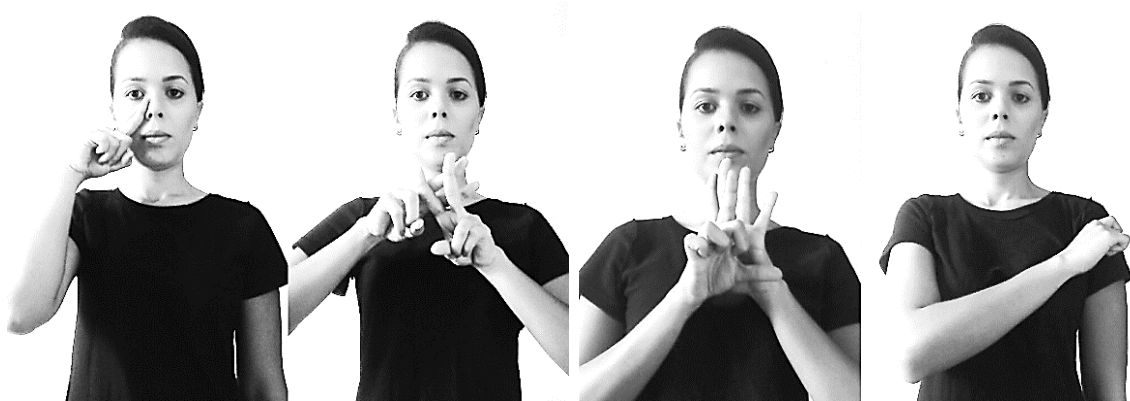
Essa ocorrência neológica avaliza a regra do contato; segundo Quadros e Karnopp (2004), quando dois sinais ocorrem juntamente para formar um composto, e o primeiro sinal possui contato entre as mãos, este contato tende a permanecer. E ainda, a dispensa do uso da mão não dominante presente no segundo sinal corrobora a restrição anatômica de seus articuladores. Ambos os sinais dispõem igualmente da mão não dominante onde se estabelece o contato, na junção desses dois sinais para formar um composto, uma das mãos é suprimida, de forma a adequar-se as restrições anatômicas.

Interessante também notar a relação de independência da Libras em relação ao PB: no caso, uma palavra composta em PB por justaposição originou um composto aglutinado em Libras.

Prosseguindo a reflexão, no contexto jurídico, o falante, ao referenciar o termo PENA, o faz por composição, através da justaposição dos sinais PERIGO e PRISÃO. Mais uma vez, a Libras não segue regras gramaticais do PB: um vocábulo unitário, em PB, foi incorporado à Libras pela junção de duas unidades lexicais.

Processo semelhante ocorre na criação do sinal para se referir à LEI DELEGADA, quando o falante faz a sinalização de dois sinais, em Libras, justapostos em sequência: o sinal de LEI e o sinal de DELEGADO.

Figura 23 – Sinal de Pena e Sinal de Lei Delegada, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Outro exemplo da criação por composição extraído da amostra é o sinal para SOCIEDADE (termo utilizado no âmbito empresarial): realiza-se mediante a junção de dois sinais existentes em Libras – SÓCIO justaposto ao sinal de EMPRESA. Neste caso, o informante 5 cria o novo item para especificar um vocábulo que já possui um referente em sua língua, utilizado em conjuntura mais ampla, visando alocar o termo em um contexto específico.

Figura 24 – Sinal de Sociedade Empresarial, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Para se referir à EMENDA CONSTITUCIONAL (recurso que ocasiona uma mudança do texto constitucional), o sujeito 8 gera novo sinal a partir da aglutinação de dois

outros – CONSTITUIÇÃO e o sinal da noção verbal TRANSFORMAR/ALTERAR, em Libras.

O efeito da aglutinação se expressa pela supressão de uma das mãos que originalmente compõe a articulação de ambos os sinais. Do sinal originário de CONSTITUIÇÃO dispensa-se a mão dominante, de modo semelhante, do sinal de TRANSFORMAR, perde-se a articulação de uma das mãos, que são articuladas com a mesma organização paramétrica.

Figura 25 – Sinal de Emenda Constitucional, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Enfim, todas as ocorrências léxicas apresentadas corroboram os apontamentos teóricos que subsidiam a análise, credenciando a composição também como um processo regular na ampliação do léxico da Libras.

O próximo tópico abordará as ocorrências neológicas emergentes do processo de ‘iconicidade’, investigado amplamente nos estudos linguísticos sobre a modalidade visuoespacial.

d) Iconicidade

Tal processo tem merecido atenção dos estudiosos de Libras por apresentar, em seu léxico, grande diversidade de expressões que denotam a iconicidade cognitiva, tornando a relação entre a forma e o sentido mais visível. Sobre o exposto, “mesmo os sinais mais icônicos tendem a se diferenciar de uma língua de sinais para outra, o que nos remete ao fato de a língua ser um fenômeno convencional mantido por um acordo coletivo tácito entre os falantes de uma determinada comunidade” (GESSER, 2009, p.24).

O processo mostra-se bastante produtivo nas LSs, porque muitos sinais são produzidos com forte influência da linguagem corporificada. Utilizam-se as mãos, em línguas visuais, com propósitos linguísticos diferentes, como apontar e representar objetos no espaço. Esse uso eficiente das mãos para a criação de signos, assim como do corpo do locutor, configura-se como econômico para as línguas sinalizadas, sempre presente na situação enunciativa.

Por isso, são recorrentes, em Libras, estruturas icônicas – formas linguísticas que buscam copiar o referente real em suas características visuais.

No *corpus*, tem-se por exemplos de sinais resultantes de um processo icônico, o sinal criado para LINUX (sistema operacional), representado visualmente pelo sujeito 1 de forma icônica, através de movimentos do corpo, braços e mãos, um PINGUIM, animal escolhido como o ícone do programa.

Figura 26 – Sinal de Linux, em Libras.

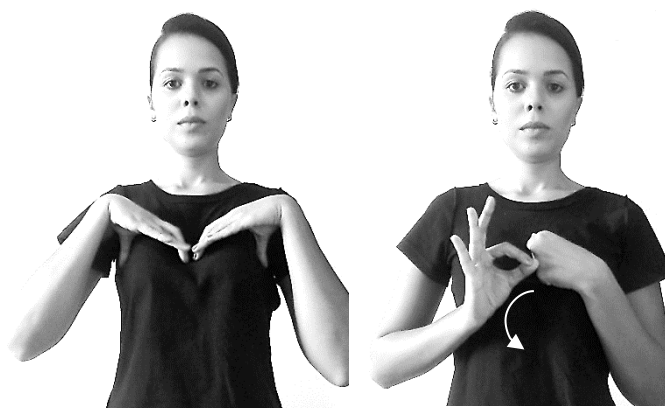


Fonte: Acervo pessoal da autora.

Por meio de processo equivalente, o sinal-termo criado para PULMÃO é iconicamente traçado: na altura do tronco, o informante 3 utiliza de CM que demonstram o formato visual do órgão.

A representação visual é novamente usada para se criar o sinal-termo de AORTA (principal artéria do corpo humano): faz-se a sinalização demonstrando a saída da veia do coração, em alusão ao local da artéria no corpo, movendo-se do ventrículo esquerdo em direção ao pulmão esquerdo.

Figura 27 – Sinal de Pulmão e Sinal de Aorta, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Este processo mostrou-se bastante recorrente na área de Biomédicas, visto que foi possível ao falante da Libras representar diversos conceitos relacionados ao corpo humano. O falante serve-se da presença corporal para expressar significados diretamente relacionados às partes do corpo.

Tal fenômeno fundamenta-se no uso das mãos e do corpo em línguas visuais com funções linguísticas devido à característica gestual-visual, sendo possível criar sinais que denotam um objeto, uma qualidade de um objeto, um estado, um processo ou uma ação pode mimeticamente ser representada.

Lembrando que há níveis de iconicidade na língua, portanto, é possível inferir a relação icônica na qual o modo de organização paramétrica de um sinal evidencia aspectos visuais daquilo que é denotado, a iconicidade pode não determinar os reais detalhes da forma propriamente dita.

e) Empréstimo estereotipado

Outro processo linguístico que ocorreu no *corpus*: o empréstimo estereotipado. Este tipo de empréstimo, nomeado por Faria-Nascimento (2009), corresponde à reprodução de símbolos gráficos convencionados em várias culturas, tais como os sinais de pontuação. Nos dados da pesquisa, verificou-se a expansão lexical por esse tipo de empréstimo.

É importante lembrar que, neste tipo de empréstimo linguístico, o desenho gráfico do símbolo convencionado é perceptível na reprodução do sinal. Estes sinais possuem características de como este objeto é visto no mundo, geralmente o estereótipo.

Figura 28 – Sinal de Vetor e Sinal de Razonete, em Libras.

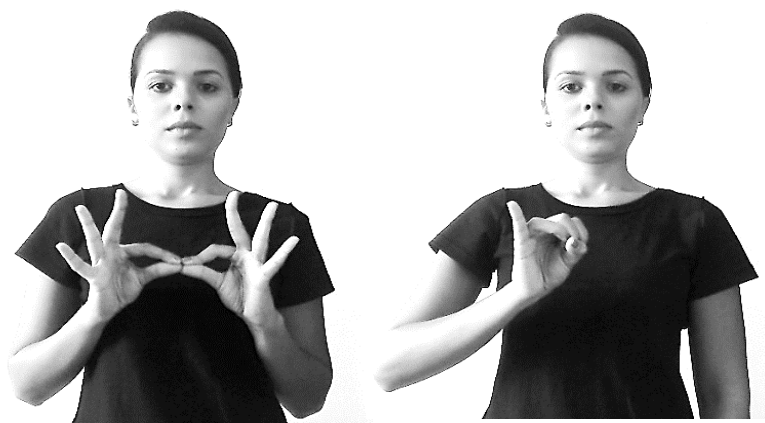


Fonte: Acervo pessoal da autora.

É o que ocorre nas criações dos sinais-termo relacionados aos símbolos matemáticos, VETOR, PARÂMETRO, RAZONETE e SIGMA, por exemplo. Essas as criações resultam da reprodução visual no espaço neutro do símbolo convencional ao termo, a partir de um ponto fixado no espaço, pelo dedo indicador da mão passiva.

Em outra situação, para criar os sinais-termo de INFINITO (∞), TAXA (i) e PI (π), o informante 5 dispõe de uma combinação paramétrica, copiando o símbolo convencional para cada termo.

Figura 29 – Sinal de Infinito e Sinal de Taxa, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Um contraponto que apontamos nesta análise, diz respeito, especificamente à classificação dos sinais-termo exemplificados, VETOR e PI, que também poderiam ser considerados resultantes de um processo icônico, visto que esses sinais se submetem às restrições formacionais, portanto, podem ser concebidos como construções legítimas de LS.

Contudo, mantemos esta classificação, pois a criação é notavelmente determinada pelo estereótipo convencionado à essas noções matemáticas. Estamos cientes de que outros estudos podem oferecer uma outra classificação à essas criações, distinta da sistematizada nesta análise.

Em suma, por esse processo percebe-se que a motivação da criação neológica advém de uma representação do estereótipo comumente convencionado a símbolos gráficos, matemáticos, formas geométricas, em diversas culturais, de maneira que esse tipo de formação, geralmente, se acomoda parcialmente às restrições de boa formação dos sinais da Libras, caracterizando empréstimos.

f) Empréstimos por transliteração

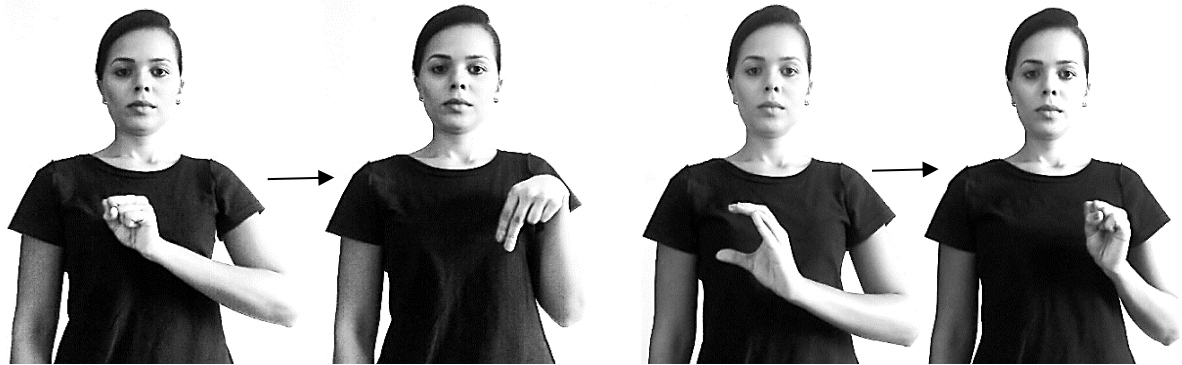
Finalmente, empréstimos que ocorrem por transliteração subdividem-se em: transliteração lexicalizada e inicialização. Na transliteração, busca-se representar os correspondentes gráficos de sistemas de escrita diferentes. Em línguas sinalizadas, Faria-Nascimento (2009, p. 89) considera a transliteração como “a representação de letras da língua oral por CM de uma língua de sinais”.

No entanto, a transliteração diferencia-se da datilologia, uma vez que a segunda detém lugar fixo no léxico das LSs, tratando da representação de palavras de línguas orais por meio do uso agrupado de CM em um PA específico; a transliteração, por sua vez, pode ou não estar no PA onde ocorre a datilologia. Assim, a diferença entre datilologia e lexicalização reside na mudança da locação, passando a abranger vários locais no espaço de sinalização, e na mudança rítmica que ocorre através da lexicalização, o que caracteriza a acomodação do empréstimo na língua de sinais.

Os sinais por transliteração lexicalizada foram divididos em dois grandes grupos: sinais reduzidos a uma CM e sinais datilológicos lexicalizados com mais de uma CM. Verificaram-se no *corpus* diversas ocorrências atestando sinais criados mediante o empréstimo por transliteração lexicalizada.

Citam-se os sinais para SENO, COSSENO e TANGENTE (noções matemáticas). O informante 5 incorpora estes termos à Libras através da representação de parte de sua ortografia no PB. As CM correspondentes são articuladas, associadas a um movimento acelerado na sinalização. Assim, são articuladas as CM, S-N e C-S-N para SENO e COSSENO, respectivamente.

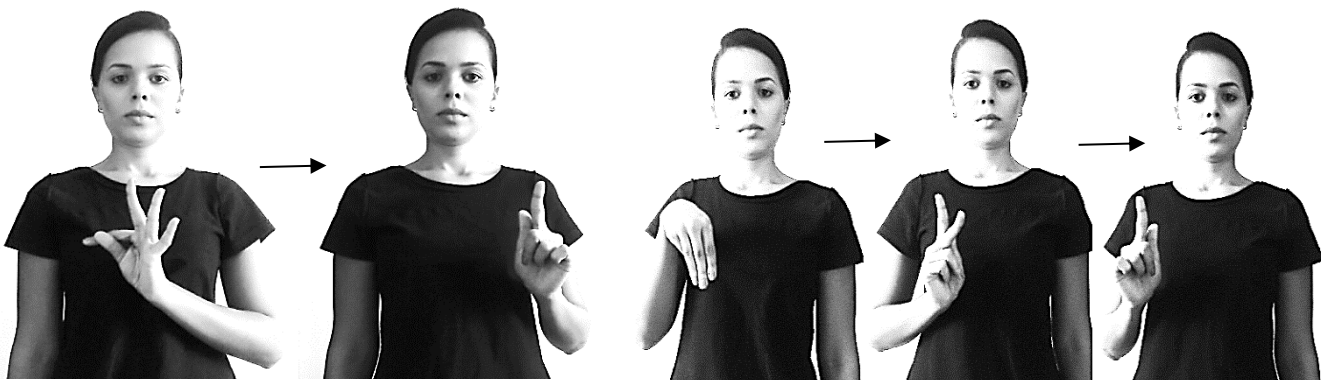
Figura 30 – Sinal de Seno e Sinal de Cosseno, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A articulação das CM que denotam T-G dá-se com um movimento retilíneo para TANGENTE. O mesmo processo incorpora a palavra MARKETING à Libras. O falante articula, em sequência, as CM representativas das letras M-K-G.

Figura 30 – Sinal de Tangente e Sinal de Marketing, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A respeito dos sinais reduzidos a uma CM, também nomeado de transliteração da letra inicial ou inicialização, Nascimento (2010) sugere ser este um empréstimo de fronteira. A importação, no caso, é considerada como parcial, pois a CM vem emprestada da letra inicial da palavra, em PB. Contudo, aceita-se que esse tipo de criação pode agregar parâmetros que enriquecem a estrutura do novo sinal.

O *corpus* contempla sinais criados pela transliteração da letra inicial pelo informante 2 como, por exemplo, dois termos pertencentes ao campo das Ciências Contábeis: ATIVO e PASSIVO. A sinalização dos sinais transcorre pela articulação da letra inicial de cada palavra, acrescida de um movimento retilíneo.

Figura 31 – Sinal de Ativo e Sinal de Passivo, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Para os sinais criados de CRÉDITO e DÉBITO pelo mesmo informante, faz-se a sinalização com a articulação da CM correspondente à primeira letra do vocábulo, adicionando-se à CM um movimento de vibração constante.

Figura 32 – Sinal de Crédito e Sinal de Débito, em Libras.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Muitos dos empréstimos tornam-se quase imperceptíveis ao longo do tempo, pois adaptam-se tão plenamente a língua receptora que o falante nem percebe que o item lexical é decorrente do contato entre línguas. O empréstimo por transliteração lexicalizada tem caráter mais estável, visto que já estão adaptados às restrições quirológicas da Libras. Em consequência, apresentam mudança rítmica em relação aos itens puramente datilológicos.

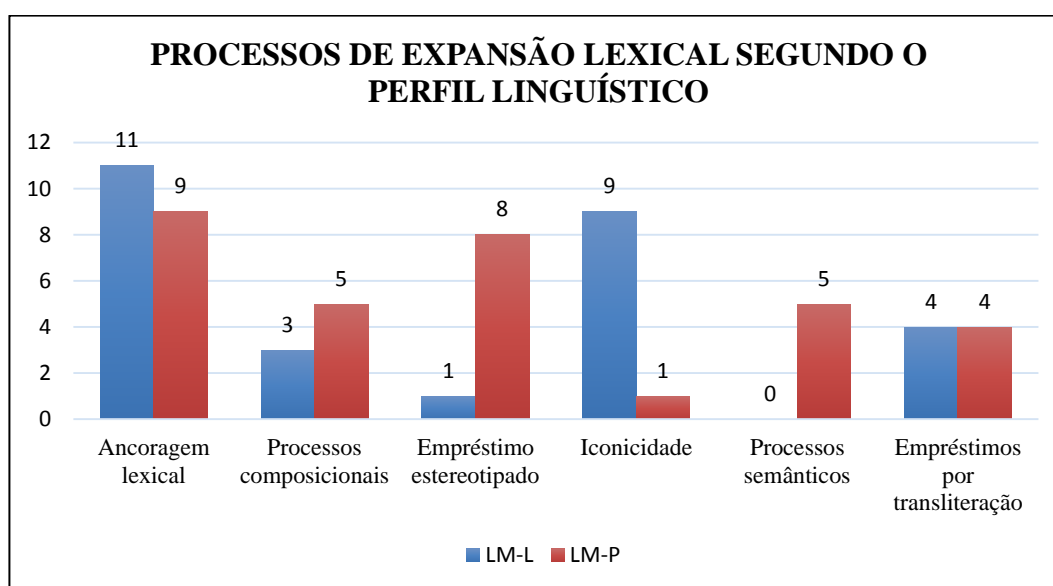
Apresentados os processos de expansão lexical da Libras identificados no *corpus*, compete-nos ainda discorrer sobre as relações que foram possíveis de inferir entre esses processos e as variáveis elencadas previamente à análise.

5.2.1 A relação entre os processos de expansão lexical e as variáveis extralinguísticas

Destacamos, anteriormente, hipóteses relevantes para a análise das variáveis extralinguísticas envolvidas na expansão lexical da Libras no contexto acadêmico, com o intuito de observar relações eventuais entre as variáveis e os processos morfológicos, em comparação a produtos associados a outros cursos, instituições de ensino superior e a outras línguas de sinais. As variáveis estabelecidas correspondem ao perfil linguístico do falante da Libras, à área de formação que contempla o curso de graduação do aluno Surdo e o período acadêmico em que se comprovou maior ocorrência de neologismos. Diante do exposto, cumpre-nos elencar os apontamentos secundários propostos a esta pesquisa.

A relação entre o perfil linguístico dos alunos Surdos e os mecanismos de expansão lexical está representada a seguir.

Gráfico 2 – Relação entre o perfil linguístico dos alunos Surdos e os mecanismos de expansão lexical.



Fonte: Dados compilados pela autora.

Tendo em vista a amostra coletada, os dados apontam para uma tendência do uso do processo icônico por falantes com o perfil linguístico LM-L. Sabe-se que a especificidade da modalidade visual e multidimensional das LSs propicia processos que permitem o estabelecimento das significações e a organização do enunciado por meio da visualidade. No entanto, a maior frequência de produção lexical através da iconicidade, por Surdos que

tiveram o primeiro contato linguístico com a Libras, pode evidenciar uma relação com a maneira que tais sujeitos aprenderam a significar o mundo através do olhar, obtendo motivação criativa a partir da representação icônica. Sendo assim, torna-se mais fácil para esses falantes criar sinais que lembram a forma ou o movimento dos objetos da maneira como os associam em sua memória visual.

Castro Júnior (2011) referencia pesquisas que têm demonstrado que os falantes de língua de sinais têm habilidades espaços-visuais mais desenvolvidas que os sujeitos que não usam essa língua. O autor discorre que as habilidades visuais estão ligadas a habilidades linguísticas específicas necessárias para a língua de sinais, por exemplo, o uso e o reconhecimento de expressões faciais, o uso do espaço, a manutenção e a rapidez de imagens, a discriminação da face, de figuras em espelho. O autor reforça que essas pesquisas parecem evidenciar que, em termos estruturais, “a modalidade da linguagem pode afetar, de forma variada, a atividade corticognitiva. A experiência predominantemente visual influencia ativamente a cognição e evidencia a flexibilidade e a plasticidade do cérebro” (CASTRO JÚNIOR, 2011, p. 39).

Sobre isso, Luchi (2013) amparado em Faulstich (2007) salienta que a natureza espaço-visual da Libras carrega em si a experiência de seus sinalizadores, pois é necessária a familiaridade com o objeto como ainda nos menciona:

“O signo icônico solicita que o falante de uma língua tenha familiaridade com o objeto, pois só assim poderá compor, em sua mente, as relações signícas, enquanto signo linguístico, imotivado, não exige do falante familiaridade com o objeto, porque entende que o discurso da definição é claro o bastante para dizer o que a coisa é”. (FAULSTICH, 2007, p.153)

Por outro lado, notou-se maior frequência do uso de empréstimos estereotipados por falantes com perfil linguístico LP-P. Nesses casos, sujeitos que tiveram o primeiro contato linguístico com o Português importam, para a língua de sinais, elementos a serem representados visualmente, porém desvinculados da acomodação aos parâmetros estruturais da língua-alvo, a Libras, produzindo empréstimos e, não, sinais nativos à língua, como os produtos da iconicidade.

Quanto à criação através de empréstimos por transliteração, o comportamento foi semelhante entre os distintos perfis linguísticos. Contudo, nota-se que o processo ocorreu, especificamente, para referenciar conceitos referentes ao campo das Ciências Exatas; trataremos deste comportamento, ao correlacionar os processos com as áreas de conhecimento.

Outro comportamento aferido é que apenas falantes LM-P reaproveitaram-se de sinais do conhecimento prévio para estabelecer relações semânticas. Tudo leva a crer que, nesse processo, para uma compreensão dos sentidos dessas palavras, antes de tudo, os sujeitos envolvidos precisariam ter minimamente um conhecimento dos conceitos abrigados em cada um dos itens lexicais; ou seja, precisaria conhecer o contexto, bem como os papéis desempenhados pelos referentes. Processos composicionais apresentam, igualmente, maior incidência entre falantes cujo primeiro contato foi com o PB.

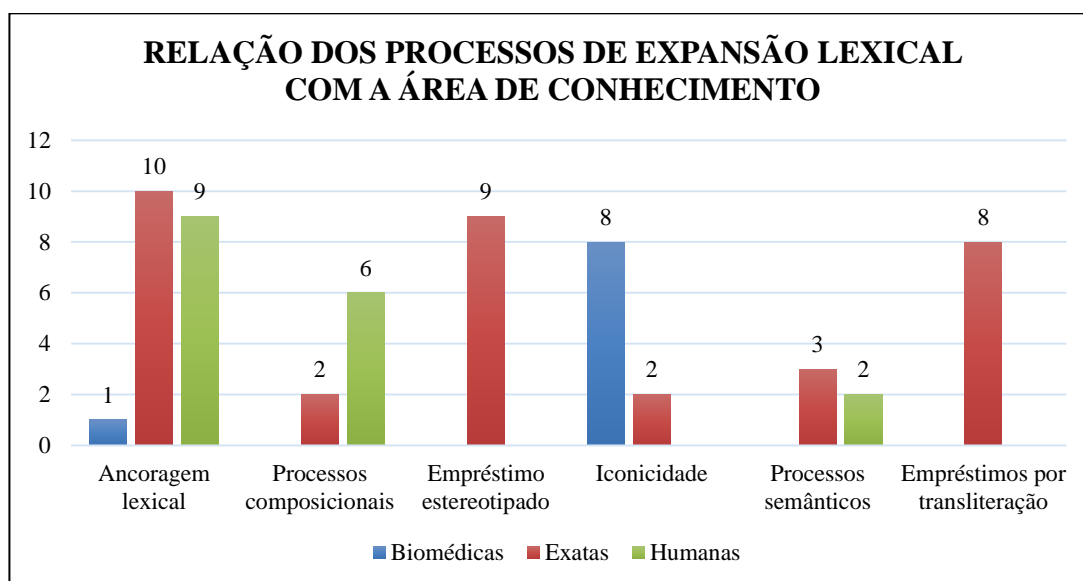
A ancoragem lexical, processo apresentado por este trabalho, registra maior expressividade entre falantes LM-L. Por se tratar de um mecanismo que propicia o enriquecimento de uma base lexical existente em Libras, a princípio pode pressupor maior ocorrência entre sujeitos com domínio linguístico amplo, como falantes nativos da Libras.

As relações observadas entre os perfis linguísticos e os processos utilizados para a expansão lexical se aproximam do que investigado nos estudos da aquisição da linguagem na modalidade visuoespacial:

“Vários pesquisadores têm estudado em detalhes as diferenças entre crianças que aprenderam a língua de sinais na infância, isto é, surdos e ouvintes filhos de pais surdos (FN13) e crianças surdas que aprenderam a língua de sinais em idade mais avançada, após os 7 (sete) anos (FT14). Grande parte das pesquisas concluiu (NEWPORT, 1990; MABERRY & EICHEN, 1991; MAYBERRY, 1992; EMMOREY, 1993; NEWPORT & JOHSON, 1990) que a “performance declina com a idade de aquisição já que, em geral, os sujeitos FT cometem mais erros fonológicos (localização, orientação, movimento, etc.), têm maior dificuldade para compreender mensagens em língua de sinais (inclusive na velocidade de reconhecimento lexical), são menos sensíveis a erros na concordância verbal espacial e menos eficientes e lentos na interpretação do processo linguístico” (no que diz respeito a aspectos fonológicos e morfossintáticos). Em suma, aspectos da morfologia e da sintaxe mostram divergências substanciais (CASTRO JÚNIOR, 2011, p.53).

Em seguida, discorreremos sobre a relação dos processos neológicos com a área de conhecimento em que se insere o curso de graduação do falante da Libras.

Gráfico 3 – Relação dos processos de expansão lexical com a área de conhecimento.



Fonte: Dados compilados pela autora.

O gráfico indica uma grande incidência do processo icônico na produção de novos sinais na área de Biomédicas, em comparação com os demais campos. A emergência do processo nesta área deve-se à representação visual dos conceitos a serem incorporados que, em sua maioria, referem-se a signos concretos e palpáveis, especialmente os verbetes relacionados ao corpo humano, favorecendo a representação icônica em Libras.

Viu-se que muitos sinais são produzidos mediante forte influência da linguagem corporificada, sobretudo na representação icônica, visando referenciar conceitos relacionados ao corpo. Espera-se que uma língua de modalidade visuoespacial aproveite as oportunidades icônicas para representar formas linguísticas que expressam o referente real através de suas características visuais. Ferreira-Brito *et al.* (1998) entende que a iconicidade é mais evidente nas estruturas das LSs do que na das línguas orais, devido à explanação acima e ao fato do uso eficiente do próprio corpo do locutor, sempre presente na situação de fala da língua sinalizada, para referenciar conceitos concretos e palpáveis.

Em contraponto, detectou-se a ocorrência do empréstimo estereotipado apenas no campo das Ciências Exatas, em virtude da grande exposição de verbetes que denotam símbolos notacionais disponíveis no referido campo e, ao incorporá-los à Libras, o falante mantém a representação visual do símbolo articulado no espaço de sinalização. O processo também pressupõe a motivação do falante para memorizar tais representações simbólicas, facilitando a apreensão do conteúdo referenciado.

A presença de empréstimos por transliteração é igualmente exclusiva à área das Exatas, uma vez que o falante tende a referenciar conceitos abstratos desse campo de forma literal à ortografia do PB. Os informantes remeteram essas criações à necessidade de apreender o significante em PB, pois tal conhecimento é imprescindível em diversas atividades escolares, caracterizando assim, uma estratégia de memorização da ortografia dos verbetes em Português para atender às demandas equivalentes.

Outra relação se dá pela maior frequência de criação por composição na área de Humanas, seguido pela área de Exatas. Sabe-se que esse processo corrobora a economia linguística, além de permitir ao falante incorporar, a uma língua visual, signos abstratos, não passíveis de representação icônica, viabilizando categorizações mais particulares, o que parece justificar a aferição supracitada. Essa relação vai ao encontro da compreensão de Ferreira-Brito (1995) ao falar da transparência dos sinais na Libras, ou da iconicidade, menciona que a perda da iconicidade ou a ‘estratificação’ dos sinais ocorre quando se referem a elementos mais abstratos que inferem cognição, percepção, emoção e entre outros, sendo esses sinais arbitrários.

Finalmente, o gráfico seguinte, exhibe-se a relação da produtividade lexical com o período acadêmico dos sujeitos da amostragem.

Gráfico 4 – Relação da produtividade lexical com o período acadêmico.



Fonte: Dados compilados pela autora.

Percebe-se que a produtividade lexical ocorre após o período inicial do curso, alcança o ápice da criação durante o período intermediário e inexistente no final da graduação. À medida que os estudantes avançavam no conhecimento novas propostas de sinais surgiam.

Tal constatação leva-nos a considerar que, ao ingressar na graduação, o sujeito Surdo se vê exposto a novos conceitos e verbetes que não integram seu domínio linguístico. Portanto, a iniciativa de transferi-los para a língua-alvo, Libras, parece baixa, caracterizando o período inicial como pouco produtivo. Uma das hipóteses é que o falante, ainda em estágio de adaptação ao ambiente e em fase de apreensão do conteúdo acadêmico, mostra-se pouco confortável para a criação lexical.

Contudo, paralelamente à progressão do curso, há aprofundamento teórico e o maior tempo em contato com essas novas concepções, o que favorece ao falante a apropriação de verbetes inéditos para incorporá-los à LS. Justamente no período intermediário verifica-se maior criação lexical, seguida de expressiva queda do índice, resultando na produtividade nula ao final da graduação. Este período, mais comprometido do ponto de vista da criação lexical, pode remeter à baixa exposição a novos verbetes e conceitos, quando o falante não expressa necessidade de referenciação em Libras.

Reiteramos que os apontamentos feitos nesta seção são secundários a esta pesquisa e resultam da observação dos dados que a compõem, com os quais espera-se contribuir para estudos que atestem essas hipóteses em comparação a outras amostras associadas a outros cursos, instituições de ensino superior e a outras línguas de sinais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apresenta um caráter exploratório, por tratar de uma expansão, mesmo que modesta, no campo da Morfologia da Libras. Conforme apresentamos, previamente, nossa finalidade em realizar esta pesquisa justificou-se pelo considerável ingresso de Surdos brasileiros em cursos de nível superior de ensino, o que trouxe à tona o interesse de observação do fenômeno de expansão lexical da Libras no ambiente acadêmico.

Inicialmente, empenhou-se em discorrer sobre os efeitos de modalidade que se refletem na própria estrutura da língua. Para tanto, apontamos posicionamentos teóricos significativos em torno de suas construções morfológicas e da produtividade lexical, apresentados por estudiosos do tema, a fim de elucidar o modo peculiar do funcionamento da morfologia das línguas sinalizadas que dispõe de uma organização paramétrica baseada, principalmente, na simultaneidade.

A partir da compilação e análise do conjunto de 60 novos sinais da Libras, identificaram-se processos produtivos em Libras semelhantes àqueles alcançados em línguas orais. Tais processos foram classificados por ‘processos semânticos’, ‘processos composicionais’, ‘iconicidade’, ‘empréstimo estereotipado’ e ‘empréstimos por transliteração’. Propusemos, ainda, novo processo de expansão lexical da Libras, sugerindo uma nova classificação: a ‘ancoragem lexical’.

A proposta do processo de ‘ancoragem lexical’ contribui para os estudos da morfologia de línguas sinalizadas por apresentar a) uma discretização do núcleo morfoquiroológico de Libras – núcleo paramétrico derivacional e b) na identificação de relações paramétricas entre essas unidades. Destacamos estas relações: relações entre o segmento do tipo M e o traço L; e o condicionamento do parâmetro CM sobre Or.

Os objetivos secundários deste trabalho também foram alcançados, ao apontar relações interessantes entre as variáveis extralinguísticas e os processos de expansão lexical. Observou-se maior frequência da criação através do processo ‘iconicidade’ entre Surdos que tiveram o primeiro contato linguístico com a Libras; por outro lado, o uso de empréstimos estereotipados teve maior expressividade entre falantes com perfil linguístico LP-P.

Atestou-se, ainda, a emergência de processos que se justificam em um contexto de línguas em contato, como a frequência da importação dos vocábulos do português por transliteração. Quanto as relações aferidas entre o campo do conhecimento e os processos de expansão lexical, viu-se que a forte presença do processo icônico na área de Biomédicas deve-se à possibilidade de representação visual dos conceitos a serem incorporados, os quais,

em sua maioria, referem-se a signos concretos e palpáveis referentes ao corpo humano; Também, aferiu-se que a ocorrência do empréstimo estereotipado apenas no campo das Ciências Exatas confirma-se em virtude da grande exposição de verbetes que denotam símbolos notacionais disponíveis no referido campo. Finalmente, ao se observar a relação entre a produtividade lexical e o período acadêmico, tem-se por hipótese que a produtividade lexical ocorre paralelamente à progressão do curso e conseqüentemente, à medida que os estudantes avançavam no conhecimento.

Sob tal complexidade, os processos neológicos apresentados não se esgotam neste trabalho, ao contrário, suscitam inúmeras questões atinentes à ampliação e à renovação do léxico de línguas de sinais. Aqui, concluiu-se que os mecanismos de criação, por seu turno, propiciam a organização do léxico e o estabelecimento das significações por meio da visualidade e colaboram para o reaproveitamento de bases lexicais.

Tendo em vista as especificidades, foi possível aferir que as línguas sinalizadas, possuem estruturas linguísticas produtivas, que possibilitam assim, a produção de número infinito de construções a partir de um número finito de regras; conjunto de regras convencionais codificadas no léxico; os princípios pragmáticos que permitem aos seus usuários usar estrutura nos diferentes contextos de forma a corresponder as diversas funções linguísticas do cotidiano (CASTRO JÚNIOR, 2014).

A consequência imediata dos resultados encontrados na presente dissertação é a necessidade de ampliação dos dados para validar a proposta de um processo de ‘ancoragem lexical’ que delimita a combinação paramétrica formante do núcleo morfoquiroológico derivacional em Libras.

Na atual conjuntura da Libras, pode-se dizer que as pesquisas linguísticas, realizadas até então, no âmbito da Morfologia, ainda são muito embrionárias. Tem-se a expectativa de que, no futuro próximo, as gramáticas das LSs estejam sistematizadas, de modo que a inserção de novos verbetes ao léxico possa ser descrita com informações morfoquiroológicas mais completas.

Por tal razão, acredita-se que a amostra deste trabalho poderá ser utilizada em estudos que derem continuidade a esta pesquisa, sugere-se, portanto, catalogar esses novos sinais segundo sua estrutura morfoquiroológica, a fim de a) produzir um glossário para uso de futuros alunos, b) permitir a comparação desses processos e produtos com os associados a outros cursos/ instituições de ensino superior/ línguas de sinais.

Finalmente, apontamos que esta pesquisa poderá ser ampliada para estudos voltados ao campo da Sociolinguística, especialmente, ao analisar o comportamento desta amostra ao

longo do tempo numa perspectiva da variação e mudança linguística em tempo real.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, Neixa de Aquino; XAVIER, André Nogueira (Orgs.). *Libras em estudo: descrição e análise*. São Paulo: FENEIS, 2012.
- ALMEIDA, Nilson Teixeira de. *Gramática da Língua Portuguesa: para concursos, vestibulares, ENEM, colégios técnicos e militares*. 9 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990.
- ARONOFF, M.; MEIR, I.; PADDEN, C.; SANDLER, W. Morphological universals and the sign language type. In: BOOIJ, G.; MARLE, J. van. *Yearbook of Morphology*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2004, p. 19-38.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. Rio de Janeiro: Loyola, 1999.
- BASÍLIO, Margarida de. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009.
- BATTISON, R. *Phonological deletion in American sign language*. Sign Language Studies v.5, 1974, p. 1-19.
- BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: UNESP, 2003.
- BRASIL. *Lei nº 10.436*, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, n 79, p. 23, 25 abr. 2002.
- _____. *Decreto Federal nº 5.626*, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 2005.
- CAMPOS, Solange Maria Moreira de. Malabarismos lexicais na literatura: os neologismos visitam a sala de aula. *Anais do SIELP* v. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wpcontent/uploads/2014/07/volume_2_artigo_277.pdf> Acesso em: 06 ago. 2015.
- CAPOVILLA, F. C., SUTTON, V. Como ler e escrever os sinais de Libras: a escrita visual direta de sinais Sign Writing. In: CAPOVILLA, F. C.; W. D. Raphael; MAURÍCIO, A. C. M. (Orgs.). *Novo Deit-Libras: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas*. São Paulo: Edusp, 2013, v. 1, p. 73-121.
- CAMPELLO, A. R. *Pedagogia Visual na Educação dos Surdos*. Tese Doutorado Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.
- CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. *Variação Linguística em Língua de Sinais Brasileira – Foco no Léxico*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP. Universidade de Brasília, 2011.

_____. *Projeto Varlibras*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP. Universidade de Brasília – UnB, 2014.

CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.

_____. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, R. A.; ROSEBAUM, P. (Eds.) *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, Massachusetts: Ginn and Company, 1970.

_____. *Regras e representações*, Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *Knowledge of Language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

_____. *The Minimalist Program*. MIT Press, 1995.

COSTA, Messias Ramos. *Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: enciclobras*. 151 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do Português contemporâneo*. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CUXAC, Christian. Les langues des signes: analyseurs de la faculté de langage. AILE – Acquisition et interaction em langue étrangère, n. 15. *Les langues des signes: une perspective sémiogénétique*, 2001. Disponível em: <http://aile.revues.org/document1411.html>. Acesso em: 04 de outubro de 2016.

_____. *Fonctions et structures de l'iconicité des langues des signes*. Thèse de Doctorat d'Etat, Université Paris V, 1996.

DIAS-DA-SILVA, B. C.; OLIVEIRA, M. F.; MORAES, H. R. Groundwork for the development of the Brazilian Portuguese Wordnet. *Advances in natural language processing*. Berlin: Springer-Verlag, p.189-196, 2002.

DRESSLER, Wolfgang U. Compound types. In: LIBBEN, Gary; JAREMA, Gonia. (Eds.) *The representation and processing of compound words*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 23-44.

EMMOREY, K.; U. Bellugi e E. Klima. Organização neural da língua de sinais. In: M. C. Moura; A. C. B. Lodi e M. C. da C. Pereira. Orgs. *Língua de Sinais e Educação do Surdo. Série de Neuropsicologia*, vol. 3. São Paulo: Tec Art, p. 19-40, 1993.

FACUNDO, J. J. A formação de novos sinais em Libras a partir do parâmetro fonológico “ponto de articulação”. *Anais. X ENCONTRO DO CELSUL (Círculo de Estudos Linguísticos do Sul)*, UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), 2012.

Disponível em <<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/19331.pdf>> Acesso em: 10 set. 2015.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia. *Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica*. Brasília: UnB, 2009

FAULSTICH, Enilde. *A socioterminologia na comunicação científica e técnica*. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 58, n. 2, 2006.

FAULSTICH, Enilde. Modalidade oral-auditiva versus modalidade viso- espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. In: LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira (org). *Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cãnone, 2007

FELIPE, T. A. A estrutura frasal na LSCB. In: *Anais. IV ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL*, Recife, 1989.

_____. *Dicionário Digital da Libras*. 2 ed. Rio de Janeiro: FENEIS, 2005. Disponível em <<http://Librasemcontexto.org>> Acesso em: 03 set. 2015.

_____. *Os processos de formação de palavras na LIBRAS*. ETD – Educação Temática Digital. Campinas, 2006, v. 7, n. 2, p. 200-217.

FERRAZ, A. P. Neologismos no Português Brasileiro contemporâneo: aplicação ao ensino de Português para estrangeiros. In: *Colóquio Diálogos com a Lusofonia*, 2008. Varsóvia. Akta Konferencji. Varsóvia: Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich Uniwersytetu Warszawskiego, 2008, p. 114-132.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Por uma gramática de Línguas de Sinais*. Rio de Janeiro: Babel, 1995.

_____ *et al.* (Orgs.). Língua Brasileira de Sinais. In: *BRASIL*, v.3, SEESP. Brasília, 1998.

FIGUEIREDO SILVA, M. C.; SELL, F. F. S. *Algumas notas sobre os compostos em Português Brasileiro e em Libras*, 2009.

FISCHER, S. *Verb inflections in American Sign Language and their acquisition by the deaf child*. Paper presented at the WINTER MEETING OF THE LINGUISTIC SOCIETY OF AMERICA, [s. l., s. n.], 1973.

_____; SIPLE, P. (Eds.). *Theoretical issues in sign language research*. Linguistics v. 1. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

FREITAS, R. *Criação lexical: a produtividade da neologia semântica na fala do brasileiro*. Revista Travessias v. 2, n. 2, 2008. Disponível em <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3044/2390>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

FRIEDMAN, L. A. The manifestation of subject, object and topic in American Sign Language. In: LI, Charles N. (Ed.). *Word order and world order change*. Austin: University of Texas Press, 1976, p. 125-148.

FROMKIN *et al.* *An introduction to language*. 3rd ed. Sydney: Harcourt Brace, 1996.

GESSER, Audrei. *Libras: Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GREENBERG, J. H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: GREENBERG, J. H. (Ed.). *Universals of language*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1963, p. 73-113.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Librairie Larousse, 1975.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, S. Jay (Eds.). *The view from Building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993.

HARLEY, H.; NOYER, R. *State of the article: Distributed Morphology*. Glot International v. 4, n. 4, Pennsylvania, 1999, p. 3-9.

HAUSER, M. D.; CHOMSKY, N.; FITCH, W. T. *The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve?* SCIENCE 298, 2002, p. 1569-1579.

HULST, H. Dependency relations in the phonological representation of signs. In: BOS, H.; SCHERMER, T. (Eds.). *Sign language research*, 1994. Munich, Hamburg: Signum Press, 1995, p. 11-38.

JACKENDOFF, Ray. *X' syntax: a study of phrase structure*. Cambridge: MIT Press, 1977.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Aquisição da linguagem por crianças surdas: investigações sobre o léxico*. São Leopoldo: Caleidoscópio, 2004, v. 2, n. 1, p. 75-88.

KATAMBA, F. *Morphology*. Palgrave Modern Linguistics. London: Palgrave Macmillan Ed., 1993.

KENEDY, Eduardo. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The signs of language*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

LEITE, Tarcísio de A. *A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. 280 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIBBEN, Gary. Why study compound processing? An overview of the issues. In: LIBBEN, Gary; JAREMA, Gonia (Eds.) *The representation and processing of compound words*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 1-22.

LIDDELL, S. K. *Think and believe: sequentiality in American Sign Language*. Language 60, 1984, p. 372-399.

_____; JOHNSON, Robert E. *American Sign Language: the phonological base*. Sign Language Studies 64, 1989.

LILLO-MARTIN, D. C. *Universal Grammar and American Sign Language*. Kluwer Academic Publishers. Dordrecht. Boston. London, 1991.

LIMA, Hildomar José de. *Categorias lexicais na língua brasileira de sinais: nomes e verbos*. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

LUCAS, Ceil.; BAYLEY, Robert. Variação na língua de sinais americana: o papel da função gramatical. In: VASCONCELLOS, Maria Lúcia Barbosa de; QUADROS, Ronice Muller de. *Questões teóricas da Pesquisa em Línguas de Sinais*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

LUCHI, M. *Interpretação de descrições imagéticas: Onde está o léxico?* Dissertação de mestrado, programa de pós-graduação em estudos da tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2013.

MANDEL, M. A. *Phonotactics and morphophonology in American Sign Language*. UC, Bekerley. PhD Dissertation, 1981.

MANDELBLATT, J.; FELIPE, T. A.; BAALBAKI, A.; FAVORITO, W. *Processo de expansão lexical da Libras: estudos preliminares sobre criação terminológica em um curso de Pedagogia*. LSI – Língua de sinais e interpretação v. 3, p. 89-102, 2012.

MARANTZ, Alec. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. University of Pennsylvania. Working Papers in Linguistics. DIMITRIADIS *et al.* (Eds.). *Proceedings*. 21st ANNUAL PENN LINGUISTICS COLLOQUIUM v. 42, 1997, p. 201-225.

MARTINS, T. A; *Um estudo descritivo sobre as manifestações de ambiguidade lexical em Libras*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2013.

_____; BIDARRA, J. O problema da ambiguidade lexical para a interpretação envolvendo a Língua Portuguesa e Libras. *Anais do SIELP* v. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

MATTHEWS, P. H. *Morphology: an introduction to the Theory of Word-Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

MCCLEARY, Leland. *Sociolinguística*. Curso de Letras/Libras. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

MEIR, Irit. A realização morfológica dos campos semânticos. In: VASCONCELLOS, Maria Lúcia Barbosa de; QUADROS, Ronice Muller de. *Questões teóricas da Pesquisa em Línguas de Sinais*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

MINUSSI, Rafael Dias; RODERO-TAKAHIRA, Aline Garcia. *Observações sobre os compostos da LIBRAS: a interpretação das categorias gramaticais*. Revista

Linguística/Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro v. 9, n. 1, jun 2013. Disponível em <<http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

MORATO, R. M.; FERRAZ, A. P. Neologismos e desenvolvimento da competência lexical em Querô: uma reportagem maldita. In: II Simpósio Internacional de Ensino de língua portuguesa, 2012, Uberlândia. *Anais do SIELP*. Uberlândia: EDU, v. 2. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.ufmg>>. Acesso em: 14 mai. 2015.

NAKAGAWA, Fábio Sadao. *UNIrevista* - Vol. 1, n° 3, julho, 2006.

NASCIMENTO, Cristiane Batista do. *Empréstimo linguístico do Português na Língua de Sinais Brasileira – LSB: línguas em contato*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

NEIDLE, C. *et al. The syntax of American Sign Language: functional categories and hierarchical structure*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000.

NÓBREGA, Vitor Augusto. *Composição na Morfologia Distribuída: dos universais à variação*. ReVEL v. 13, n. 24. Disponível em <www.revel.inf.br>. Acesso em: 05 out. 2015.

OLIVEIRA, Janine Soares de. *Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário LetrasLibras*. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2015.

PADDEN, Carol A. *Interaction of morphology and syntax in ASL*. San Diego: University of California. Doctoral Dissertation, 1983.

PERLIN, Teresinha Gládis. O lugar da cultura surda. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Orgs.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Morfologia. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.

PIZZIO, Aline Lemos. *A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da língua de sinais brasileira: construção com tópico e foco*. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

_____. *A Tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos*. 237 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. *Optimality Theory: constraint interaction in Generative Grammar*. Rutgers University, New Brunswick, University of Colorado, Boulder, 1993.

PROMETI, D. *Glossário bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: criação de sinais dos termos da música*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Instituto

de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2013.

QUADROS, Ronice Muller de. *Phrase structure of Brazilian Sign Language*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

_____; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____; *Efeitos de modalidade de línguas: as línguas de sinais*. ETD: Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n.2, p. 167-177, 2006.

_____; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. *Língua Brasileira de Sinais I*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto_base.pdf> Acesso em: 20 nov 2015.

RAPOSO, E. *Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.

RODERO-TAKAHIRA, Aline Garcia. *Compostos na Língua de Sinais Brasileira*. 203 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-23112015-125742/>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

RODRIGUES, Isabel Cristina; BAALBAKI, Ângela Corrêa Ferreira. *Práticas sociais entre línguas em contato: os empréstimos linguísticos do Português à Libras*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada v. 14, n. 4, 2014.

SANDLER, W. *One phonology or two? Sign language and phonological theory*. Glot International v. 1, 1995.

_____; LILLO-MARTIN, D. *Sign language and linguistic universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SCHWINDT, L. C. *et al. Apresentação: um novo retorno da Morfologia*. ReVEL edição especial n. 5, 2011. Disponível em <www.revel.inf.br>. Acesso em: 20 jan. 2015.

SILVA, Augusto Soares da. *O mundo dos sentidos em Português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

SILVA, Everton Lourenço da. *O advento da Morfologia Distribuída*. ReVEL v. 8, n. 14, 2010. Disponível em <<http://www.revel.inf.br>>. Acesso em: 18 fev. 2015.

SILVA, Marília da Piedade Marinho. *A semântica como negociação dos significados em Libras*. Trabalhos Linguísticos Aplicados v. 45, n. 2, p. 255-269, Campinas, 2006. Disponível em <dx.doi.org/10.1590/S0103-18132006000200007> Acesso em: 15 jul 2016.

SIPLE, P. *Visual constraints for sign language communication*. Sign Language Studies v. 19, 1978.

SCHWAGER, W.; ZESHAN, U. Word classes in Raízes, folhas e ramos – A tipologia de línguas de sinais Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais, 51 Sign Languages – Criteria and classifications. In: Ansaldo, U.; Don, J.; PFAU, R. (Orgs.). *Studies in Language*, 2008.

STOKOE, W. *Sign Language Structure: an outline of the visual communication system of the American deaf*. Studies in Linguistic, Occasional Papers 8. Buffalo: University of Buffalo Press, 1960.

_____; CASTERLINE, D.; CRONEBERG, C. *A dictionary of American Sign Language on linguistic principles*. Silver Spring, MD: Gallaudet College Press, 1965.

STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. *Aspectos linguísticos da Libras*. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STROBEL, Karin Lilian. *As Imagens do outro sobre a Cultura Surda*. Florianópolis, Ed. Da UFSC, 2008.

SUPALLA, T; NEWPORT, E. How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in American Sign Language. In: SIPLE, P. (Ed.). *Understanding language*, 1978.

TUXI, Patrícia. Proposta de organização de verbete em glossários terminológicos bilíngues - Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 557-588, jul-dez, 2015.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.

VIADER, Maria Pilar Fernandez; PERTUSA, Esther; VINARDELL, Marta. Importância das estratégias e recursos da professora surda no processo de ensino e aprendizagem da língua escrita. In SKLIAR, Carlos (Org.). *Atualidade da educação bilíngue para surdos: interfaces entre pedagogia e linguística*. Porto Alegre: Mediação v. 2, 1999.

XAVIER, André Nogueira. *Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (Libras)*. 175 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ZESHAN, U. Mouthing in Indopakistani Sign Language (IPSL): regularities and variations. In: BOYES, P. B.; SUTTON-SPENCE, R. *The hands are the head of the mouth: the mouth as articulator in sign language*. International Studies on Sign Language and Communication of the Deaf 39. Hamburg: Signum, 2001.

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS**

Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

N.º Registro CEP: 48994815.7.0000.5137

Título do Projeto: Os processos de expansão lexical da Libras no ambiente acadêmico.

Prezado Sr(a),

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que estudará os processos de produtividade lexical em Libras no ambiente acadêmico.

Você foi selecionado(a) porque é falante da Libras e está vinculado a uma Instituição Acadêmica que vivencia práticas de linguagem que possibilitam a criação de novos itens lexicais. A sua participação neste estudo consiste em entrevista para coleta de dados dentro do ambiente acadêmico da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Não há riscos (nem desconfortos) envolvidos neste estudo.

Sua participação é muito importante e voluntária e, conseqüentemente, não haverá pagamento por participar deste estudo. Em contrapartida, você também não terá nenhum gasto.

As informações obtidas neste estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as fases da pesquisa e quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa, uma vez que os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e, não, de uma pessoa. Você poderá se recusar a participar ou a responder algumas das questões a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se essa for a sua decisão.

Todo material coletado durante a pesquisa ficará sob a guarda e responsabilidade do pesquisador responsável pelo período de 5 (cinco) anos e, após esse período, será destruído.

Os resultados desta pesquisa servirão para investigar os aspectos linguísticos e extralinguísticos envolvidos na produtividade lexical a fim de descrever a estrutura dos novos itens lexicais criados no ambiente acadêmico.

Para todos os participantes, em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, será observada, nos termos da lei, a responsabilidade civil.

Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517
CEP 30535.610 - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil
e-mail: cep.proppg@pucminas.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Você receberá uma via deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisador responsável: Hadassa Rodrigues Santos
Endereço: Rua Itapé, 162, Betim/MG - CEP: 32672-588
Tel: (31) 8304-8604

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, envolvendo Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, coordenado pela Prof.^a Cristiana Leite Carvalho, que poderá ser contatada em caso de questões éticas, pelo telefone 3319-4517 ou e-mail cep.proppg@pucminas.br.

O presente termo será assinado em 02 (duas) vias de igual teor.

Belo Horizonte, 01 de setembro de 2015.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

Nome do participante (em letra de forma)

Assinatura do participante ou representante legal

Data

Eu, **Hadassa Rodrigues Santos**, comprometo-me a cumprir todas as exigências e responsabilidades a mim conferidas neste termo e agradeço pela sua colaboração e sua confiança.

Assinatura do pesquisador

Data

ANEXO B – Itens lexicais da amostra

ITENS LEXICAIS	PROCESSOS DE EXPANSÃO LEXICAL
Aorta	Iconicidade
Articulação	Iconicidade
Artigo	Ancoragem lexical
Ativo	Empréstimo por transliteração
Autor	Ancoragem lexical
Citação	Processos semânticos
Citologia	Iconicidade
Cliente	Ancoragem lexical
Compilar	Ancoragem lexical
Cosseno	Empréstimo por transliteração
Crédito	Empréstimo por transliteração
Débito	Empréstimo por transliteração
Demência	Ancoragem lexical
Design de interiores	Processos Composicionais
Despesa	Ancoragem lexical
Doutrina	Ancoragem lexical
Emenda Constitucional	Processos Composicionais
Estoque	Ancoragem lexical
Forração	Processos semânticos
Imunologia	Ancoragem lexical
Inciso	Ancoragem lexical
Infinito	Empréstimo estereotipado
Intimação	Processos semânticos
Investimento (1)	Ancoragem lexical
Investimento (2)	Ancoragem lexical
Java	Processos semânticos
Lei complementar	Processos Composicionais
Lei delegada	Processos Composicionais
Lei ordinária	Ancoragem lexical
Lei sumária	Ancoragem lexical
Linux	Iconicidade
Logística	Ancoragem lexical
Marketing	Empréstimo por transliteração
Medida Provisória	Processos Composicionais
Músculo	Iconicidade
Organização	Ancoragem lexical
Organograma	Iconicidade
Ovário	Iconicidade
Parâmetro	Empréstimo estereotipado

Passivo	Empréstimo por transliteração
Pena	Processos Compositivos
Photoshop	Empréstimo estereotipado
Número PI	Empréstimo estereotipado
Privatização	Processos Compositivos
Produção	Ancoragem lexical
Pulmão	Iconicidade
Raiz quadrada	Empréstimo estereotipado
Razonete	Empréstimo estereotipado
Receita	Ancoragem lexical
Recurso	Processos semânticos
Réu	Ancoragem lexical
Seno	Empréstimo por transliteração
Sigma	Empréstimo estereotipado
Sistema Nervoso	Iconicidade
Sociedade	Processos Compositivos
Tangente	Empréstimo por transliteração
Taxa	Empréstimo estereotipado
Turista	Ancoragem lexical
Útero	Iconicidade
Vetor	Empréstimo estereotipado

ANEXO C - CD-ROM – *Corpus da Pesquisa*